



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Rui Duarte Lacerda Lopes Magalhães

O DESPORTO UNIVERSITÁRIO EM PORTUGAL E ITÁLIA
PAPEL DO DESPORTO NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE E
INTEGRAÇÃO SOCIAL

Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, orientada pela Professora Doutora Helena Neves Almeida e apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e Faculdade de Economia

Setembro de 2018

Dedicatória

À minha Avó Brazinda e ao meu Avô Lopes

*Parte, e tu verás
Como as coisas que eram, não são mais
E o amor dos que te esperam
Parece ter ficado para trás
E tudo o que te deram
Se desfaz.*

*Parte, e tu verás
Como o que era real, resta impreciso
Como é preciso ir por onde vais
Com razão, sem razão, como é preciso
Que andes por onde estás.*

(...)

Vinícius de Moraes

Agradecimentos

O processo de investigação é uma empreitada morosa e solitária, vestida de candeeiros soturnos e janelas corridas, numa qualquer mesa alumiada pela lua e pela fresta de uma persiana que esconde a vida agitada dos demais. Os dois nomes na capa não são mais do que um véu por onde se entreveem todos aqueles que tornaram possível transcorrer este latim em forma de ciência. Mais de cinquenta por cento deste trabalho foi possível de realizar graças ao Doutor Francis Cirianni, homem de uma generosidade inigualável, que abriu as portas de sua casa para dois desconhecidos em nome do conhecimento, juntamente com a Dra. Annagrazia Iaria, senhora com um coração de ouro, sagaz e inspiradora. Foram Pai e Mãe onde tinha eu pouco mais, e jamais esquecerei por quantos anos viva o exemplo de humildade, humanidade e curiosidade que me prestaram. A vós, e aos gémeos George e Mark Cirianni, *grazie per avermi fatto parte della vostra famiglia*.

À Cristiana Marques, obrigado por teres permitido toda esta viagem, ombreando-me, apoiando-me, incitando-me e acarinhando-me. Somos uma equipa una e conquistadora, e ver-te crescer de perto foi o maior privilégio de todo este percurso. Paulo Coelho diz existirem apenas duas histórias possíveis: a história de um amor e a história de uma viagem. Eu e tu realizamos ambas.

A minha Mãe, que sempre com os devidos “credos” foi a minha fã número um. E como poderia ter sido eu diferente se a fasquia foi sempre elevada pela força do exemplo? Se a minha vida foi emoldurada pelo esforço de uma guerreira que não admite fronteiras entre os seus filhos e o seu sucesso? A sua altura intelectual e emocional, bem como o entendimento sobre o Mundo que me emprestou foram, sem dúvida, as sementes que um dia eu gostaria de ser capaz de plantar nos meus filhos também. Agradeço igualmente ao meu irmão Dinis, por me dar sempre uma palavra de apoio, por sair sempre da sua luta quotidiana para me dar um abraço quando mais precisava.

Uma palavra para os meus Avós Brazinda e Rui, que tendo já merecido a dedicatória merecem também que se diga que foram, são e serão a pedra basilar da minha vida. Este trabalho só existe porque vocês me deram tudo para que eu o pudesse fazer. Obrigado Avó Rita por tornares cada momento de tensão num sorriso, cada amargura num gesto doce, cada olhar preocupado num motivo para trabalhar. Obrigado Avó

Palmira, que ainda que nascida em 1922 me ensina que tenho muito para aprender, e que mesmo não sabendo ler o que escrevo me pergunta: “Como correram os exames? Tu estuda!”. Um agradecimento à Tia Sara e João, que jamais afastaram de mim o seu apoio e compreensão. Dois estudantes de Coimbra que me viram crescer, e que lutaram para que me pudessem tratar por “colega”.

À minha orientadora, a Professora Doutora Helena Neves Almeida, deixo um sincero agradecimento por ter nunca deixado de acreditar em mim, mesmo quando a luz ao fundo do túnel era triquilitante.

A todos os membros da Associação Académica de Coimbra, Universidade de Coimbra, Centro Universitário Desportivo de Itália e Centro Universitário Desportivo de Reggio Calábria, um agradecimento profundo por me terem dado a conhecer a realidade de tão perto. Obrigado à Sandra Vaz por me oferecer a oportunidade de fazer acontecer os Jogos Europeus Universitários em Coimbra 2018, e por ser uma amiga que jamais deixarei de ter como referência no trabalho e na vida.

Por último, quero referir os amigos Pedro Medeiros, Filipe Gonçalves, Pedro Couto, José Azevedo, Alain Baumann, Cláudio Pereira, Tiago Felgar, Nuno Magno, Ana Fernandes, Eduardo Martins, Beatriz Albano, Marta Mouta e Rosana Diaz, por me terem acrescentado ao longo destes anos momentos inesquecíveis, e fazerem deste trabalho uma amálgama de cada um dos seus sorrisos, vozes e conselhos.

RESUMO

A presente investigação entende o Desporto como um fenómeno total com um papel fundamental na promoção e manutenção do bem-estar enquanto prática histórica e social, interligada com a construção do mundo e dos seus significados. O Desporto Universitário desempenha um papel fundamental na governação das Instituições de Ensino Superior, bem como na vida dos estudantes que as frequentam.

É analisado o papel do Desporto Universitário na promoção da Igualdade e Integração Social, nas dimensões da perceção do Status Social, Respeito, Consideração Mútua e Preocupação com o Semelhante, bem como nas Noções de Comunidade, Fraternidade e Solidariedade. Procurar-se estabelecer reflexões sobre a Igualdade de Género, Respeito pela Orientação Sexual, Diversidade Étnica, Violência e Acesso a Bens e Oportunidades.

A partir de um entendimento ontológico construtivista, segundo uma linha de pensamento epistemológico interpretativista, esta investigação apresenta um Estudo de Caso Múltiplo Transnacional, comparando a organização do Desporto Universitário em Portugal e em Itália, utilizando Métodos Mistos. Na a recolha de dados são utilizados Questionários para os Estudantes-Atletas, Entrevistas Semiestruturadas Individuais a Dirigentes, Treinadores e Atletas, Grupos Focais em ambos os casos investigados, e Análise Documental nos órgãos da tutela do fenómeno desportivo.

A principal nota conclusiva estabelece uma relação próxima entre o Desporto Universitário e os objetivos dos Estados Sociais Sul-Europeus, indiciando uma relação próxima entre este e a produção de uma sociedade de bem-estar. Explora-se também a capacidade de o Desporto catalisar a mudança social, dirigindo a atenção do indivíduo para a comunidade, responsabilizando-o e capacitando-o para uma intervenção responsável e construtiva nas esferas pública e privada.

Palavras Chave: Desporto Universitário, Integração Social, Igualdade Social, Problemas Sociais, Gestão do Desporto.

ABSTRACT

The present investigation understands Sports as a holistic phenomenon with a fundamental role in the promotion and maintenance of well-being as an historical and social practice, connected with the construction of the world and its significances. Universities Sports plays a fundamental role in the Higher Education Institution's governance, as well as in the life of the students who attend them.

The role of Universities Sports is analysed according to the promotion of Social Equality and Integration, in the dimensions of Social Status perception, Respect, Mutual Consideration, Concern about the Similar One, as well as in the Notions of Community, Fraternity and Solidarity. Reflexions are established upon Gender Equality, Respect for Sexual Orientation, Ethnic Diversity, Violence and Access to Goods and Opportunities.

Assuming a constructivist ontological understanding and an interpretative epistemological reasoning, this investigation presents a Transnational Multiple Case-Study, comparing Universities Sport organization in Portugal and in Italy, using Mixed Methods. For data collection a Survey is used for the Student-Athletes, as well as Semi-structured individual interviews for Sport Managers, Coaches and Athletes. A Focus Group is developed within each of the investigated cases, and a Document Analysis is used to assess the management bodies of the sporting phenomena.

The main outcome establishes a close relationship between Universities Sport and the Goals of the Southern European Social States, indicating a dialog between these and the production of a welfare society. The role of Sport as a catalyst for social change is also explored, as it diverts the focus from the individual to the community level, promoting the accountability and the training of the subject for a responsible and constructive social intervention in the public and private spheres.

Key-words: Universities Sport, Social Integration, Social Equality, Social Problems, Sports Management.

LISTA DE SIGLAS

AAC	Associação Académica de Coimbra
AE	Associação de Estudantes
AG	Assembleia Geral
CMC	Câmara Municipal de Coimbra
CNU	Campeonato Nacional Universitário
COI	Comité Olímpico de Portugal
CONI	Comité Olímpico Nacional Italiano
CUS	Centro Universitário Desportivo
CUSI	Centro Universitário Desportivo Italiano
DGAAC	Direção Geral da Associação Académica de Coimbra
DGES	Direção Geral do Ensino Superior
ES	Ensino Superior
EUC	European Universities Championship
EUSA	European Universities Sport Association
EUG	European Universities Games
FADU	Federação Académica do Desporto Universitário
FISU	Fédération Internationale du Sport Universitaire
ICUS	International Commissariat of University Sport
ICS	International Confederation of Students
IEFP	Instituto do Emprego e Formação Profissional
IES	Instituição de Ensino Superior
IPDJ	Instituto Português do Desporto e Juventude
ISU	International Students Union
MEC	Ministério da Educação
UC	Universidade de Coimbra
UE	União Europeia

TABELA DE CONTEÚDOS

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I	22
DIMENSÕES CONCEPTUAIS, POLÍTICAS E SOCIAIS DO DESPORTO UNIVERSITÁRIO	22
1. Delimitação Conceptual do Desporto Universitário.....	22
2. Estado Social	24
<i>Desporto, Estado e Instrumentalização.....</i>	<i>26</i>
<i>Desporto e Políticas Sociais.....</i>	<i>28</i>
3. Problemas Sociais.....	30
<i>Desporto e Discriminação Étnica</i>	<i>30</i>
<i>Desporto e Desigualdade de Género.....</i>	<i>32</i>
4. Igualdade e Inclusão Social	35
<i>Exclusão vs Inclusão</i>	<i>35</i>
<i>Problema na Recolha de Dados</i>	<i>37</i>
<i>O paradoxo do Desporto</i>	<i>38</i>
CAPÍTULO II.....	40
PAPEL DO DESPORTO NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE E INCLUSÃO SOCIAL.....	40
1. Da produção de conhecimento	40
1.1. O Corpo vivido como limite do método	42
1.2. Considerações Metodológicas	44
2. Problema, Objeto e Objetivos.....	47
3. Opções Metodológicas	49
4. Modelo de Análise.....	51
5. Procedimentos de Pesquisa.....	55
5.1. Amostra e Sujeitos de Investigação	55
5.2. Técnicas de recolha de dados	59
5.3. Aspetos Éticos da Pesquisa.....	60
5.4. Análise de Dados	60
5.5. Descrição do processo de investigação	62
CAPÍTULO III	63
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	64
1. Organização do Desporto Universitário	64
1.1. Frequência, teor, sustentabilidade e público-alvo das atividades desportivas.....	67
1.2. Fontes de Financiamento	70
1.3. Papel do Desporto Universitário na conjuntura política local e nacional.....	72
1.4. Voluntariado no Desporto Universitário	74
2. O Desporto Universitário e os Problemas Sociais.....	75
2.1. O Desporto Universitário e a Igualdade Social	76
2.1.1. Do Status Social	78
2.1.2. Respeito e Consideração Mútua	79
2.1.3. Preocupação com o Semelhante	80

2.1.4. Distribuição de bens e igualdade de acesso.....	82
2.2. O Desporto Universitário e a Integração Social	86
2.2.1. Noções de Comunidade, Fraternidade e Solidariedade	86
2.2.2. Orientação Sexual e Igualdade de Género.....	88
2.2.3. Diversidade Étnica no Desporto Universitário.....	91
2.2.4. Violência no Desporto Universitário	92
2.3. Estratégias adotadas na resolução de problemas sociais no Desporto Universitário	93
CAPÍTULO IV.....	96
DISCUSSÃO DOS DADOS	96
1. Orgânica, Funcionamento e Objetivos	96
2. Promoção da Igualdade	99
3. Integração Social	100
4. Estratégias Adotadas.....	101
NOTAS CONCLUSIVAS	104
<i>Orientações Futuras.....</i>	<i>107</i>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
APÊNDICES	116
APÊNDICE I – Questionário para Atletas-Estudantes.....	116
APÊNDICE II – Guião para Entrevista Semiestruturada – Atletas.....	126
APÊNDICE III – Guião para Entrevista Semiestruturada – Treinadores.....	130
APÊNDICE IV – Guião para Entrevista Semiestruturada – Dirigentes.....	134
APÊNDICE V – Guião para os Grupos Focais	138
APÊNDICE VI – Declaração de Confidencialidade	142
APÊNDICE VII – Declaração de Consentimento Informado	143
ÍNDICE DE TABELAS.....	145
ÍNDICE DE ESQUEMAS.....	145
ÍNDICE DE GRÁFICOS	145

INTRODUÇÃO

O Desporto surge, como indica a sua origem etimológica, como um fenómeno social espontâneo e desinteressado. Do inglês, *Sport* surge da contração da palavra *disport*, cuja origem francesa *deport* indica “sair do trabalho” ou “tempo livre”. A noção de desporto enquanto fenómeno social de base alargada não surge na literatura até ao século XIX, derivação natural da sua associação e uso quase exclusivo da aristocracia. É com a revolução industrial que surgem os desportos de massas a par e passo com a reinstituição dos Jogos Olímpicos (Pires, 2005). A ascensão do Desporto ao estatuto de maior fenómeno à escala humana durante o século XX, obriga as estruturas governamentais das diferentes nações do Planeta a uma competição importantíssima no controlo das políticas públicas, moldando o espectro político de formas díspares.

A fundação do movimento olímpico internacional em 1896 na cidade de Atenas, provém da concretização de um ideal do Barão Pierre de Coubertin, um personagem rico da sociedade francesa. Os seus interesses fizeram-no cirandar o facto histórico das Olimpíadas Gregas. Ávido por fazer inscrever o seu país nestas competições, Coubertin tomou como sua a missão de fazer ressurgir um movimento desportivo global, onde à semelhança dos confrontos travados entre as cidades-estado gregas, as nações do Mundo poderão digladiar os seus melhores atletas pela supremacia de um determinado ideal. E da mesma forma que os Jogos da Antiguidade Grega instauravam a paz na Península, substituindo a mortandade dos campos de batalha pelos festejos do atletismo (também ele com conexões bélicas), os Jogos Olímpicos Modernos espelham um ideal Romântico de sociedade idealista, focada numa mostra pequena do encanto alienante dos feitos dos desportistas, exaltando a supremacia implícita de um estado em relação ao outro (Guimar, 2003). Nos Jogos de Estocolmo, em 1912, é publicado um poema de Coubertin sob o pseudónimo de Georges Hohrob e M. Eschbach num concurso literário que exaltava os valores do Olimpismo. O Desporto foi descrito como a “essência da vida”, “beleza”, “justiça”, “audácia”, “honra”, “alegria”, “fecundidade”, “progresso” e “paz”, configurando um ideal de sociedade perfeita e puritana.

O Desporto foi no passado uma garantia de união entre de povos e religiões e, ao sê-lo, gerou discussões que predizeram grandes alterações sociais do tempo, como a problemática dos direitos humanos em 1933, sendo que a declaração universal surge em

1948. Foi também preponderante na ascensão de líderes mundiais, como Mussolini e a organização do Mundial de Futebol em 1934, e palco de lutas pelos direitos de grupos étnicos e movimentos, como foi o caso da saudação “Black Power” em 1968 na Cidade do México. O Fenómeno desportivo é o palco de democratização do uso da palavra, um movimento que dá e sempre deu poder a quem o soube instrumentalizar. Como ferramenta do estado social é uma peça fundamental na aceção das condições de vida da população, bem como no estabelecimento de estratégias de ordenamento do território (Heinemann, 2005). Em Portugal, a distribuição geográfica dos clubes de primeira liga de futebol é um indicador excelente do grau de desenvolvimento da economia local, bem como a internacionalização dos jogadores pode reforçar a confiança entre duas nações (Mezzadri, Moraes e Silva, Figuéroa, & Starepravo, 2015).

A ideia de Estado Soberano ou Estado Nação é, à primeira vista, um construto imutável, moldado a par de uma necessidade de gerir um determinado território. No entanto, poder-se-á perguntar de que forma foram lançadas as fundações daquilo a que ocidentalmente se denomina de País e subsequente “Estado”. É atribuída à “Paz de Vestefália” (que terminou a Guerra dos 30 Anos) a fundação das conceções modernas de sistema internacional de estados soberanos, cada um com a sua autoridade e limites geográficos, em 1648. O modelo Vestefaliano de estado soberano é baseado nos princípios da autonomia, território, reconhecimento mútuo e controlo, e providencia um padrão claro reconhecido ainda nos dias de hoje (Olsen & March, 2001). As formas de gestão e os modelos hierárquicos associados às cadeias de comando de uma determinada sociedade são elas próprias múltiplas e variadas. Os regimes podem adquirir uma multiplicidade de estruturas, podendo ser monárquicos, eclesiásticos, presidenciais, emirados, federais, autoritários, anárquicos, etc. No entanto em todos, e ao longo da história, o fenómeno desportivo teve o seu lugar e a sua influência, podendo ter sido usado ou manipulado de forma a cumprir diferentes desígnios. De que forma os regimes políticos e as conceções de Estado envolveram o desporto no tecido social? Serão os regimes isentos de responsabilidade no desenvolvimento desportivo? É o fenómeno desportivo um instrumento político?

Na prossecução da construção de um estado social, a Constituição da República Portuguesa de 1976 prevê a instauração de um modelo que tem por base a universalização dos direitos sociais, nomeadamente os direitos políticos, cívicos, sociais e culturais. A

democracia exige participação, discussão, variedade e divergência para que possa ser saudável. De entre as garantias de primeira ordem, temos as de democracia avançada, como o direito ao trabalho, emprego, assistência no desemprego salário mínimo, segurança social, sistemas de proteção de saúde, habitação e educação. A Lei de Bases da Segurança Social nº 28/84 enquadra estes regimes com os princípios de universalidade, unidade, igualdade, descentralização solidariedade e participação, sendo uma das garantias a da proximidade dos cidadãos. Ora, não será o fenómeno desportivo um construto holístico, terreno comum entre classes sociais e credos, catalisadores de políticas e exemplos de boas práticas sociais?

Esping-Andersen (1990) surge com a conceção dos três mundos da economia política do estado social. Compreende-se a tipologia de ES liberal como promotora de mecanismos de desmercadorização da população residual, redistribuição de recursos limitada e estigmatizadora com ênfase no mercado da esfera privada. Uma segunda categoria consente o regime conservador como introdutor de mecanismos de desmercadorização elevada, com uma redistribuição de recursos residual e proteção social primária assente na família. O regime de ES Social-Democrata compreende altos níveis de desmercadorização, redistribuição de recursos alta e proteção social assente nos mecanismos do Estado. Leibfried (1992), Petmesidou (1996) e Ferrera (1996) consentem o regime Sul-Europeu, onde o “cluster” composto por Grécia, Itália, Espanha e Portugal, compõem uma tipologia que, derivando do regime conservador (Karamessini, 2008), se caracteriza por políticas de manutenção de rendimentos instáveis (picos de generosidade vs não-proteção), baixo grau de penetração do Estado na proteção social com o familiarismo como forma de intervenção primária; persistência no clientelismo nos mecanismos de acesso a distribuição de fundos e combinação de instituições públicas e privadas na proteção da população.

Goodin, Headey, Muffels & Dirven (1999), estabelecem seis valores morais pelos quais se os Estados Sociais se têm tradicionalmente regido: Redução da pobreza, promoção da eficiência económica, igualdade social, integração social, estabilidade social e autonomia. Habermas (1973) afirma estas áreas de intervenção como sendo as ferramentas de legitimação dos governos desta tipologia. Não será o fenómeno desportivo reconhecido como ator social na promoção destes mesmo ideais? De acordo com o relatório do Eurobarómetro da União Europeia de 2004 “Cidadãos da União Europeia e

o Desporto”, 73% da população dos estados membros considera o Desporto uma ferramenta de promoção da integração de comunidade imigrante. No mesmo relatório de verifica-se que 64% da população encontra no Desporto uma forma de promover a igualdade e reduzir a discriminação. Estas posições voltam a ser reforçadas nas medidas anunciadas no “Livro Branco sobre o Desporto” (2007) da Comissão Europeia.

Em Portugal, o relatório da Conta Satélite do Desporto (2010-2012) identifica 25 mil entidades desportivas, representando 1,2% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) do território nacional, e 1,4% do emprego da economia portuguesa, com uma remuneração média dos agentes superior em 5% à média nacional. Estes dados revelam o valor económico do Desporto em Portugal, cuja natureza está intimamente ligada ao seu 3º setor. Segundo a Conta Satélite da Economia Social (2010), 48,4% das unidades de economia social são de atividade Cultural, Desportiva e Recreativa.

O Desporto poderá ser uma das chaves da estabilidade e prosperidade da democracia Portuguesa e Italiana, defendendo os direitos constitucionais dos seus cidadãos na prossecução de uma sociedade mais justa e igualitária. Da compreensão destes fatores depende o sucesso do entendimento de uma das peças fundamentais da ação humana, o Desporto, “Le fait Social Total”, o fenómeno social total (Mauss & Levi-Strauss, 2008). A compreensão da relação entre o Estado Português e o Fenómeno Desportivo é uma chave para entender e predizer o sucesso e melhoria do Estado Social Sul Europeu como o conhecemos.

A União Europeia reconhece de forma muito específica o valor e função social do desporto. É absolutamente inequívoco que o Desporto é entendido como importante nas áreas de educação e formação, saúde, promoção do voluntariado e cidadania ativa, tendo sido reconhecidas as capacidades na promoção da inclusão social, integração e igualdade oportunidades. Numa união de 27 Estados Membros, o entendimento espalha-se na direção da promoção de desenvolvimento sustentável e partilha de valores com outras regiões do Globo (COM, 2007). Segundo a Alínea a) do ponto 1. do artigo 1º Carta Europeia do Desporto (1992), para o Conselho da Europa, Desporto é "todas as formas de atividade física que, através da participação ocasional ou organizada, visam exprimir ou melhorar a condição física e o bem estar mental, constituindo relações sociais ou obtendo resultados nas competições a todos os níveis” (pp. 2), ou seja, açambarca responsabilidades económicas, políticas e sociais, valorando-se e revestindo-se de um

caráter eminentemente instrumental e aberto ao uso discriminado e deliberado.

Estabelecendo-se a universalidade dos valores, prática, expressões, interpretações e discursos associados ao desporto, não é estranho indagarmos acerca do seu real valor, ou do seu real uso. Tal como em qualquer outra área de estudo, o fenómeno desportivo vai assumindo discursos dominantes (*paradigmas* se quisermos) cuja visão molda o entendimento do desporto de forma circunstancial e “ao seu tempo”. José Esteves (1999) não ensaia uma visão menos abrangente, assumindo uma única forma de entender o fenómeno desportivo: “na perspectiva das estruturas sociais” (pp.21). Identifica logo a partir de 1967 as dialéticas dominantes como sendo eminentemente pedagogistas e economicistas. A humanidade constitui-se de indivíduos que procuram a supremacia, batem-se por uma vantagem ou uma oportunidade em todos os momentos. A socialização torna-se um processo de alienação e desumanização na procura de benefícios como dinheiro, poder, estatuto social. O desporto representa a luta do Homem contra o Homem, sucessões de vencedores e vencidos que vivem embrenhados no complexo de estratificação classista, desigualdades, lutas e dificuldades. Para José Esteves a vida e o fenómeno social são um só total e complexo.

Ao longo deste trabalho destrinçam-se as dimensões sociais do desporto a partir dos pressupostos teóricos, passando para as reflexões na *Legis* Europeia, e analisando como e com que prevalência as encontramos nas realidades desportivas das universidades portuguesas e italianas. Através de uma metodologia mista, procura através da coleta de dados quantitativos agregados alimentar a discussão nos dados recolhidos por meio de entrevistas individuais e grupais nos dois Estudos de Caso, a Associação Académica de Coimbra e o Centro Universitário Desportivo de Reggio Calábria. Analisa-se assim a relação entre o Desporto Universitário e a Integração e Igualdade Social, procurando verificar a existência de uma correspondência entre os objetivos formulados pelos Estados Sociais (Esping-Andresen, 1999) e o fenómeno desportivo expresso na prática e competição entre os alunos do Ensino Superior.

CAPÍTULO I

DIMENSÕES CONCEPTUAIS, POLÍTICAS E SOCIAIS DO DESPORTO UNIVERSITÁRIO

1. Delimitação Conceptual do Desporto Universitário

Estabelecida a multiplicidade de expressões desportivas existentes, poderemos certamente argumentar que é difícil definir uma área ou expressão do desporto que seja mais digna de interesse do que a outra. Tampouco mais ou menos interessante. Dependendo do objetivo final que pretendemos atingir, o desporto pode ser promovido por entidades públicas ou privadas, e ainda numa miríade de enquadramentos legais, sejam eles clubes, associações, fundações ou empresas. No entanto o desporto nas universidades é uma atividade com séculos de história que cresceu embrenhada nas instituições de ensino. Renson (1999) identifica nos séculos XIII e XVIII a prática dos primeiros jogos em universidades da Grã-Bretanha, Espanha e naquilo que viria a ser território Italiano (como é citado em Parente, 2011, p. 9). Com o advento da era da razão, o antropocentrismo alertou a consciência das estruturas outrora medievais para a importância da atividade física. O Iluminismo pavimenta o caminho da institucionalização do desporto nas universidades da Grã-Bretanha já no final do séc. XIX, o que marca também o início do Olimpismo moderno com Pierre de Coubertin. É neste segundo período que o Desporto Universitário é impulsionado na Associação Académica de Coimbra que, criada em 1884, surge em 1901 com uma necessidade muito particular, a de praticar *foot-ball* no largo D. Luís (atual Praça da República) (Andrade, 2008).

A institucionalização decorreu primeiro nos EUA, em 1905, e depois na Hungria em 1907 por via da criação das primeiras federações e associações nacionais. Foi em 1919 que principiou o terceiro período com a mundialização das estruturas e eventos, bem como o reconhecimento generalizado e universal pelas instituições de ensino superior e governos. O Desporto Universitário tem assumido um papel central na vida dos estudantes do ensino superior ao longo do séc. XX. E não tão só os níveis de organização

local influenciaram o desenvolvimento. Os modelos sofreram influências geopolíticas mesmo na sua orgânica e estruturação.

O aparecimento da International Commissariat of University Sport (ICUS) em 1923 no seio da International Confederation of Students (ICS) foi o primeiro passo para um vislumbre de entendimento mundial do Desporto Universitário. No entanto, com o início da guerra fria as nações dividiram-se, duplicando os convênios. Os países de Leste reuniram-se em Praga em 1946 sob a égide da International Students Union (ISU) que pretendia prosseguir com o trabalho da ICS, organizando os 9º Campeonatos Mundiais Universitários em 1947. A politização deste órgão levou à criação concorrente da Fédération Internationale du Sport Université (FISU) pela mão de Paul Schleimer do Luxemburgo. Após a organização de três edições da "Semana do Desporto Universitário" em países Ocidentais, a Federação Francesa organiza os "World University Sport Championship" onde competiram países de ambos os blocos. Deste evento surge a vontade de criar um evento de participação mundial e universal. Nasce em 1959, após entendimento entre a FISU e a ISU as primeiras Universíadas organizadas pelo Centro Universitário Sportivo de Itália (CUSI) em Turim. Substituem-se hinos nacionais pela música *Gaudeamus Igitur* e inscrevem-se nos estatutos da FISU conteúdos como este retirado do Art. 2º dos seus estatutos: *"The objects of F.I.S.U. shall be pursued without political, religious or racial considerations. F.I.S.U. shall act against any form of discrimination or violence in sport. "* Demonstra-se assim a importância dada à união entre os povos, e neutralidade política que esta estrutura desportiva mundial pretende abonar.

É Itália um dos países mais ativos na FISU. O CUSI e as suas estruturas tornaram-se a entidade que mais Universíadas de Verão e de Inverno organizou. Sete no total, e será em Nápoles no ano de 2019 a oitava vez que o maior evento desportivo universitário do mundo será organizado na Península (FISU, 2018).

Similarmente, e perseguindo o objetivo de unir o desporto universitário das várias federações desportivas universitárias europeias e estudantes-atletas, a EUSA (European Universities Sport Association) é criada. Em 2001 são organizados os primeiros Campeonatos Europeus Universitários em setembro desse ano. A honra de organizar os primeiros eventos desportivos da EUSA é dividida pela Sérvia e Montenegro (EUC Voleibol) e Portugal que organiza a competição de Basquetebol a 27 de setembro do

mesmo ano. A Federação Académica do Desporto Universitário é o órgão em Portugal que tutela o desporto universitário. É a estrutura que mais vezes recebeu o prémio de Melhor Federação Nacional Universitária da Europa pela EUSA (2013, 2014, 2015 e 2017) seguido pela Polónia (1999 e 2010) (EUSA, 2018). Portugal é também o país que mais vezes viu uma das suas Universidades como a Melhor da Europa tendo a Associação Académica de Coimbra ganho o prémio para a Universidade de Coimbra em 2010, 2011 e 2012, e a Associação Académica da Universidade do Minho ganho para Universidade do Minho em 2013 o mesmo galardão (EUSA, 2018). Acrescido o facto de que a FADU recebeu em Coimbra a quarta edição dos Jogos Europeus Universitários em julho de 2018, encontramos nesta organização um caso excepcional de sucesso.

2. Estado Social

O fenómeno desportivo como fenómeno total, sob a perspectiva das estruturas sociais, surge antropológicamente com as mesmas características em povos sem qualquer contacto (ou possibilidade de o ter); parece brotar da Humanidade com a mesma veemência na busca pelo poder, prestígio e comodidades, como fenómeno alienante e estratificador. As dialéticas que lhe estão associadas são eminentemente pedagogistas, higienistas e culturistas, estando associadas à problemática muitas outras dimensões, conceitos e factos, como o machismo, classismo, racismo, emprego, instrumentalização, economicismo e política (Santos, 2000), tornando a visão da motricidade e suas expressões como parte de uma sociedade só e de uma só vida humana, abrangente, alarmante, passível de ser elevada do reduto em que convém que permaneça.

É, então, imperativo demonstrar as relações umbilicais entre as vanguardas das problemáticas sociais e o fenómeno desportivo, e para isso far-se-á aqui uma abordagem tripla da realidade desportiva portuguesa, perspetivando-a como complexa e multifatorial. De que forma os regimes políticos e as concepções de Estado envolveram o desporto no tecido social? Serão os regimes (Monárquico, Ditatorial e Republicano em análise) isentos de responsabilidade no desenvolvimento desportivo? É o fenómeno desportivo um instrumento político?

O Desporto, por ser da malha que compõe a sociedade, partilha das suas convulsões e revoluções, preocupações e problemáticas. Muitas vezes antecipando as

questões mais prementes da sociedade de futuro, o desporto e o seu ambiente chamam a si um laboratório prático das ações da Humanidade. Foi assim em 1860, quando a imprensa desportiva Portuguesa discutiu pela primeira vez em praça pública a igualdade de género. A primeira geração do movimento feminista em território nacional fez-se da instauração de paridade no acesso à prática desportiva. Este evento despoletou um conjunto de questões médicas (sobre a habilidade do corpo feminino na atividade física rigorosa) alimentando um debate numa sociedade monárquica e conservadora do séc. XIX.

Em 1936, nos jogos de Berlim da Alemanha Nazi, pela discriminação de um jovem negro Norte-Americano chamado Jesse Owens, debateu-se a segregação étnica dos Seres Humanos como nunca antes se haveria visto. Numa luta pela exaltação da “Raça Ariana”, Hitler chamou a si argumentos científicos e sociológicos para repudiar todos que não cumprissem o crivo da *casta* Alemã. Esta ação levou a um boicote dos Jogos com efeitos macropolíticos que se confundem com o próprio início da II Guerra Mundial.

E ainda, de que forma se demarcam hoje as camadas sociais, chamando a si um determinado *Status Quo* justificado ou materializado pela prática desportiva a que têm acesso? É o fenómeno desportivo um mecanismo de ascensão social ou é a sua ação uma forma de incremento das desigualdades? Será o maior fenómeno à escala humana o espelho da selvajaria errática do capitalismo e da sociedade de consumo, ocidentalizada e eurocentrista?

Da sua possibilidade de instrumentalização (ou não), irão ser levantadas questões sobre as problemáticas sociais onde mais se marcou a sua intervenção, nomeadamente nas desigualdades de género e étnicas, bem como nas desigualdades sociais acima descritas. De forma ensaística pretende-se aferir de que forma o Estado Social e a Legislação Portuguesa se adequam às necessidades do desporto, fazendo contas às possibilidades de uso e desuso deste para que se cumpra a sua missão. O desporto poderá ser uma das chaves da estabilidade e prosperidade da democracia Portuguesa defendendo os direitos constitucionais dos seus cidadãos na prossecução de uma sociedade mais justa e igualitária. Da compreensão destes fatores depende o sucesso do entendimento de uma das peças fundamentais da ação humana, o Desporto.

Desporto, Estado e Instrumentalização

A ideia de Estado Soberano ou Estado Nação é, à primeira vista, um construto imutável, moldado a par de uma necessidade de gerir um determinado território. No entanto, poder-se-á perguntar de que forma foram lançadas as fundações daquilo a que ocidentalmente se denomina de País e subsequente “Estado”. É atribuída à “Paz de Vestefália” (que terminou a Guerra dos 30 Anos) a fundação das conceções modernas de sistema internacional de estados soberanos, cada um com a sua autoridade e limites geográficos, em 1648. O modelo Vestefaliano de estado soberano é baseado nos princípios da autonomia, território, reconhecimento mútuo e controlo, e providencia um padrão claro reconhecido ainda nos dias de hoje (Olsen & March, 2001). As formas de gestão e os modelos hierárquicos associados às cadeias de comando de uma determinada sociedade são elas próprias múltiplas e variadas. Os regimes podem adquirir uma multiplicidade de estruturas, podendo ser monárquicos, eclesiásticos, presidenciais, emirados, federais, autoritários, anárquicos, etc. No entanto em todos, e ao longo da história, o fenómeno desportivo teve o seu lugar e a sua influência, podendo ter sido usado ou manipulado de forma a cumprir diferentes desígnios.

A própria fundação do movimento olímpico internacional em 1896 na cidade de Atenas, provém da concretização de um ideal do Barão Pierre de Coubertin, um personagem rico da sociedade francesa cujos interesses fizeram cirandar o facto histórico das Olimpíadas Gregas. Ávido por fazer inscrever o seu país nestas competições, Coubertin tomou como sua a missão de fazer ressurgir um movimento desportivo global, onde à semelhança dos confrontos travados entre as cidades-estado gregas, as nações do Mundo poderão digladiar os seus melhores atletas pela supremacia de um determinado ideal. E da mesma forma que os Jogos da Antiguidade Grega instauravam a paz na Península, substituindo a mortandade dos campos de batalha pelos festejos do atletismo (também ele com conexões bélicas), os Jogos Olímpicos Modernos espelham um ideal Romântico de sociedade idealista, focada numa mostra pequena do encanto alienante dos feitos dos desportistas, exaltando a supremacia implícita de um estado em relação ao outro (Guimar, 2003). Nos Jogos de Estocolmo, em 1912, é publicado um poema de Coubertin sob o pseudónimo de Georges Hohrob e M. Eschbach num concurso literário que exaltava os valores do Olimpismo. O Desporto foi descrito como a “essência da vida”, “beleza”,

“justiça”, “audácia”, “honra”, “alegria”, “fecundidade”, “progresso” e “paz”, configurando um ideal de sociedade perfeita e puritana. Mas onde estava a ideologia quando se recusava o Comité Olímpico Internacional a incluir mulheres no seu seio? Ou a organizar provas femininas? De que forma era universal a vontade de aplicação destes aquando da segregação de Judeus em Berlim (1936)?

De facto, a militarização dos eventos desportivos servia as sociedades militarizadas, enquanto que a sua democratização parecia fazer iniciar debates cujas intenções foram sempre bem geridas. O Olimpismo guiou o fenómeno desportivo sempre numa ótica de relações de supremacia e superação, excelência e conquista, ideário adequado ao advento das ditaduras militares do Séc. XX. O interacionismo simbólico postula um processo de socialização baseado numa relação de reciprocidade na troca de símbolos entre atores sociais, sendo que o seu simbolismo explica o comportamento subsequente (Aksan, Kisac, Aydin, & Demirbuken, 2009). À luz deste enquadramento entende-se o quadro de desportos em competição que no atletismo são dispostos (lançamento do dardo, do martelo, salto e corridas de várias distâncias), todas elas modalidades que valorizam a disponibilidade física em combate. Ainda mais, a própria construção “Maratona” é uma ode à lealdade no soldado que corre 42km até à própria morte para anunciar a vitória do seu exército! E porque se fala em “ponta de lança”, “defesa” e “ala” no futebol? Tudo se configura num quadro que só poderia moldar uma sociedade viciosa no combate pela supremacia entre indivíduos, a competição desmedida toldada pela aniquilação unilateral do próximo, e a instauração do ideal de Homem que além de alienado, se afigura violento e competitivo.

É já o Portugal Republicano que usa destes trunfos para glorificar uma personalidade desportiva como Francisco Lázaro, que em 1912 integrou a primeira comitiva Portuguesa nos Jogos Olímpicos de Estocolmo. Após uma série de grandes resultados, esta esperança desportiva da época representava a epítome do ideário de novo homem. Ao passo que o monárquico se afigurava tasqueiro, vicioso, gordo e mafioso, o republicano contrastava pela sua perspicácia, dinamismo e atleticismo, valores que se fundamentavam nas vantagens da atividade física vigorosa. Infortúnio dos infortúnios, após se ter besuntado em banha de porco, morreu de insolação e sobreaquecimento corporal a meio da Maratona. E aliando o seu nome bíblico a uma morte em representação pelo país, cresceu a lenda ainda mais em território nacional das virtudes da representação

da pátria.

Mais tarde é Salazar que reduz Portugal a “Fado, Futebol e Fátima”, escudando a sua governação totalitarista no investimento futebolístico no clube do seu coração: o Benfica. E com as incursões da seleção nacional cada vez mais bem-sucedidas, usou jogadores dos territórios portugueses a “ultra-mar” para demonstrar a coesão do império em decadência! E já em 11 de março de 1945 deu ao povo de Portugal o mais esperado presente, um estádio nacional grandioso. Uma obra pública que a propaganda do Estado Novo, encabeçada por António Ferro, aproveitou para fazer vender a ideia de que não havia maior desportista do que o seu Presidente do Conselho de Ministros. E num panfleto intitulado “O que nós queremos é Futebol”, lançado aos milhares sobre os espectadores do jogo inaugural da estrutura, lia-se o orgulho dos governantes na insinuação de que Portugal é um oásis de paz e prosperidade numa Europa em guerra (referindo-se à II Guerra Mundial), e que por ser a maior vontade do povo o estádio nacional, estavam asseguradas todas as outras necessidades básicas da nação. Enquanto os outros perdem as suas vidas em batalha, em Portugal o que nós queremos é Futebol.

É por todos estes motivos, que é seguro afirmar a existência de uma ligação umbilical entre políticas públicas, governança e conceção de estado com o fenómeno desportivo (Hartmann-Tews, 2006), sendo os seus mecanismos usados para controlar e manipular as populações em momentos críticos da história. Uma maior atenção a este facto poderá servir para relativizar a importância do desporto como espetáculo, e encarando-o como fenómeno de primeira linha na análise e diagnóstico das questões mais fraturantes da sociedade.

Desporto e Políticas Sociais

A Constituição da República Portuguesa de 1976 prevê a instauração de um Estado que tem por base a universalização dos direitos sociais, nomeadamente os direitos políticos, cívicos, sociais e culturais. A democracia exige participação, discussão, variedade e divergência para que possa ser saudável. De entre as garantias de primeira ordem, temos as de democracia avançada, como o direito ao trabalho, emprego, assistência no desemprego salário mínimo, segurança social, sistemas de proteção de saúde, habitação e educação. A Lei de Bases da Segurança Social nº 28/84, enquadra estes regimes com os princípios de universalidade, unidade, igualdade, descentralização

solidariedade e participação, sendo uma das garantias a da proximidade dos cidadãos. Ora, não será o fenómeno desportivo um construto holístico, terreno comum entre classes sociais e credos, catalisadores de políticas e exemplos de boas práticas sociais?

O Desporto foi no passado uma garantia de segregação de povos e religiões, mas ao sê-lo gerou discussões que predizeram grandes alterações sociais do tempo, como a problemática dos direitos humanos em 1933, sendo que a declaração universal surge em 1948. Foi também preponderante na ascensão de líderes mundiais, como Mussolini e a organização do Mundial de Futebol em 1934, e palco de lutas pelos direitos de grupos étnicos e movimentos, como foi o caso da saudação “Black Power” em 1968 na Cidade do México. O Fenómeno desportivo é o palco de democratização do uso da palavra, um movimento que dá e sempre deu poder a quem o soube instrumentalizar. Como ferramenta do estado social é uma peça fundamental na aceção das condições de vida da população, bem como no estabelecimento de estratégias de ordenamento do território (Heinemann, 2005). Em Portugal, a distribuição geográfica dos clubes de primeira liga de futebol é um indicador excelente do grau de desenvolvimento da economia local, bem como a internacionalização dos jogadores pode reforçar a confiança entre duas nações (Mezzadri, Moraes e Silva, Figuéroa, & Starepravo, 2015).

Apenas uma visão alargada do fenómeno desportivo poderá garantir que sirva com reciprocidade os interesses das populações e do estado. É uma linha ténue, aquela da promiscuidade entre o estado e o desporto. A influência da política das autarquias é inferior aos clubismos locais, e muitos dirigentes políticos serão os desportivos um dia mais tarde. A subjugação do desporto ao Ministério da Educação no atual governo, revela bem o desconhecimento da dimensão da prática. Mais ainda, a sua inclusão sob uma tutela partilhada com a juventude é um erro crasso tanto para as necessidades de uma como outra (Juventude e Desporto). Enquanto os mecanismos de governação se orientarem por um economicismo cego, e as necessidades culturais e desportivas da população não forem vistas como catalisadores da ação do estado, será muito difícil fazer o desporto português sair do jugo das lógicas da pedagogia e saúde. E mesmo sendo essa a dualidade vigente na sociedade portuguesa, continua absolutamente subaproveitada enquanto acontecimento também ele válido.

Ainda mais poderia ser dito, nomeadamente no não reconhecimento da profissão de milhares de atletas profissionais, na inexistência da personalidade jurídica do gestor

desportivo, e da forma desprotegida e precária como muitos treinadores exercem a sua atividade. A maioria dos atores desportivos nas diferentes dimensões da prática trabalham nas sombras do estado, sujeitos a uma lógica de mercantilismo e exploração absolutamente inimagináveis.

Talvez o desporto venha um dia a tomar o lugar que este pequeno ensaio defende que ele deveria ter. Um papel central numa sociedade mais justa e igualitária, fundamental para o cumprimento da missão de qualquer Estado Social digno desse nome.

3. Problemas Sociais

Desporto e Discriminação Étnica

Quer sejam analisados dados estatísticos de participação, dados epidemiológicos; quer sejam feitos cortes transversais ou longitudinais numa linha temporal com 120 anos de história da competição desportiva, a conclusão é sempre a mesma: o desporto tem raízes históricas como um fenómeno racista, misógino, machista e segregador. E vejamos o caso, já em epígrafe citado, do corredor Jesse Owens nos Jogos de Berlim de 1936. Quando conquista a sua medalha de ouro, e vendo a seleção dos Estados Unidos da América, contam testemunhas locais que o seu comentário foi: “porque deixam os EUA que os negros ganhem todas as suas medalhas?”. E na realidade a narrativa histórica não tem sido muito diferente já que o presente tem sementes de futuro, nas palavras de Manuel Sérgio (1990), vindo este pensamento replicar-se ao longo dos eventos desportivos ao longo das décadas.

Ainda nesses fatídicos Jogos de 1936, se notava a complacência desesperante do Comité Olímpico Internacional na verificação das condições de organização do evento. Soavam já todos os alarmes possíveis para a segregação Judaica dos territórios da Grande Alemanha (que tendo anexado já territórios Austríacos assim se denominava), e por isso mobilizava já a máquina ariana. Em 1935, a prática desportiva estava já interdita a Judeus, sendo que antes da promulgação das leis racistas haviam cerca de 40000 de uma população de 500000 indivíduos na Alemanha. Todos eles foram liminarmente afastados (Esteves, 1999). Sobre isto a Grã-Bretanha juntamente com outros países reagiram, tendo Walter Machennon, um dirigente sindical e consultor do governo, publicado um folheto

de 31 páginas sobre a matéria, caso que Winston Churchil ignorou, bem como o restante Comité Olímpico Britânico, por não considerar relevante para os interesses da população. Aliás, o próprio Churchil escrevia à época louvores ao próprio Benito Mussolini proclamando a preferência destes regimes ao comunismo. Os jogos realizaram-se sem nenhum Judeu nem negro nas equipas participantes, e a hostilidade e megalomania de Hitler subiu de tom, sendo este evento um espetáculo do poderio da Raça Ariana e dos seus 4000 anos de história.

Num esforço de demonstrar a vantagem desta políticas, a Alemanha faz passar pela primeira vez um Ranking dos Países mais medalhados, sendo o seu lugar invariavelmente o mais cimeiro como é em baixo descrito na Tabela 1:

Lugar	País	Ouro	Prata	Bronze	Pontuação
1	Alemanha	33	26	30	181
2	EUA	24	20	12	124
3	Itália	8	9	5	47
4	Finlândia	7	6	6	39
5	França	7	6	6	39
6	Hungria	10	1	5	37
7	Suécia	6	5	9	37
8	Japão	6	4	8	34
9	Holanda	6	4	7	33
10	Grã-Bretanha	4	7	3	29

Tabela 1 - Classificação dos Resultados por País nos Jogos de Berlim 36 ("IOC - Statistics", 2018)

No entanto, poder-se-á argumentar que nunca se viu tanta diversidade étnica nas competições Mundiais. E em boa verdade deveremos admitir essa análise, embora um olhar mais profundo possa desmistificar o facto. Foi apenas em 2016 que a primeira atleta negra foi medalhada de forma individual na competição de Natação, pela equipa dos EUA

(Berlin & Walker, 2016). No entanto, de há 40 anos a esta parte, o domínio dos países africanos nas provas de atletismo tem sido absolutamente hegemónico. A análise que sobressai continua fundada nas iniquidades sociais e no acesso a mecanismos de prática. Os países africanos reduzem a sua prática ao atletismo por ser de fácil acesso, sendo que o material necessário é mínimo. Veem o desporto como forma de ascensão social e a sua hegemonia vem de um sustento de pura “massa crítica”. No caso da natação, são quase inexistentes os locais de prática em todo o continente Africano acessível às populações.

A segregação racial e étnica é hoje uma questão fraturante do fenómeno desportivo. A questão de vanguarda que agora se coloca é a própria criação da “Equipa de Refugiados” e a quotização de participantes Africanos que resultam em casos como o de Eric Moussambani em Sydney 2000, terminando a prova de 100 m Livres com um tempo de 1 minuto, 52 segundos e 72 centésimos. O atleta da Guiné Equatorial tinha aprendido a nadar seis meses antes dos jogos. Ainda neste ano de 2016 Robel Kiros Habte, nadador da Etiópia, foi o atleta com pior tempo na prova de 100 metros livres, tendo surgido precisamente dum método de seleção de quotização. Aprendeu a nadar numa piscina de 17 metros num hotel (“Robel Kiros Habte: a nova sensação do Rio 2016”, 2016). Todos estes casos demonstram as desigualdades sociais entre as diferentes regiões do globo, fenómeno que escarifica a sociedade mundial e que tem como montra o maior evento à escala planetária.

Desporto e Desigualdade de Género

Identificar fenómenos de segregação do género feminino no desporto moderno é uma tarefa muito mais subtil do que teria sido nos primórdios dos movimentos feministas. No entanto, é na década de 60 do séc. XIX em Portugal que é discutida pela primeira vez a participação de mulheres em atividades de “vigor físico”, sendo a opinião generalizada a de que seria provavelmente contraproducente para os seus órgãos reprodutores. No movimento olímpico, Pierre de Coubertin argumentava que as mulheres não poderiam nunca (por limitações biológicas) praticar desporto ao nível dos homens, pelo que a sua participação colocaria em risco a espetacularidade dos eventos. Além disso, se estes pretendem ser o expoente máximo do atletismo humano, o sexo feminino não possui claramente esse papel, sendo por isso não mais que legítimo o seu afastamento. Hitler escreve de forma célebre:

“A educação do sexo feminino deve obedecer ao mesmo critério do sexo masculino. O ponto mais importante é a educação física, vindo, de seguida, o desenvolvimento do carácter e, por último, o valor intelectual. A preocupação principal, na educação das mulheres, é formar futuras mães”

Esta interpretação e visão reprodutora das mulheres, aliada à sua objetificação sexual, estigma familiar e papel social, responsabilidades parentais, exigências do mercado e ambiente religioso, configuram um ecossistema caustico para a sua participação (Cortis, Sawrikar & Muir, 2007). Ou seja, o mundo desportivo continua masculinizado, eminentemente agressivo e competitivo, apenas com laivos de inclusão dos outros 50% da Humanidade. Existem também dois espectros que estão inter-relacionados, não se conhecendo a profundidade da interdependência. A imagem da feminilidade do desporto mistura conceitos de orientação sexual com auto-imagem. As modalidades possuem uma conotação de género associada, sendo que a participação dos atletas depende em muito do estigma e da exigência da sociedade que as rodeia (Parsons & Betz, 2001). Os dados que se seguem demonstram precisamente a disparidade de género existente nos órgãos de comando dos comités olímpicos dos diferentes continentes, bem como da participação dos atletas nas competições.

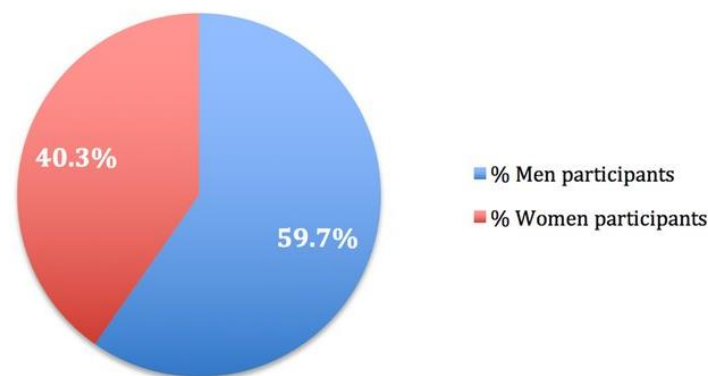


Gráfico 1 - Género dos atletas nos Jogos Olímpicos de Inverno 2014 ("IOC - Statistics", 2018)



Gráfico 2 - Género dos membros dos Comitês Olímpicos Continentais em 2015 ("IOC - Statistics", 2018)

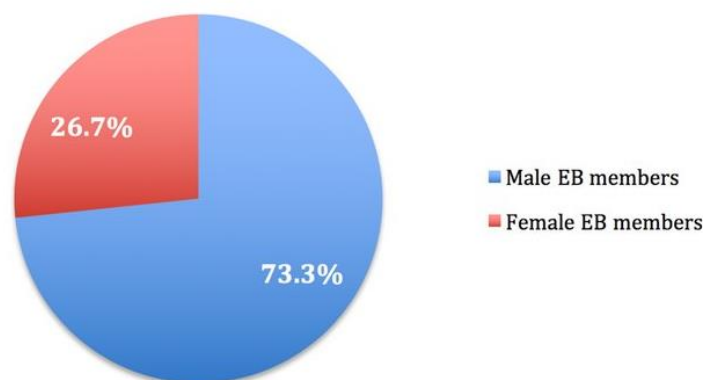


Gráfico 3 - Género dos membros do Comité Olímpico Internacional em 2015 ("IOC - Statistics", 2018)

Estes dados do Comité Olímpico Internacional nos Gráfico 1, Gráfico 2 e Gráfico 3 espelham a disparidade existente em dois níveis. Apesar da participação como atleta ser já de considerável paridade, a ascensão aos cargos de chefia dos respetivos comités não se verifica na mesma proporção. Identifica-se uma tendência transversal nos cargos de chefia política e económica. Parece mais uma vez haver uma correlação entre a sociedade e o fenómeno desportivo, tendo servido este para chamar a atenção para um aspeto particular da problemática. As políticas sociais em Portugal, e no resto do Mundo, parecem afetar a sociedade de forma sistémica. Não existem ainda dados comparativos sobre o grau de feminização das estruturas políticas de um determinado país em comparação com o mesmo estudo nas estruturas desportivas; no entanto coloco a hipótese de que a correlação estará relativamente próxima, sendo que esse estudo poderá vir a ser

uma questão de prova entre a estreita relação entre o fenómeno desportivo e as restantes estruturas sociais (COM, 2010)

4. Igualdade e Inclusão Social

Exclusão vs Inclusão

O conceito de exclusão social foi desenvolvido ao longo do final do séc. XX. O antigo Secretário de Estado Francês para a Ação Social, René Lenoir, introduziu-o em 1974 na sua obra *Les Exclus* como um conceito fundado numa multiplicidade de problemas socioeconómicos. Alvino-Borba e Mata-lima (2011, p. 220) identificam o consenso científico em autores como Hunter (2000), Kowarick (2003), Lesbaupin (2000), Proença (2005) e Sen (2000) quanto à origem e complexidade da problemática. Para estes autores a exclusão social é um fenómeno sem fronteiras económicas ou políticas. A definição é variável ao longo do tempo, tendo-se tornado um conceito variável e flexível. Entende-se por inclusão os processos ou mecanismos pelos quais estas questões sociais são promovidas e reforçadas. Urge a compreensão da distinção dos conceitos através de um método comparativo que permita a justaposição de ideias. A Tabela 2 - Exclusão vs Inclusão Social, ilustra o que de comum e díspar têm as diferentes definições.

Exclusão Social	Fonte	Inclusão Social	Fonte
É um processo através do qual certos indivíduos são empurrados para a margem da sociedade e impedidos de nela participarem plenamente em virtude da sua pobreza ou da falta de competências básicas e de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, ou ainda em resultado de discriminação.	COM, 2003, p. 9	Processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acedam às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e beneficiem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem.	COM, 2003, p. 9
Exclusão social pode ser definida como múltiplas privações resultantes da falta de oportunidades pessoais, sociais, políticas ou financeiras. A noção de exclusão social visa a participação social inadequada, a falta de integração social e a falta de energia.	Hunter, 2000, p. 2-3	Refere-se à solidariedade social que é um processo diferente da exclusão social, pois reflete companheirismo.	Barry, 1998, p. 17
No século XIV, a palavra esteve associada à ideia de não ser admitido, repellido ou de ser mandado embora. Posteriormente,	Kowarick, 2003, p. 74	Processo que visa promover a inclusão dos segmentos em vulnerabilidade social, destacando a cidade, a escola, o emprego e a	Kowarick, 2003, p. 75

seu significado passa a designar alguém que se encontra desprovido de direitos		proteção social.	
Exclusão social não é um conceito, é uma nova questão social. Esta situação é produzida pela conjunção das transformações no processo produtivo, com as políticas neoliberais e com a globalização	Lesbaupin, 2000, p. 36	É uma questão de abertura e de gestão: abertura, entendida como sensibilidade para identificar e recolher as manifestações de insatisfação e dissensos sociais, para reconhecer a “diversidade” social e cultural; gestão, entendida como crença no caráter quantificável, operacionalizável, de tais demandas e questionamentos, administráveis por meio de técnicas gerenciais e da alocação de recursos em projetos e programas (as políticas públicas).	Laclau, 2006, p. 28
Consiste em processos dinâmicos e multidimensionais conduzidos pela interação desigual da distribuição de poder através de 4 dimensões principais – económica, política, social e cultural – e a diferentes níveis, individual, doméstico, grupo, comunidade, nacional e global. Resulta num contínuo de inclusão/exclusão caracterizado pelo acesso desigual a recursos e direitos, levando a desigualdades na saúde.	(Popay et al, 2008, p. 2).	“O processo de melhoramento dos termos em que indivíduos e grupos participam na sociedade” e “Processo de melhoramento da capacidade, oportunidade e dignidade da pessoa em desvantagem com base na sua identidade a participar na sociedade.”	(Banco Mundial, 2013, pp. 3-4)

Tabela 2 - Exclusão vs Inclusão Social

Fontes: Alvino-Borba e Mata-lima (2011) e (United Nations Economic & Social Affairs, 2016)

Denota-se uma unificação na literatura em torno de um conjunto de temas unificantes. Através da análise dos discursos na *Tabela 2 - Exclusão vs Inclusão Social* assumir-se-á neste estudo que a **Inclusão Social** é um processo multidimensional de promoção da participação cultural, social, política e económica, através da intervenção nos segmentos de vulnerabilidade por via da identificação de manifestações de insatisfação nos discursos e ações sociais, aplicando procedimentos administrativos de alocação de recursos temporais e financeiros de forma ativa e eficiente com vista a promover a coesão, dignidade, oportunidade e o bem-estar social.

Impõe-se discutir os fatores de exclusão social que podem influenciar o comportamento das organizações e das políticas. Muito embora, de acordo com o que estabelecemos, a exclusão social seja um complexo multidimensional, este está associado à ideia de vulnerabilidade e submissão de um indivíduo a construtos que não só coexistem, mas se reforçam mutuamente, e.g. uma sociedade com baixo nível de acesso

à educação sofre, provavelmente, de maior injustiça social (Wixey et al., 2005). Que fatores atuam então como agonistas na exclusão de indivíduos? Na categoria de precursores económicos temos o desemprego, a precarização do trabalho, a pobreza e falta de acesso a bens e serviços. Nos fatores culturais deparamo-nos com a desvalorização, violência, injustiça social, desqualificação e desigualdade educacional (Alvino- Borba e Mata-lima, 2011).

Muito embora estes objetivos sejam bastante concretos, traduzi-los em ação depende da capacidade de articular casos muito bem identificados e avaliados com intervenções de estruturas nacionais e locais em diálogo. Nenhuma ação global, universal e unidimensional irá reduzir a taxa de incidência destas problemáticas de forma significativa. Isto torna-se particularmente evidente quando são analisadas as circunstâncias e realidades por todo o globo (United Nations Economic & Social Affairs, 2016)

Problema na Recolha de Dados

Por influência do estabelecimento de critérios por agências internacionais, os dados recolhidos a nível nacional são normalmente comparáveis, compreendendo indicadores como a idade, género, etnia, rendimento, nacionalidade e local de nascimento. Muito embora o agrupamento seja necessário para a escalabilidade das conclusões, as realidades de inclusão/exclusão são normalmente extremamente pessoais e particulares tornando difíceis diagnósticos e limitando a capacidade de examinar desigualdades intercetantes. Os indicadores de exclusão social têm sido apenas raramente combinados ao nível individual (United Nations Economic & Social Affairs, 2016). Recolhas de dados por agregado familiar são um impedimento ao acesso a populações sem abrigo e minorias étnicas. No entanto, para a pesquisa a ser desenvolvida por este estudo esse problema não será uma fonte de erro. Um obstáculo à identificação de grupos de risco é a discrepância nas definições assumidas pelos diferentes países quanto a alguns problemas sociais. Independentemente de qual seja o problema local, ou o limite conceptual que uma determinada agência lhe atribui, estudos trans-nacionais deverão analisar 3 grupos de critérios, nomeadamente: **Oportunidade** (educação, saúde e infraestrutura); **Emprego** (rendimento) e **Participação** (política e cultural) que constituem os **Sintomas de Exclusão** (United Nations Economic & Social Affairs, 2016)

O processo de transformação social requer uma dinâmica e um esforço criativo novo. Não existem soluções isoladas nem padrões de resposta, tal como ilustram Bulla, Mendes & Prates (2004), “novos problemas exigem soluções novas”. Será o Desporto um mecanismo de articulação complexa de realidades concorrentes? Será este um fator de proximidade entre indivíduos, capaz de estabelecer diálogos numa dialética comum agregadora e unificadora? A tríade dos Sintomas de Exclusão aparenta ter relações próximas com as valências reconhecidas pela União Europeia (UE) ao fenómeno desportivo.

O paradoxo do Desporto

Os valores que presidem a criação do movimento olímpico moderno são também o baluarte das sociedades democráticas dos dias de hoje. O humanismo, a justiça, a igualdade, integração e o laicismo sem fronteiras. No entanto o Desporto é, por natureza, um evento de otimização e supremacia do mais forte sobre o mais fraco, o melhor preparado sobre o impreparado. Na busca pelo melhor indivíduo, compete-se pelas mesmas regras e enquadramento étnico. Nivelar o campo de jogo significa diferenciar ou discriminar? Num desporto de combate a linha encontra-se entre categorias de peso. Em todas as modalidades olímpicas, sem exceção, parece natural separar homens e mulheres. É nas idades em que se traça ainda outra fronteira, todas levantadas de forma a nivelar o nível de competição? Mas qual a diferença entre esses fatores e a etnia, ou a religião, ou a cor política?

Um fenómeno aparentemente segregador implica isso mesmo, tratar **significa tratar** igualmente os iguais e **desigualmente os desiguais**, na exata **medida** de suas **desigualdades**. (Junior, 1999), apurar o melhor atleta significa refletir nos verdadeiros aspetos diferenciadores do atletismo. A performance física é uma escusa para se juntarem, de acordo com os princípios humanistas do fundador dos Movimento Olímpico Modernos, Pierre de Coubertin, indivíduos de todos as nações, credos, etnias e orientações sexuais. A lição de um quadro de competição internacional é a de que o diálogo universal é sempre possível, independentemente das linguas particulares e confissões sociais, o desporto é a linguagem comum, o postulado de regras e pressupostos que cada um pode optar por respeitar para dialogar sem palavras, mas por atos motores. Mas como se explica os casos de violência e desentendimento? Os movimentos “Ultra”

em Portugal e “Hooligan” no Reino Unido? Casos de racismo e discriminação sexual? Mesmo violência e discurso de ódio para com indivíduos emigrantes? William Gasparini e Clotilde Talleu (2010) argumentam que esta é a prova que a humanidade nem sempre cumpre com os seus princípios. O desporto continua a ser afetado pela incompreensão das afirmações relacionadas com a identidade.

CAPÍTULO II

PAPEL DO DESPORTO NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE E INCLUSÃO SOCIAL

1. Da produção de conhecimento

A produção de conhecimento, ao longo dos tempos, tem sofrido alterações quanto aos paradigmas de investigação. O processo de descoberta é paradoxalmente complexo, imbuído de lógicas, interações e processos que dividem a comunidade científica quanto à própria natureza da problemática. Conceptualmente, as lógicas racionalistas cartesianas favorecem o método indutivo, fazendo incidir a produção de conhecimento na desconstrução paulatina da realidade. O cientista é recolector de factos que combina de forma “lógica” e criteriosa para produzir uma realidade maior e fundamentada. A descoberta é a compreensão profunda da realidade, e numa conjuntura setecentista da sociedade, a dissecação do real cognoscível induzia a expansão da consciência. O matematismo (como é apanágio do fundador da filosofia moderna) fundamentava a extrapolação da compreensão tornando a teoria mais fecunda.

A ciência evolui e desenvolve-se o método científico. As vanguardas digladiam-se na argumentação sistemática de diferentes teorias, e os resultados carecem de medições e instrumentos que reduzam a realidade à mensurabilidade passível de a comparar às demais. Durante a década de 50 do séc. XX, N. R. Hanson critica fortemente as concepções neo-empiristas do conhecimento científico. Para este autor, a capacidade de olhar o mundo de forma renovada está condicionada pela carga pessoal, convicções e crenças do observador (Hanson N. R., 1958, 1963). A distinção é clara; *observar como* é diferente de *observar que*, e é óbvia a ilusão do mundo científico quanto à suposição de realidade atingível pelo método dedutivo. O objetivo seria compreender o processo de descoberta científica desenvolvendo com Charles Sandler Pierce o método de abdução científica, onde as premissas nem sempre garantem a conclusão (ao contrário da dedução) escolhendo-se a conclusão mais provável para um determinado problema tendo em conta a economia cognitiva (Pierce C. S., 1958). O repto de Hanson, embora polarizado quanto à opinião de Kuhn, é inequívoco. Devem ser estudados os processos de descoberta.

Thomas Kuhn preconiza o seu raciocínio referindo a necessidade de se analisar a

tensão essencial da ciência. As teorias provam-se e destroem-se ao sabor da refutação, das dicotomias que chocam na forma de fazer valer o mesmo intuito. A descoberta bate-se com a justificação, a palidez das pontes entre ambas esbatem-se na antecipação da primeira sobre a segunda, e vice versa. Induz-se a descoberta através das premissas, ou justifica-se uma conjectura previamente existente? A descoberta é, *per si*, produto da individualidade expressa na paternidade do preenchimento do hiato científico, ou o resultado de uma rede social líquida e dinâmica? Ou a tensão entre ambos? O produto vale sem o processo, ou será este a forma de alargar as visões e linhas de investigação, como um espeleólogo maravilhado com as ramificações da caverna que descobriu? A tensão essencial é, afinal, entre tradição e a inovação.

Ao considerarem-se critérios sobre os quais se poderá validar ou refutar uma teoria, e aplicando-os de forma transversal à ciência, poderemos verificar a razão pela qual Kuhn afirma a subjetividade do processo de descoberta. Exatidão, consistência, alcance, simplicidade e fecundidade são os referidos como centrais, e considerando-se o processo de investigação de forma linear ao longo da história, identificam-se variações no peso relativo de cada um. Um cientista, ainda que avaliando um quadro teórico sob uma mesma matriz que o resto da comunidade, irá invariavelmente valorizar ou desacreditar certos fatores, produzindo resultados diferentes. Para Kuhn (1970), o Homem é produto do contexto social e histórico, embebido no paradigma de tomada de decisão vigente.

Popper (1980), cunhando o “racionalismo crítico” como termo, é também um crítico do empirismo clássico, dos discursos eminentemente indutivistas da ciência. A teoria científica goza apenas de um estatuto temporário de validade, uma hipótese a ser testada pelos critérios e saber de experiência feito. O empirismo é posto ao serviço da refutação da conjectura, e o ceticismo assume-se como controlo à veracidade da resolução do problema. A falseabilidade é o princípio de exclusão da teoria, o que atesta o cariz temporário da vigência de um determinado conjunto de conhecimentos. Para Popper a verdade é inalcançável, mas a aproximação dela faz-se pela refutação continuada. O processo de descoberta é, afinal, feito por que modos?

Hanson (1972) levou a cabo um estudo profuso sobre o processo criativo de Charles Darwin. Nos seus cadernos pessoais estavam descritas as fases da descoberta da teoria espelhada em a “Origem das Espécies”. O que pode ser entendido com “momento

Eureka”, não é mais do que um processo profundo de descobertas diárias pela articulação do pensamento divergente e convergente. A capacidade de colocar questões sobre a realidade circundante e de duvidar das respostas obtidas fez de Darwin um cientista brilhante. Mas seria este homem capaz de criar o Evolucionismo sem um “Beagle”, umas Galápagos ou um Império Britânico? A educação superior e a vanguarda científica colocaram Darwin numa posição catalisadora do meio envolvente. Aplicou de forma circular e sistemática o paradoxo da inovação. A observação deve ser baseada na teoria, enquanto a teoria deve fundar-se na observação. A realidade e o entendimento formam mais uma tensão essencial, revelando gatilhos conceptuais e filões de exploração científica (Hanson, 1963).

Kuhn compreende que para este efeito a teoria tem de ser provada e testada fora da subjetividade individual. Numa curva de Gauss de distribuição normal, os desvios à direita ou à esquerda são mais prováveis de acontecer quanto menor for o número da amostra. Este problema é relevante pelo facto de todos os cientistas imprimirem a sua subjetividade nos valores que aplicam. Ainda que a tabela de fatores seja a mesma, variações da capacidade de incorporação e acomodação farão diferir o critério de aplicação. Ora, em ciência, as subjetividades são diluídas nos convênios científicos, testadas e refutadas as teorias até que se centralizem os fatores psicossocioculturais do criador. A racionalidade da ciência reside então na capacidade para discutir os problemas.

1.1. O Corpo vivido como limite do método

O corpo, a corporeidade, a expressão corpórea, mente e cogito. Expressões de uma mesma só pessoalidade que compõe o real cognoscível, ou partes repartidas num mundo que nos chega? A fenomenologia de Husserl contrasta com as concepções positivistas e deterministas da ciência natural, e cimentam a ciência social de uma outra perspectiva. Mais do que estudar o fenómeno, no estudo da epistemologia prendemo-nos com as condições da produção desse mesmo saber, subordinando os resultados a uma linguagem comum: a linguagem da percepção do que nos chega de forma holística e integrada. A compreensão do corpo como um destes mecanismos metacognitivos faz-se de um ponto de vista diferente, consoante a perspectiva adotada. Allen-Collinson (2011) considera que mais do que pesquisar sobre o corpo, pesquisamos a partir desse mesmo corpo, sendo a

experiência do corpo vivido da fenomenologia existencialista Merleau-Pontiana um ponto de partida extremamente útil para a compreensão sociológica de fenômenos prementes. O corpo é o centro da experiência, o ponto de vista de onde tudo é experienciado é também o ponto de celebração da humanidade em toda a sua complexidade. Ser corpo e experimentar corpo, um confronto ontológico que faz da experiência de viver uma deriva pela objetividade fugidia. O toque, por exemplo, não pode ser vivenciado sem a referência do ser tocado, a vista sem a referência de ser visto, e a propriocepção impossível sem a consciência interna de existir (Merleau-Ponty, 1999).

A Humanidade não se faz sem esta experiência dos outros, e a vida torna-se a performance corporal de onde brota a expressão do nosso ser (Bento, J., 2007). É a vivência deste enquanto expressão que faz dele o artefacto cultural que tantas vezes se desaparece na miríade de expressões humanas. A qualidade da vida pessoal é multiplicada à potência de quantos existem na própria humanidade, e por isso poderemos analisar as problemáticas sociológicas do ponto de vista fenomenológico. Fazer radicar o comportamento de nós em relação aos outros (ética), e relacioná-lo dentro de um convênio social (moral), não é uma presunção rebuscada. A dimensão do homem depende da relação entre cada um de nós, e o centro dessa relação é também a fonte de toda a simbologia associada. Fernando Pessoa, no seu delírio estérico-neurasténico autodiagnosticado, diria que “o corpo é a pessoa de fora que dá imagem à pessoa de dentro”, uma forma pedagógica de nos alertar para a inter-relação de um nós perceptido com o percebido. Acima de tudo, o afastamento de um determinismo mecanicista em prol da totalidade do real traz à baila questões de fundo quando aplicadas ao fenómeno desportivo, o fórum ótimo da interpretação corpórea da realidade, cenário de expressão última do carácter artístico e instrumental do físico, sede da “coisificação” aliada à idolatração, mostra do fenómeno cultural e axiológico que ele próprio constitui (Merleau-Ponty, 1999).

Os discursos sociológicos concernem problemáticas urgentes, cuja complexidade nem sempre pode ser compreendida apenas pela sua *res cogita* (puro pensamento), mas carecem da integração da tão fugidia *Res extensa* (ordem dos sentidos) cujas compreensões cartesianas evitam sem pudor (Sérgio, 1991). Efetivamente não pensamos sem corpo. Mas ao pensar, pensamos no *nosso* corpo como o vêm outros, ou numa *imagem reflexo* proporcionada pelos julgamentos? Não há então uma imagem do nosso

corpo, mas sim uma multiplicidade de corpos que coexistem nas percepções alheias e que se imiscuem nas nossas forçando-nos a vivenciar a sociedade sobre um prisma capacitado de alheamentos e integrações.

Só uma abordagem séria das condições de produção destas problemáticas as poderá identificar, tratando-as de forma holística. As condições de produção do conhecimento no mundo do desporto moldam a sociedade envolvente, e a responsabilidade social de eventos desportivos podem fazer ou desfazer convenções e compreensões de estados, indivíduos e identidades. Fernando Savater defende que não há bem-estar sem a satisfação do corpo, sendo a sua dimensão instrumental uma arma de reflexão e expressão desse templo da pessoalidade. Explorar a dimensão humana por via da ética e moral, optar por compreender o fenómeno em vez de trincar a sociedade, é fundamental para construir uma humanidade justa e holística por via do fórum de expressão última dessa mesma corporeidade, interpretação físico-artística da realidade, o fenómeno desportivo.

1.2. Considerações Metodológicas

Conhecer a realidade desportiva e a sua relação com a integração e igualdade social através de um processo de reflexão crítica, carece de um método através do qual se possam sistematizar e justificar todos os aspetos e dimensões do problema de pesquisa. Acima de tudo, toda a moldura deve condicionar o cientista social à aproximação mais fidedigna ao real cognoscível da problemática. O objetivo final do cientista é conhecer o fenómeno na realidade, e o método é a linha condutora pela qual se assegura a replicação, fiabilidade e comparabilidade do estudo. Afinal, todo o esforço científico seria inútil se a aparência e a essência do fenómeno fossem a mesma (Kosik, 1976). Por isso, o esforço científico deve ser sistemático e crítico, projetado de forma a descortinar o que está por detrás da evidência, de tal forma a que os procedimentos técnicos sirvam como forma de captar a informação empírica, devendo adaptar-se à temática estudada com flexibilidade e adaptabilidade.

O método resolve também a problemática da “tradução”. O Homem de ciência adquire um vocabulário próprio do seu objeto de estudo. As teorias que prevalecem formam paradigmas de raciocínio resistentes. Para que a descoberta no processo de

mudança possa ser entendida, a linguagem, o processo mental no âmago do cogito terá de ser alterado. Essa transformação faz-se através de um léxico aproximado, uma tentativa de unir dois mundos concorrentes. Ainda que seja difícil entender a escolha teórica, ainda mais será compreender que esta existe. Para que isso fosse possível, ambas as teorias teriam de estar apreendidas e acomodadas de forma igual no entendimento do cientista. Só aí poderia ser feita uma determinada escolha, no sentido estrito. Na realidade o processo é de entendimento e de incorporação do raciocínio utilizado. O processo de “escolha científica” é necessário para que haja reciprocidade na linguagem utilizada, e para que a exposição de resultados seja o mais universalista possível (Kuhn, 1970).

O fenómeno desportivo é um construto social complexo, cujos impactes se ramificam por todos os quadrantes da sociedade. Dissecar, de entre todas as possibilidades de interpretação, aquelas que concernem apenas a relação deste com a integração e igualdade social, é um desafio ao método. Acima de tudo carece de uma reflexão sobre as próprias condições de uma produção válida desta reflexão.

Uma base ontológica e epistemológica sólida norteiam a produção de conhecimento do cientista social, no entanto, estas considerações apenas relevam o seu uso se plasmadas num método holístico e capaz de dissecar as evidências observadas. No entanto algumas dúvidas emergem desta reciprocidade Onto-Epistemo-Metodológica. Enquanto que o recrutamento de uma orientação positivista ou racionalista imporia uma visão truncada de construtos tão complexos como a igualdade ou a integração social, a aplicação unívoca de uma abordagem qualitativa assente em preceitos interpretativistas seria também ela insuficiente. Na realidade, a tensão quanti/qualitativa é um acontecimento recente na história da ciência; apenas após a segunda guerra mundial se assistiu a um aumento da credibilização dos métodos quantitativos em relação aos qualitativos (Bryman, 2015).

O termo "positivismo", por outro lado, foi utilizado como forma de fazer opor e polarizar os dois métodos. Desta feita, as abordagens fenomenologistas foram capazes de ombrear e competir pelo espectro de atenção da comunidade científica. As ciências sociais, ao invés de construírem um argumento com base na complementaridade, preenchendo as afeções falhadas pelo paradigma anterior com novas observações, optaram por se justificar na filosofia do conhecimento, desenvolvendo os métodos qualitativos como alegadamente superiores (Morgan, 2007). De facto, muito embora seja

importante conhecer a origem do conhecimento que se produz, deveremos afastar a retórica de uma falésia metafísica. Os paradigmas, tal como referido em epígrafe, servirão para "traduzir" a matéria científica, unificando o entendimento para que se possa criar num substrato de linguagem comum.

A realidade não é estanque, e tampouco serão os métodos que a tentam compreender. As conexões entre ciências naturais e positivismo, ou ciências sociais e fenomenologia não são deterministas. Existirá, talvez, uma tendência de uma em relação à outra. Sabendo isto, não podemos dizer que uma entrevista estruturada implica um compromisso com as ciências naturais, nem tampouco que um grupo focal implica uma lógica interpretativista. Os métodos quantitativos avisam-nos da raridade com que as variáveis têm correlações perfeitas e a pesquisa social nega o determinismo absoluto. Isto, claro está, não significa que ambas as visões sejam iguais. São diferentes e é importante que o sejam. Existem diferenças na estratégia de aproximação à problemática e na forma de analisar os dados. É, além do mais, um modo muito útil de organizar o pensamento metodológico e as abordagens (Bryman, 2015).

A emergência de uma forma de capacitar a pesquisa qualitativa com a validade, confiabilidade e objetividade da pesquisa quantitativa fez emergir a metodologia mista, usufruindo de grande atenção a partir dos anos 90 como um terceiro movimento metodológico (U. Flick, 2009). Preocupações com a distribuição da amostra e quantidade de casos analisados figuram-se importantes para a validação dos dados (Gaskell & Bauer, 2000), no entanto Alan Bryman (1992) elenca um conjunto de razões pelas quais a pesquisa qualitativa pode apoiar a pesquisa quantitativa. Serão onze no total, das quais enunciarei apenas as 5 que servem o caso aqui descrito. Este autor considera a combinação interessante para o alargamento do quadro de análise, fornecendo uma visão mais geral em relação ao estudo. Também direciona os aspetos estruturais para métodos quantitativos, deixando os aspetos processuais para os métodos qualitativos. No caso do fenómeno desportivo, uma análise processual multi-nível é essencial, sendo que estas relações macro e micro sociais podem também usufruir da combinação, dado que etapas diferentes requererão uma lente diferente. Considerar-se os dados qualitativos e quantitativos numa arquitetura encruzada poderá ajudar na interpretação e, por último, o alargamento do âmbito de análise deverá auxiliar o problema da generalização dos resultados.

A questão pode então ser levantada: é esta metodologia aplicável ao estudo dos fenómenos de Inclusão e Igualdade social em organizações desportivas? À frente terei oportunidade de apresentar o modelo de análise escolhido, no entanto as dimensões polarizantes da problemática colocam um problema de enquadramento e de levantamento de variáveis de tal forma a que se evite a redundância de dados. Desta feita, e enquadrando estas considerações num modelo de análise fluído, poderei encontrar um âmbito de análise que possa satisfazer as necessidades de ponderação do problema de pesquisa em discussão.

Num estudo onde se analisaram 232 artigos científicos com uso de metodologia mista, 23% dos autores incidiram sobre Gestão e Comportamento Organizacional, fazendo-o o terceiro maior contribuidor para a amostra (Bryman, 2006).

2. Problema, Objeto e Objetivos

O presente estudo entende o Fenómeno Desportivo como o espaço relacional entre as diferentes expressões da sociedade, tanto ao nível organizacional, governamental e legislativo, como ao nível dos praticantes, treinadores, equipas técnicas e de manutenção dos espaços. O Desporto é aqui entendido como uma prática histórica e social, profundamente interligada com a construção do mundo que o rodeia nas suas significâncias, condições de existência e de acesso, local onde se cria sociedade e entendimentos de forma privilegiada. O Ser Humano elabora ao mesmo tempo estilos de vida e representações dessa vida, e o Desporto cunha a visão e articulação dos indivíduos em relação ao que os rodeia (Merleau-Ponty, 1999).

A responsabilidade que o Desporto Universitário tem vindo a assumir nas sociedades Europeias, em particular na Portuguesa e Italiana tem vindo a crescer. Muitos paralelos podem ser traçados entre ambas as Nações. Desde a prematuridade da criação de Universidades, com Coimbra e Bolonha a surgir no séc. XIII e XI respetivamente, até às contingências sociais e regimes Fascistas que os dominaram durante grande parte do século XX, passando pela semelhança e características dos Estados Sociais Sul Europeus que apresentam (Goodin, Headey, Muffels & Dirven, 1999). Concluo que estamos na presença de dois *casos exemplo* (Bryman, 2015) passíveis de análise e justaposição.

Assim sendo, temos como problema de pesquisa:

Qual o papel do Desporto Universitário na promoção da igualdade e integração social em Portugal e em Itália?

Com este problema do tipo compreensivo (Booth, W.C. ; Colomb, G.C. & Williams, J.M., 2000), pretende-se descrever a realidade a partir das experiências daqueles que o vivem realmente, enfatizando a construção de significados pela sociedade do mundo ou seja, partindo de uma base ontológica construtivista. Seguindo uma linha de pensamento epistemológico de origem interpretativista, aplicar-se-ão métodos mistos no sentido de estabelecer uma dialética entre o investigador e investigados, tornando viva uma hermenêutica interpretativa das vozes e construções individuais que, em contraste, criam as *realidades de compromisso*, ou a realidade interpretada a partir da confluência dos consensos e impressões (Oliveira-Formosinho, 2002).

Desta feita, temos os objetivos gerais de pesquisa:

- Compreender como as organizações desportivas e os seus atletas universitários abordam o Status Social, Respeito e Consideração Mútua, preocupação com o semelhante, diversidade étnica e de orientação sexual;
- Identificar mecanismos de promoção de noções de comunidade, fraternidade e solidariedade;
- Aferir a distribuição de bens e materiais, igualdade de acesso e distribuição de oportunidades;
- Interpretar a distribuição e composição étnica, género e proveniência regional ou nacional dos atores.

No entanto, as organizações não atuam apenas no plano teórico. Por forma a abordar o plano operacional, tem-se como objetivos específicos:

- Entender a o teor das atividades, frequência, sustentabilidade e público alvo;
- Investigar as fontes de financiamento;
- Contribuir para a discussão sobre o seu papel na conjuntura política local e

nacional;

- Observar a relação com as entidades públicas, privadas e sociais da região;
- Observar a relação com as entidades de tutela do desporto universitário nacionais e internacionais.
- Compreender a relação das instituições com os praticantes;

3. Opções Metodológicas

No ponto 1.2. do presente Capítulo foram exploradas as múltiplas abordagens possíveis ao trabalho de investigação, nomeadamente aquelas que concernem os paradigmas inerentemente qualitativos ou quantitativos. No entanto, e tendo em conta a natureza da questão problema, multidimensionalidade dos fenómenos sociais e internacionalidade das organizações justapostas, optarei por usar uma abordagem metodológica enquadrada nos planos mistos.

Entende-se a pesquisa em planos mistos como aquela que emprega um desenho e procedimentos em que ambos os métodos qualitativos e quantitativos serão coletados, analisados e combinados num único estudo (Creswell & Plano Clark, 2007). Levantam-se, no entanto, duas considerações na aplicação destes preceitos. O uso de metodologia enquadrada nos planos mistos prende-se com a necessidade de produzir ciência de tal forma a que se investigue numa lógica interpretativa a intervenção em sociedade, de modo a que se vislumbrem explicações causais do seu curso e efeitos (Weber, 1949). Esta tentativa de reconciliamento dos conceitos de *interpretação* e *causalidade* é uma linha muito ténue. No entanto, o modelo da mútua complementaridade não dispensa *uma única* estratégia metodológica. A proposta assenta na classificação com base no binómio de **prioridade** e **sequência** de Alan Bryman (2015). A abordagem aqui explanada compreende uma prioridade metodológica qualitativa, seguida por uma sequência complementar de dados Quantitativos. Desta forma, a estratégia metodológica aqui explanada assenta num substrato ontológico construtivista (análise da construção da realidade social pelos seus atores) e orientação epistemológica interpretativista (procurando o significado subjetivo da ação social).

Enquadrar-se-á esta investigação no plano de investigação de Estudo de Caso Múltiplo, ou seja, seguindo um *design* comparativo, aplicar-se-ão os mesmos métodos a

dois casos contrastantes, sendo que se entende o estudo de caso como o estudo intensivo de um fenómeno bem definido naquilo que tem de particular (Coutinho, 2011).

Neste estudo, os casos referir-se-ão às organizações desportivas universitárias, representadas por dois casos do tipo representativo ou caso típico (Bryman, 2015). O objetivo é capturar as condições de funcionamento diário, numa organização passível de ser escolhida dada a possibilidade de poder exemplificar como funcionam outros membros da sua categoria (Yin, 2009). É, no entanto, difícil orientar o estudo de caso sem atentar na necessidade de focar os aspetos mais importantes em estudo, correndo-se o risco de tornar insípidos e irrelevantes os dados por força da insustentação teórica e prática, ou talvez de uma falta de correspondência entre a questão problema e objetivos. Para evitar a dispersão de dados e pensamento Goggin (1986) propõe apenas duas formas práticas de nortear a pesquisa. Maximizar as similaridades entre casos, exceto o fenómeno em estudo, **ou maximizar as diferenças entre casos, exceto o fenómeno a ser explicado**. Para a justaposição aqui proposta, optarei pela última, assumindo o tronco comum como o **Desporto Universitário**, explorando assim a multiplicidade de organizações, orgânicas, entendimentos e subjetividades que o fazem acontecer num caldo social diverso, e relacionando-o com os fenómenos de promoção de inclusão e igualdade social.

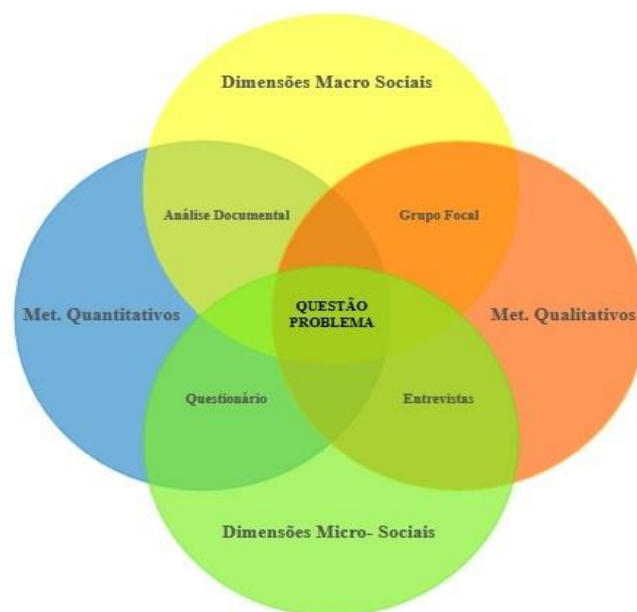
Numa última consideração metodológica devo tornar evidente o uso do **método indutivo** como plano de fundo do pensamento no tratamento de dados e disposição das ideias. O caso em estudo é particular na sua temática, natureza e abordagem. Ao invés de tipificar o estudo com a aplicação de uma teoria pré-existente e caminhar na direção da sua validação ou refinamento, optarei por acinzentar as hipóteses, caminhando no sentido de encontrar e contrastar novas formas de pensamento no sentido da geração de uma nova teoria.

As reservas quanto a esta abordagem plasmadas de forma evidente na bibliografia não foram totalmente ignoradas na escolha metodológica. Os estudos *Transnacionais* podem ser limitados pelas barreiras culturais e linguísticas, tradições e substratos históricos das estruturas administrativas. Estas dificuldades afloram com a interpretação dos dados e identificação de áreas comuns que podem sofrer desvios consoante as limitações do investigador enquanto membro não adaptado de uma ou mais estruturas que compara. Para prevenir dificuldades na maximização de resultados benéficos à discussão

clara e descomprometida das observações aplicarei três mecanismos a este modelo de análise. O primeiro estará cumprido com **a clarificação e conhecimento inequívoco das dificuldades e limitações** ao levar a cabo uma pesquisa deste género. Atentar nas limitações do modelo é o primeiro passo para evitar armadilhas de raciocínio e induzir o investigador numa discussão mais clara sobre o que é comparável de facto. Em segunda instância o **procedimento metodológico escrupulosamente dissecado** com uma linha de pensamento clara ajuda à aproximação do nível de análise do quadro de referência. Comparar indicadores sem um enquadramento esquemático e metodológico seria nadar nas águas turvas do subjetivismo. Não sendo este um estudo objetivo pretende-se, no entanto, atestar a validade dos resultados com a **apresentação clara da reciprocidade onto-epistemo-metodológica**, de forma a conhecer a origem da discussão produzida, validando-a na origem e permitindo a refutação como forma de centralizar a importância do assunto. Desta forma, serão capitalizadas as vantagens de um estudo *Transnacional* deste tipo, considerando que várias podem advir da conjugação destas ferramentas. Linda Hantrais (1995) identifica como pontos positivos desta abordagem a colaboração entre estruturas com *backgrounds* diversos, capitalizando experiências e conhecimentos de tradições intelectuais diversas que acarretam uma variedade de abordagens conceptuais díspares. Do contraste pode surgir a identificação de espaços inexplorados na investigação, aprofundamento do conhecimento de problemas complexos, conceitos e interpretações frescas da realidade, novas perspetivas sobre o foco de análise dos sujeitos ou problemas sociais, e descoberta de novas linhas de investigação. Este confronto de ideias com problemas centrais noutros países pode revelar características de instituições, sistemas e práticas, novas perspetivas culturais e conciliação de processos de pensamento do ponto de vista do nativo, conciliado o seu olhar com o do observador externo.

4. Modelo de Análise

Explicar de forma clara conceitos sociais de tal forma a que se possa guardar uma imagem clara do processo é um desafio. O Esquema 1 desenvolve a articulação metodológica com as dimensões sociais do problema de forma a evidenciar o enquadramento do pensamento associado, demonstrando-o na sua arquitetura como holístico em ambas as vertentes.



Esquema 1 - Articulação Dimensão Real do Fenómeno/Metodologia

A problemática da articulação entre o desporto universitário com a promoção da igualdade e integração social é assumida como uma estrutura multidimensional e complexa que carece de uma abordagem metodológica através de Métodos Mistos, e onde as dimensões macro e micro sociais se articulam, em cada uma das abordagens, com ferramentas correspondentes a cada lado do espectro.

Operacionalização dos conceitos

Desenvolver o processo de investigação depende em grande escala da aquisição de uma linguagem comum passível de ser estabelecida no desenvolver de um conjunto de abstrações e conceitos que a tornam possível, determinando o valor ou o limite conceptual pelo qual se entende cada uma das dimensões dos problemas aqui explanados. Deste modo elucidar-se-ão as duas dimensões da função social do desporto aqui em análise. A operacionalização dos conceitos informará sobre aquilo que será medido ou estudado durante a investigação (Coutinho, 2011). Para a operacionalização destes conceitos foram considerados os documentos de relevo internacional, nomeadamente aqueles que reconhecem a função social do desporto nas suas várias dimensões, e em cujos estados Português e Italiano se encontram vinculados por via da subscrição direta como na Declaração Internacional da Educação Física e Desporto das Nações Unidas

(1978), participação na discussão tal como no Estudo sobre a Monitorização Europeia do Desporto na União Europeia (2013) ou fornecimento de dados de estudo (Eurobarómetro Especial 472 – Desporto e Atividade Física, 2018).

A **Integração Social** é um conceito multidimensional usado como atalho para definir uma miríade de noções nos mais variados contextos. Compreende-se que assim seja; não será possível distinguir a única direção para onde este conceito aponta. No entanto, existe um consenso alargado no que toca ao uso deste termo como indicador de um conjunto de preocupações, como a pobreza, privação, falta de acesso à educação, desvantagens no mercado de trabalho, desemprego, acesso à saúde e acesso à habitação, sobre as quais depende a capacidade de participar nas atividades da sociedade. Estes são os direitos que um cidadão da União Europeia espera ver garantidos, que em articulação desenham um tronco comum e identitário de uma determinada comunidade (Atkinson, Nolan, Cantillon & Marlier, 2002). Os estados sociais, independente da formulação ou posição no espectro político, partilham de um conjunto de objetivos e preceitos teóricos que ditam a direção das políticas aplicadas aos seus cidadãos, e os estados membros da União Europeia assumem-na como o processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acedam às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e beneficiem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem (COM, 2003).

A noção de **comunidade**, é aqui entendida como um dos fulcros do conceito de integração, e constitui-se como a criação de uma identidade comum ou a partilha de um conjunto de valores identificativos de um grupo de pessoas, criando um sentimento de pertença a um determinado conjunto de indivíduos com crenças e linguagem partilhada. Zygmunt Bauman (2003) coloca-o em perspetiva, admitindo-a como o sacrifício de uma parte da nossa individualidade em função de uma estrutura que satisfaça as necessidades intimidade. A **fraternidade** coliga-se ao sentimento de comunidade, funcionando como operador dos direitos fundamentais num estado democrático, efetivado e reconhecendo o sentimento de bondade e compaixão pelo próximo em coadjuvância com o princípio da igualdade e convivência em harmonia. A **solidariedade** entende-se como a capacidade de cada um se obrigar perante os outros, e todos os outros perante o indivíduo, assumindo a reciprocidade no querer bem como uma obrigação moral de efeitos cívicos. A multiculturalidade e diversidade emprestada às sociedades modernas pela melhoria de

meios de transportes, meios de comunicação, acordos diplomáticos e comunidades multinacionais como a União Europeia, trouxe consigo vários aportes cujo juízo de valor pode ser enquadrado como positivo. No entanto, por cada cidadão satisfeito com a variedade, outros há que repudiam e dificultam os processos de entrosamento de estrangeiros no seu próprio meio. A **Distribuição Étnica** dos alunos do Desporto Universitário permitirá comparar os níveis de participação desportiva com a participação em outras atividades culturais. Além do mais, as respostas que poderemos obter destes elementos permitirá inferir o nível de satisfação geral com os colegas, o que abre a porta a interpretações quanto à importância da atividade para a sua integração. O mesmo pode ser dito quanto à **Distribuição de Género**. Um longo percurso tem sido feito quanto à discussão da participação feminina no mundo do Desporto. Deste os primeiros debates nos anos 60 do séc. XIX quanto ao impacto do ténis no aparelho reprodutor feminino na imprensa desportiva em Portugal (Pinheiro, 2014), até à participação paritária entre homens e mulheres nos Jogos Olímpicos do Rio em 2016, com 45% de participantes e 47,4% dos eventos femininos, muito progresso foi feito. No entanto, com a feminização do ensino superior encontramos também um crescimento da participação de mulheres no desporto universitário?

Estas questões importam na prossecução da **Igualdade Social** que vista como uma prioridade pelo movimento Olímpico. No ponto 7 da "Missão e Papel do Comité Olímpico Internacional" da Carta Olímpica (2015) pode ler-se: (a missão do IOC é) *"encorajar e incentivar a promoção das mulheres no desporto a todos os níveis e em todas as estruturas, visando implementar o princípio da igualdade entre homens e mulheres"*. Apesar de tardio, este reconhecimento reporta-se ao artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) assegurando a igualdade étnica, de género, língua, de credo e política, admitindo todos como semelhantes independentemente do local do nascimento. Nesta investigação, serão abordados os fatores de promoção da igualdade social pelo desporto universitário, através de indicadores como o **Status Social**, entendido como a posição do indivíduo na estrutura da sociedade, **Respeito**, associado à **Consideração Mútua** como forma de reconhecimento da importância da liberdade dos outros, bem como a capacidade de um se importar e querer bem aos demais. A **preocupação com o semelhante** será explorada como sendo o sentimento de reciprocidade perante a consideração dos colegas, demonstrando empatia, segurança e

sentimento de pertença aos companheiros. Por último, não se poderá falar em igualdade no Desporto sem endereçar a **distribuição de bens e materiais** e a forma como as organizações desportivas tentam promover a **igualdade de acesso** por via de impedimentos económicos, promovendo uma **distribuição de oportunidades** mais equitativa.

5. Procedimentos de Pesquisa

5.1. Amostra e Sujeitos de Investigação

O processo de seleção da amostra é fundamental para o processo de investigação, já que a qualidade da escolha dos sujeitos, bem como os próprios sujeitos, ditarão em grande escala a validade e generalidade dos dados gerados. Aquando da definição do problema de pesquisa foram já abordados factos históricos e dados operacionais que solidificam as duas instituições como casos passíveis de serem justapostos. A Associação Académica de Coimbra é uma instituição central no paradigma do desporto universitário português, cuja influência, dimensão, peso político e sucesso a tornam paradigmática neste campo de ação. No entanto o modelo de funcionamento da Federação Académica do Desporto Universitário (FADU) admite uma heterogeneidade do modelo organizacional das estruturas que fazem parte da sua Assembleia Geral, isto é, enquanto que a AAC segue um modelo associativo e representativo dos estudantes da Universidade de Coimbra, outros casos há que preferem usar modelos Federativos para representar as instituições de ensino, ambos igualmente válidos. O contraste é fundamental porque faz diferenciar o processo de seleção dos atletas, equipas e treinadores, bem como a capacidade e o teor da relação com os serviços desportivos das próprias instituições de ensino. O caso da AAC, embora paradigmático, não pode ser considerado representativo da realidade do desporto universitário em Portugal, limitando a generalização dos dados neste campo em particular.

A realidade italiana permite uma abordagem diferente ao estudo do caso. A organização do Centro Universitario Sportivo Italiano (CUSI), estrutura nacional homóloga à FADU, assenta numa prerrogativa fundamentalmente diferente da organização portuguesa. É o CUSI que cria um Centro Universitario Sportivo (CUS) em

cada cidade universitária, horizontalizando o modo de participação das instituições de ensino superior. Cada CUS pode possuir orçamentos e instalações próprias, e representa todos os alunos de uma determinada cidade, independentemente da sua Universidade ou Instituto. O resultado é uma tipologia organizacional mais homogénea, que permite a compreensão de todos a partir de um caso isolado. Não significa, no entanto, que todos tenham o mesmo nível de desenvolvimento nem o mesmo nível de envolvimento nas competições nacionais. Embora a composição orgânica e estatutária seja generalizável, os resultados, protocolos, objetivos e modelos de atuação podem ser diferentes, o que torna a generalização dos dados igualmente difícil neste ponto.

A seleção da amostra é **não probabilística**, tendo os sujeitos de análise sido escolhidos com base nos três níveis de gestão nas organizações desportivas (Pires, 2005) aqui definidos como **Dirigentes, Treinadores e Atletas**, atentado à sua experiência relativa. Os primeiros participam na tomada de decisão, definindo as linhas estratégicas de ação e orientação da estrutura, bem como assegurando a sua representação nas Assembleias Gerais das estruturas nacionais. Os segundos estabelecem a ponte entre as políticas e a prática desportiva, aplicando programas de treino consoante a disponibilidade de recursos físicos e financeiros providenciados pela organização desportiva. Os Atletas como o grupo que operacionaliza e usufrui do resultado entre processos burocráticos e político-normativos, sentindo os efeitos práticos dos procedimentos e intenções teóricas dos atores a montante.

Os sujeitos de investigação foram dois, a Associação Académica de Coimbra (AAC) e o Centro Universitário Desportivo de Reggio Calabria (CUS Reggio). Quanto ao paradigma de gestão do desporto na AAC, encontra-se uma estrutura com dois pilares de atuação fundamentais. O Desporto Federado é promovido pelas suas vinte e seis secções desportivas que competem nas suas respetivas federações desportivas, enquanto que o desporto universitário é gerido pela DGAAC e compete nas provas da FADU, EUSA e FISU. O Desporto Universitário participou na época desportiva 2016/17 em 17 eventos desportivos da FADU nomeadamente no Basquetebol, Futebol, Andebol, Voleibol, Basquetebol 3x3, Ténis, Ténis de Mesa, Badminton, Pólo Aquático, Bodyboard, Judo, Karaté, Equitação, Bilhar, Atletismo e Duatlo, e em **ambas as categorias masculino e feminino**, de acordo com o Relatório de Atividades de 2017 da DG/AAC. Na época 16/17, enquanto anfitriã das Fases Finais dos Campeonatos

Nacionais Universitários, a UC/AAC chegou à 3ª posição no troféu coletivo (Fadu.pt, 2018). A UC/AAC foi a **melhor Universidade nos Jogos Europeus Universitários Coimbra '18**, com 11 títulos europeus, alcançando 5 no topo do pódio (Results.eusa.eu, 2018).

O CUS Reggio Calábria é uma estrutura periférica do CUSI e desenvolve **4 linhas principais de ação**: O Torneio Inter-faculdades, Eventos e Manifestações Desportivas, Cursos de Formação e Participação no Campeonato Nacional Universitário (CNU) do CUSI. Dinamiza cerca de 1400 estudantes de todas as IES da cidade, particularmente da Universidade Mediterrânica de Reggio Calábria. A **participação no CNU's** organizados pelo CUSI foi feita através do Atletismo, Judo, Esgrima, Luta, Karaté, Voleibol, Basquetebol, Badminton, Futsal, Futebol e Rugby 7's, totalizando 11 modalidades. No entanto, muito embora a participação tenha sido ampla, não foi atingido nenhum título nacional nesta competição ("Campeonati Nazionali Universitari Primavera", 2018).

Em Portugal foram entrevistados dois atletas (um masculino e outro feminino) denominados A2_PT e A3_PT; dois dirigentes (um Feminino da AAC, outro Masculino da UC) denominados D3_PT e D4_PT, e um treinador do género masculino denominado T1_PT. Em Itália foi entrevistado um atleta do género masculino codificado como A1_ITA e dois dirigentes do CUSI do sexo masculino, D1_ITA e D2_ITA.

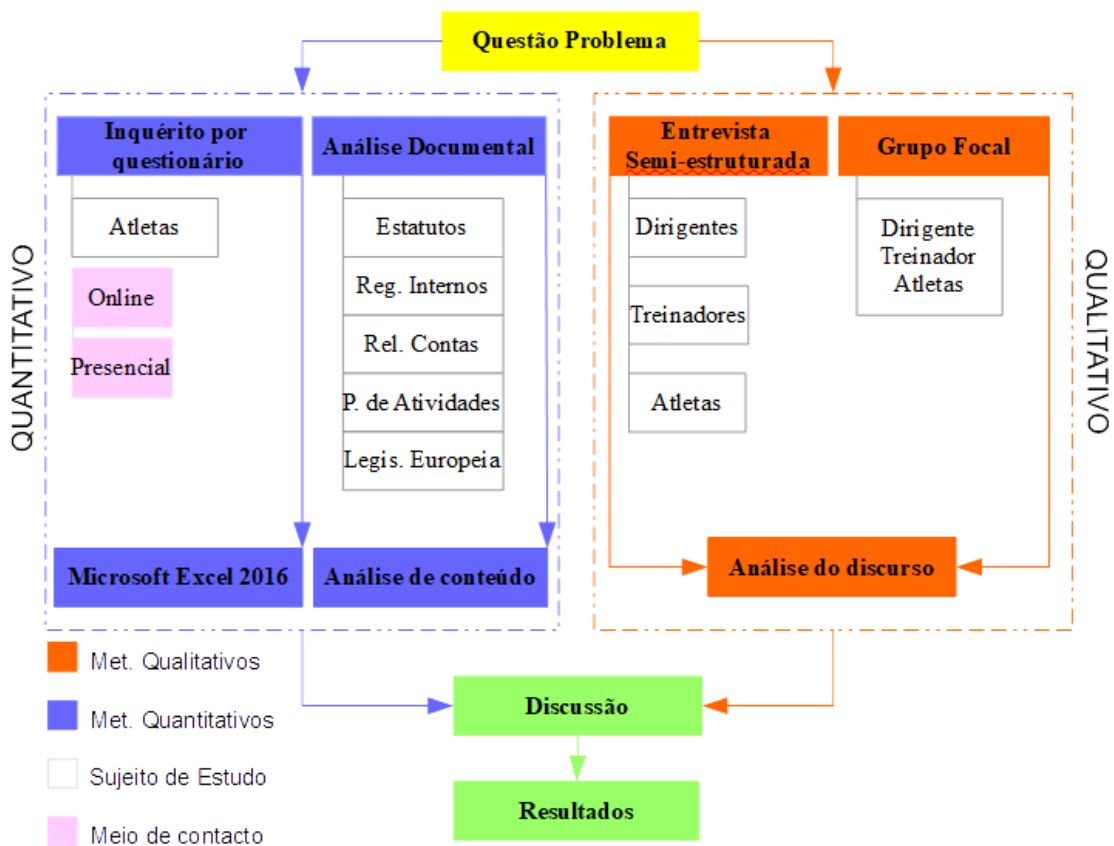
O grupo focal realizado na AAC em Portugal contou com a participação de um atleta, um dirigente e um treinador e foi denominado FG2_PT. Já o grupo focal realizado em no CUS Reggio foi composto por dois dirigentes, um atleta, um treinador e será referido como FG1_ITA. O Dirigente, Atleta ou Treinador de cada um dos grupos serão referidos com (D/T/A)_FG(1/2)_(ITA/PT) consoante o caso.

A recolha dos dados quantitativos, por via de um questionário, foi **feita presencialmente e on-line**, através do contacto direto com os atletas de Desporto Universitário nas redes sociais e por via telefónica. A recolha presencial ocorreu primeiro em três cidades Italianas. Em Reggio Calábria, aos alunos do Cursos de Defesa Pessoal do Centro Universitário Desportivo de Reggio Calábria nos dias 24 a 26 de abril, nos Campeonatos Nacionais Universitários Primavera em Campobasso e Trento, entre os dias 19 e 27 de maio de 2018, durante os eventos de Judo, Luta Greco-Romana, Taekwondo e Atletismo. Em Portugal, foram questionados presencialmente os atletas participantes nos Jogos Europeus Universitários Coimbra 2018, realizados de 15 a 29 de

julho desse ano. O questionário on-line esteve disponível entre os dias 23/05/2018 e 16/08/2018. **Foram obtidas 111 respostas válidas** de atletas-estudantes, **51 Italianos de 15 cidades e 8 desportos diferentes, e 60 Portugueses de 21 cidades e 15 modalidades** distintas. A amostra Portuguesa contém 73,4% de elementos do sexo masculino e 26,7% do sexo feminino. Já em Itália 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino.

5.2. Técnicas de recolha de dados

As técnicas de recolhas de dados assentaram no **pluralismo metodológico**, ou seja, utilização de técnicas variadas para a apreensão das experiências subjetivas e realidades objetivas segundo **métodos mistos**. Tanto na AAC como no CUS Reggio, foram efetuadas **entrevistas semiestruturadas** a dirigentes, treinadores e atletas. Por forma a compreender a articulação entre os três níveis de gestão, foram realizados dois **Grupos Focais** com um dirigente, um treinador, um atleta masculino e um atleta feminino, analisando-se o discurso subsequente. Procedeu-se à **análise documental** de documentos internos, como planos de atividades, censos, relatórios de contas, estatutos e regulamentos internos. Como forma de calibrar o estudo, e tendo como objetivo obter dados comparáveis e complementares à discussão, um **inquérito por questionário individual** foi distribuído e preenchido por atletas do desporto universitário de ambas as instituições, obtendo-se assim dados quantitativos mais representativos da população em estudo. As técnicas foram aplicadas segundo o Esquema 2.



Esquema 2 - Modelo de Recolha e Análise de dados

Foram realizados dois tipos de entrevistas: 8 entrevistas semiestruturadas individuais e 2 Grupos Focais, inquiridos 111 Atletas-Estudantes presencialmente e online, e analisadas as diretivas europeias, nacionais e locais que regulamentam o DU em ambos os países.

5.3. Aspetos Éticos da Pesquisa

O processo de investigação de problemas sociais incide, invariavelmente, sobre questões particularmente sensíveis para os indivíduos inquiridos. Questionar problemáticas que versam orientação sexual de companheiros, violência, fenómenos de discriminação étnica e condições financeiras requer uma discrição no tratamento e publicação dos dados. Durante a execução do processo de recolha de dados presencial via questionário foi garantido a todos os respondentes o anonimato, segundo a assinatura da *Declaração de Confidencialidade* (Apêndice VI) por parte do responsável do estudo. Todos os respondentes que participaram online aceitaram e confirmaram ter conhecimento do disposto no documento supracitado. Todos os dados foram tratados de forma agregada, sem citar nomes ou características individuadoras de qualquer um dos respondentes.

Com os dirigentes, atletas e treinadores, foi assinada uma *Declaração de Consentimento Informado* (Apêndice VII), aplicada tanto nas entrevistas individuais como nos Grupos Focais, garantindo o anonimato. Foi gravada a autorização de gravação de entrevista e explicitado o teor da investigação, objetivos e esclarecidas quaisquer dúvidas quanto ao processo e duração do encontro.

5.4. Análise de Dados

Os dados foram analisados de acordo com a correspondência à sua tipologia assumindo que ambas partem de uma base epistemológica distinta. As colheitas efetuadas através da entrevista semiestruturada e do Grupo Focal foram analisadas segundo a técnica da **Análise do Discurso**. Esta técnica foi empregue com base na ideia de que o discurso constrói sociedade, valorando-a e avaliando-a nos seus significados. O discurso, e a forma como é produzido, enfatiza uma visão do mundo que vincula o orador às suas

impressões e interpretações (Potter, 1997). A partir de uma perspectiva construtivista enquadram-se as respostas de acordo com os objetivos da pesquisa, olhando para a realidade sentida em justaposição com os compromissos teóricos. Foram recolhidas e transcritas todas as intervenções válidas e pertinentes para cada um dos objetivos específicos e gerais. Após uma análise preliminar dos conteúdos das intervenções, foram selecionadas as mais pertinentes ou representativas de uma determinada posição, caso fosse demonstrada uma homogeneidade no sentido da resposta. Na presença das afirmações e dados mais importantes, foram combinados e articulados entre si sempre do caso geral para o particular, começando no caso Português e terminando no Italiano, comparando-se de seguida as duas realidades.

De acordo com a coleta de dados quantitativos, o **Inquérito por Questionário** foi analisado através do Microsoft Excel 2016 para a produção de dados passíveis de complementar e colocar em perspectiva os dados qualitativos (Bryman, 2015). Os dados provenientes da legislação e regulamentos foram tratados por via da **Análise de Conteúdo**, que foi usada para quantificar a prevalência das palavras-chave da corrente investigação (Coutinho, 2011), permitindo uma aceção sobre o uso dos conceitos chave para a igualdade e integração social em documentos de políticas externas e internas. Organizou-se primeiro a *Legis* Europeia (UN, 1948; COM, 1992; COM, 2003; COM, 2007; COM, 2015; COI, 2015; United Nations Economic & Social Affairs, 2016; IOC – Statistics, 2018), procurando diretivas quanto à promoção da Integração e Igualdade Social. Seguidamente analisaram-se os Estatutos da FADU e do CUSI, bem como os Regulamentos Internos, Relatório de Contas e Planos de Atividades da AAC e do CUS Reggio, procurando referência a essas diretivas Europeias. Identificados os pontos comuns e dissonantes, usaram-se as evidências para justapor a realidade de teórica com a realidade sentida (Coutinho, 2011). Desta feita verificou-se o grau de conhecimento dos agentes desportivos sobre as diretivas internacionais, compararam-se as formas de atuação e interpretação dessas indicações, e procurou-se conhecer o grau de aplicação das mesmas durante a implementação de projetos e treinos desportivos.

5.5. Descrição do processo de investigação

A investigação foi iniciada com uma revisão de literatura, largamente baseada nos diferentes tipos de organização de um determinado território nacional, preocupações e formulações de um estado. As origens históricas foram então relacionadas com os fenómenos a partir dos quais as sociedades modernas se organizam em torno, ou seja, a partir do estabelecimento de um paralelismo entre os as formulações de Estado Social (Goodin, Headey, Muffels & Dirven, 1999) baseadas nas primeiras considerações de Esping-Andersen (1990) e a definição de fenómeno social total, de Mauss & Levi-Strauss (2008).

Dos critérios que definem a um estado social, foram escolhidos e aprofundados dois, a promoção da Igualdade e Integração Social, dividindo-os seguidamente nas suas componentes internas: A promoção da igualdade analisada através da perceção de Status Social, Respeito e Consideração Mútua, Preocupação com o semelhante e igualdade de acesso a bens e oportunidades, e a Integração por via das noções de comunidades, fraternidade e solidariedade, discriminação de género, orientação sexual e étnica, terminando com a avaliação de casos de violência (Goodin, Headey, Muffels & Dirven, 1999). Quanto ao fenómeno social total foi escolhido o Desporto, em particular o Desporto Universitário como forma de ganhar conhecimento sobre a articulação entre os seus elementos enquanto futuras peças centrais da gestão das nações e as suas preocupações sociais. No fundo, de que forma é o Desporto Universitário uma ferramenta de transformação social?

Existem dois casos de sucesso na Europa. A Associação Académica de Coimbra e a Federação Académica do Desporto Universitário são as instituições mais premiadas na European Universities Sport Association, e organizariam em 2018 os Jogos Europeus Universitários em Coimbra, maior evento multidesportivo em Portugal. Itália, com o Centro Universitário Desportivo de Itália, é a instituição que mais eventos da Federação Internacional do Desporto Universitário organizou, e prepara as Universíadas de Verão em Nápoles, 2019, um dos maiores eventos no Globo. Foram então escolhidos estes dois países como estudos de caso a serem comparados nos modelos organizacionais, financiamento, relações políticas locais e nacionais, relação com estruturas locais privadas, públicas e sociais.

Aceite o pedido de colaboração por parte do Centro Universitário de Reggio Calabria, foi efetuado um estudo de campo em Itália durante 4 meses, onde se recolheram dados bibliográficos, entrevistas e questionários. Em Portugal foram auscultadas as estruturas durante os Jogos Europeus Universitários. O Investigador participou ativamente em ambas as instituições, tendo oportunidade de conhecer de forma próxima as realidades vividas por cada um dos agentes desportivos de cada uma das realidades. De forma a capturar as diferentes dimensões do problema, a investigação optou por uma metodologia enquadrada nos planos mistos, tendo recolhido dados com entrevistas individuais de duração média de 20 minutos, grupos focais de 50 minutos e um questionário com 26 questões, além de terem sido analisados documentos internos e legislativos, tanto a nível nacional como europeu. Todos os dados foram recolhidos com garantia de anonimato dos participantes. O processo de investigação procurou sempre a validade científica através da triangulação entre Sujeitos, Técnicas e Conteúdos, fazendo corresponder as considerações onto-epistemo-metodológicas com a fundamentação teórica e recolha de dados (Bryman, 2015)

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

1. Organização do Desporto Universitário

Em Portugal, como em Itália, o Desporto Universitário organizado visava objetivos semelhantes aquando da sua institucionalização. A Federação Académica do Desporto Universitário (FADU) e o Centro Universitário Desportivo de Itália (CUSI) têm ambos como fim a organização, promoção e representação do Desporto Universitário a nível nacional, cabendo-lhes apresentar e defender os interesses dos seus associados junto dos órgãos da tutela da respetiva administração pública nacional tal como estabelecido no Art. 2º dos Estatutos da FADU (2014) e no Art. 1º dos Estatutos do CUSI (2011). Estabelecem-se ambas como marcadamente apolíticas e irreligiosas, perseguindo a sua atividade no cumprimento do interesse público e sem fins lucrativos, respondendo ambas a assembleias representativas e deliberativas de associados na forma de debate democrático. No caso do CUSI estas prerrogativas surgem inscritas nos seus estatutos diretamente, ao passo que, em Portugal, o Artigo 2º do Regime Jurídico da Federações Desportivas (Decreto-lei 248-B/2008) o coloca na definição do conceito de Federação Desportiva, constituindo-o condição sinequanon para o reconhecimento deste estatuto. Respondem ambas à filiação na European Universities Sports Association (EUSA) e à Fédération Internationale du Sport Universitaire (FISU), entidades de função homóloga a nível Europeu e Mundial, respetivamente.

Será neste ponto, apesar de tudo, que as semelhanças se começam a esgotar. Apesar da FADU e do CUSI possuírem as mesmas responsabilidades dentro dos seus respetivos territórios, as características dos seus associados mudam de forma drástica fazendo variar também as qualidades dos filiados que as compõem, alterando a constituição das suas Assembleias Nacionais e dinâmicas regionais. Ao passo que os associados da FADU são “as associações de estudantes do ensino superior português” (p.1 art. 14º dos Estatutos da FADU), os associados do CUSI são os Centros Universitários Desportivos (CUS) (p.1 art. 7 dos Estatutos do CUSI). Esta é uma diferença absolutamente fundamental que faz variar a lógica de gestão dos projetos

desportivos. Apresentar-se-ão de seguida **3 diferenças fundamentais** na moldura legal e orgânica em ambos os casos.

Promotores locais do Desporto Universitário

As associações de estudantes das instituições do ensino superior em Portugal representam apenas uma instituição, ou seja, numa cidade portuguesa hipotética onde coexistam 5 instituições de ensino superior (IES), poderão coexistir 5 associados diferentes da FADU. Numa cidade semelhante em Itália um CUS é criado por cada cidade universitária, representando assim todas as IES da sua região.

Composição dos Corpos Sociais dos Associados

Uma outra nota relevante é a composição dos corpos sociais dos associados. As associações de estudantes (AE) portuguesas têm nos seus estatutos (muito à imagem da AAC), a obrigatoriedade de uma matrícula ativa na IES que representam. Ora, com corpos sociais compostos exclusivamente por estudantes, os associados da FADU possuem uma média de idades nos seus corpos sociais muito inferior à média de idades dos corpos sociais dos associados do CUSI. Os CUS são constituídos por duas categorias de sócio: sócio efetivo e sócio antigo (p. 3, art. 15 dos Estatutos do CUSI). Ambas as categorias possuem a mesma capacidade de pertencer ao quadro diretivo do CUS, no entanto, a esmagadora maioria dos dirigentes são sócios antigos, enquanto que os atletas se mantêm como sócios efetivos durante a carreira desportiva. Desta forma garante-se que a dirigência desportiva é feita por quem teve experiência enquanto atleta, muito embora a exerça de forma mais tardia na vida do indivíduo. Um claro contraste com a realidade Portuguesa, onde o dirigismo é uma carreira alternativa, em muitos casos, à de atleta, o que resulta numa expressão desportiva organizada, gerida e pensada de estudantes para estudantes.

Composição das Assembleias Nacionais Deliberativas da FADU e CUSI

Numa terceira nota temos a composição e representação dos associados nas assembleias deliberativas. Ambos apresentam um sistema de representação por quotas

totalmente diverso. Na FADU, a solução passa por implementar um sistema de delegados que participam na Assembleia Geral que segue uma fórmula complexa. No n.6, art. 36º dos Estatutos da FADU temos a seguinte fórmula de cálculo: $P = (2E/3S) + (A/3T)$ que significa o seguinte:

(...) P é a ponderação-base de cada associado para efeitos de constituição da Assembleia Geral, E é a média aritmética do número de estudantes representados pelo associado nos dois anos letivos anteriores, A é a média aritmética do número de estudantes-atletas inscritos na FADU nas duas épocas anteriores pelo associado, S é a média aritmética do número total de estudantes representados por todos os associados nos dois anos letivos anteriores e T é a média aritmética do número total de estudantes-atletas inscritos na FADU nas duas épocas anteriores por todos os associados (nº 7 art.36º dos Estatutos da FADU).

O método representativo de Hondt é assim aplicado com o objetivo de obter uma proporcionalidade entre o número de delegados presentes na Assembleia Geral (AG) e o número de estudantes representados por cada uma das estruturas, em que cada delegado exerce o direito a 1 voto.

Na Assembleia Federal do CUSI (órgão homólogo à AG da FADU) a participação e o direito de voto usufruem de uma consistência representativa. Cada CUS faz-se representar pelo respetivo presidente ou seu suplente. Estes exercem um número de votos diferente de acordo com o número de estudantes representados e que obedece à seguinte tabela, conforme o disposto no nº2 do art. 19 dos Estatutos do CUSI:

- 1 voto até 5000 estudantes;
- 2 votos de 5001 a 10000 estudantes;
- 3 votos de 10001 a 25000 estudantes;
- 4 votos de 25001 a 40000 estudantes;
- 5 votos a partir de 40001 estudantes.

Estes 3 fatores (qualidade dos associados, faixa etária e método de participação) influenciam diretamente a forma como o desporto universitário de encontra organizado, como se posicionam as estruturas, como se distribuem pelo país, e até de de que forma estão inseridos na sociedade os dirigentes desportivos.

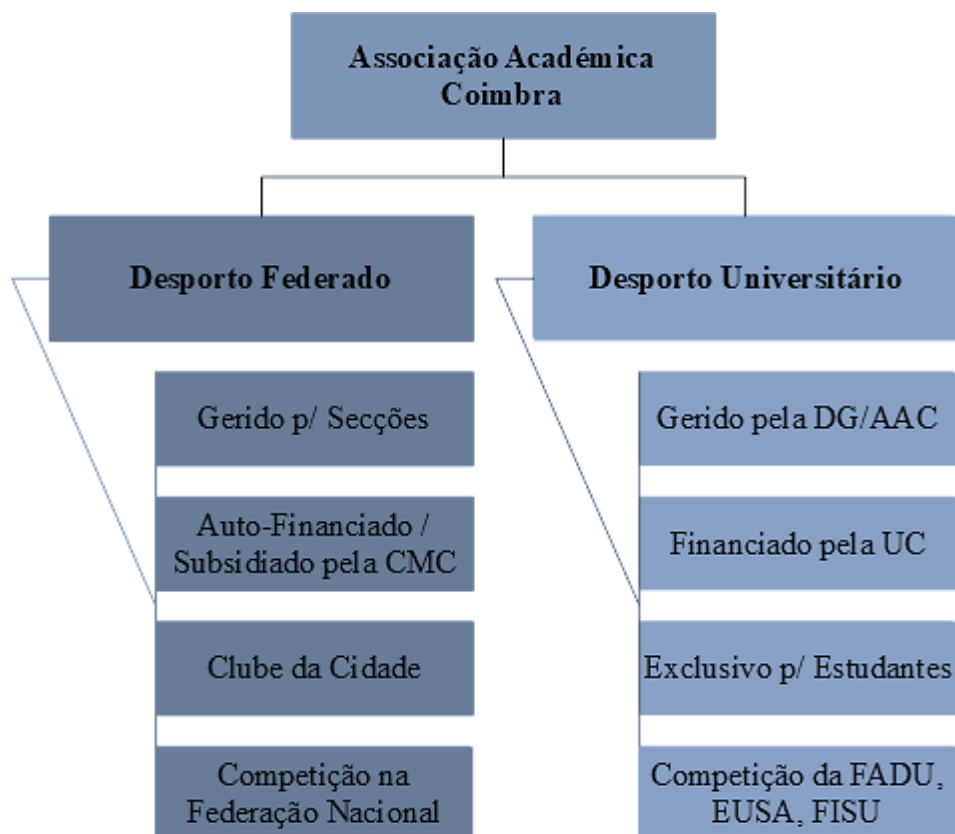
A Associação Académica de Coimbra e o Centro Universitário Desportivo de Reggio *Calábria* são dois membros da FADU e CUSI, respetivamente. A sua participação e contributo local é norteada pelas suas estruturas nacionais e a capacidade de envolvimento com os seus pares, de participação em competições ou promoção de uma agenda própria reflete a vontade política e caminhos traçados pela organização. De seguida serão analisadas as atividades desportivas de ambos os casos em estudo.

1.1. Frequência, teor, sustentabilidade e público-alvo das atividades desportivas

A AAC é uma superestrutura com 4 pilares fundamentais: As Secções Associativas Culturais (16), Secções Associativas Desportivas (26), Núcleos de Estudantes (26) e Organismos Autónomos (6), totalizando **74 organizações**, cada uma com corpos sociais e planos de atividades próprios. A sua Direção-Geral tutela e preside os seus conselhos médios: o Conselho Cultural, Conselho Inter-núcleos e Conselho Desportivo e cabe a cada um destes conselhos a convocação da respetiva Assembleia de Secções ou Núcleos. Os organismos autónomos possuem total independência estatutária e fiscal, e ligam-se à AAC por motivos históricos e práticos, estando alguns deles sediados no mesmo edifício que a estrutura-mãe, e outros atingido uma dimensão financeira e mediática largamente superior, como é o caso do Organismo Autónomo de Futebol.

A **realidade da AAC é profundamente complexa** e o desenvolvimento desportivo não é exceção. Ainda que as Secções Desportivas sejam mais de duas dezenas, a sua atividade é dirigida para as respetivas federações desportivas federadas. O Desporto Universitário está inteiramente legado à sua Direção Geral (DG), cabendo-lhe a organização, seleção de treinadores e atletas, gestão de espaços desportivos e de calendários competitivos. O desporto na AAC brota a partir de uma **lógica bicéfala de funcionamento**: o Desporto Federado e a Secções Desportivas, o Desporto Universitário e a DG/AAC, ilustrado segundo o Esquema 3. O Desporto Universitário participou na época desportiva 2016/17 em 17 eventos desportivos da FADU nomeadamente no

Basquetebol, Futebol, Andebol, Voleibol, Basquetebol 3x3, de Ténis, Ténis de Mesa, Badminton, Pólo Aquático, Bodyboard, Judo, Karaté, Equitação, Bilhar, Atletismo e Duetlo, e em **ambas as categorias masculino e feminino**, de acordo com o Relatório de Atividades de 2017 da DG/AAC.



Esquema 3 - Lógica Bicéfala de organização do desporto na AAC

A AAC consegue ser **competitiva a nível nacional**, tendo obtido o 5º lugar no medalheiro da FADU na época 17/18, com 19 títulos nacionais, 5 dos quais de campeão nacional. Na época 16/17, enquanto anfitriã das Fases Finais dos Campeonatos Nacionais Universitários, a UC/AAC chegou à 3ª posição no troféu coletivo (Fadu.pt, 2018). A UC/AAC foi a **melhor Universidade nos Jogos Europeus Universitários Coimbra ‘18**, com 11 títulos europeus, alcançando 5 no topo do pódio (Results.eusa.eu, 2018).

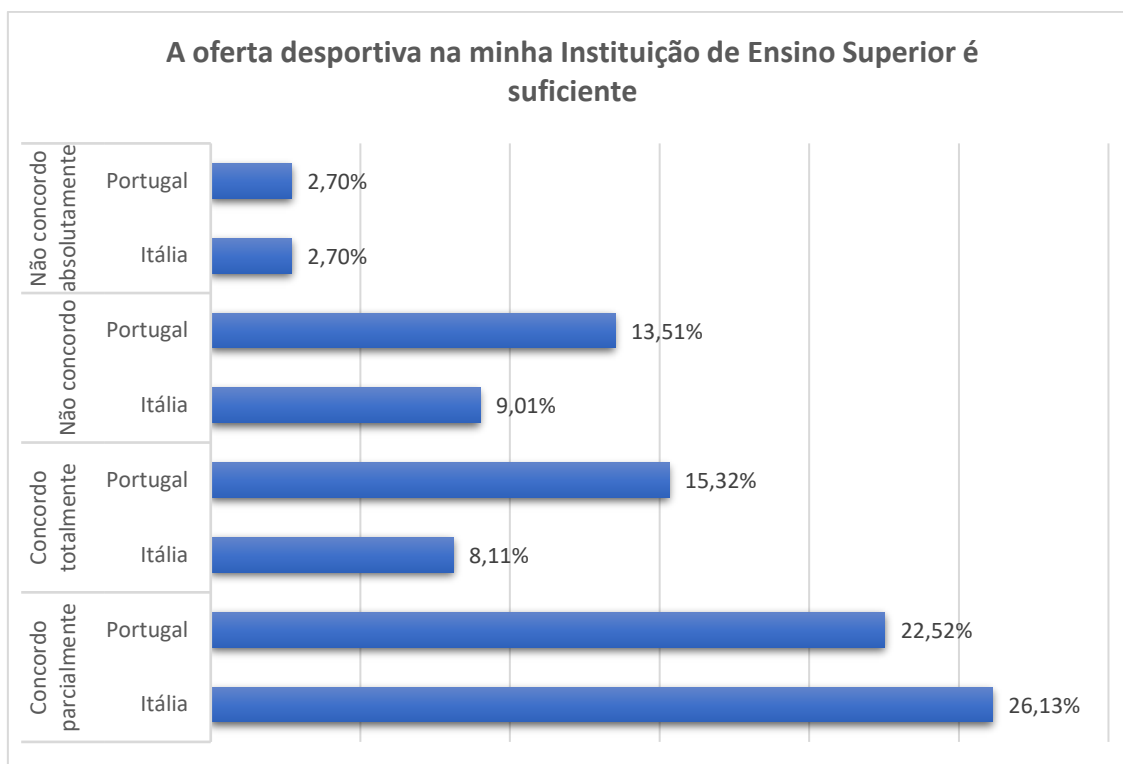


Gráfico 4 - Satisfação com a oferta desportiva nas instituições de ensino superior em PT e ITA

O CUS Reggio Calábria é, como todos os outros Centros Universitários Desportivos, um órgão periférico do CUSI, com competências específicas no Desporto Universitário, reconhecidos pelo Comité Olímpico Nacional Italiano (CONI) e dotado de personalidade jurídica pelo Decreto do Presidente da República n. 770 de 30/04/1968. Não possui nenhuma outra atividade para além das atividades desportivas e desenvolve **4 linhas principais de ação**: O Torneio Inter-faculdades, Eventos e Manifestações Desportivas, Cursos de Formação e Participação no Campeonato Nacional Universitário (CNU) do CUSI. Dinamiza cerca de 1400 estudantes de todas as IES da cidade, particularmente da Universidade Mediterrânica de Reggio Calábria.

A aposta desportiva desta organização é **focada principalmente no interesse dos estudantes da cidade**, apoiando a maior parte da sua atividade na dinamização de estudantes. No ano de 2017, de acordo com o relatório de atividades local, O CUS Reggio contou com um Torneio Inter-faculdades com 5 modalidades desportivas (Andebol, Basquetebol, Futsal, Rugby e Badminton), todas com categorias masculinas e femininas. Organiza eventos para a comunidade académica, como a minimaratona “Universidade em Corrida”, o “Mediterrânica em Bicicleta”, “Dia do Desporto”, “Desporto na Primavera” e

o “Torneio dos Alunos”, entre outras, cumprindo assim missão inscrita no seu Fascículo Attività (2006) de promover atividades abertas aqueles “que praticam atividade desportiva amadora”. O fito é o de proporcionar um ambiente agregador da comunidade académica. **Organizou 6 cursos**, no plano formativo, em 6 desportos diferentes (Basquetebol, Futsal, Voleibol, Treino Desportivo, Badminton e Canoagem) com vista a valorizar a comunidade desportiva de forma académica e complementar. A **participação no CNU’s** organizados pelo CUSI foi feita através do Atletismo, Judo, Esgrima, Luta, Karaté, Voleibol, Basquetebol, Badminton, Futsal, Futebol e Rugby 7’s, totalizando 11 modalidades. No entanto, muito embora a participação tenha sido ampla, não foi atingido nenhum título nacional nesta competição (“Campeonati Nazionali Universitari Primavera”, 2018)

Muito embora a AAC tenha uma dimensão desportiva e um mediatismo superior ao homólogo Italiano, o CUS Reggio possui dimensões semelhantes na participação nos CNU’s, ainda que com resultados obtidos que não sejam comparáveis. O CUS Reggio possui, no entanto, uma dimensão formativa largamente superior, e organiza um número muito maior de atividades desportivas não ligadas à competição, adota uma estratégia desportiva baseada na responsabilidade do Desporto na comunidade académica. Certo é que a multiplicidade de estratégias de desenvolvimento dos outros CUS é tão grande quanto o número de centros existentes. No entanto, a amostra recolhida por esta investigação demonstra conforme o Gráfico 4. que apenas 10% dos atletas inquiridos não se encontra satisfeito com a oferta desportiva da sua instituição de ensino superior em Itália. Caso semelhante em Portugal, onde 15% afirma estar insatisfeito com a oferta.

O ecleticismo das estruturas parece ser relativamente consensual, mas de que forma se comportam estas organizações do ponto de vista financeiro?

1.2. Fontes de Financiamento

A FADU, tal como referido no ponto 3. da presente investigação, é uma Entidade Desportiva de Utilidade Pública inscrita no Setor Não Lucrativo. As suas receitas provêm de três vetores fundamentais: Autofinanciamento por quotas, parcerias comerciais e subsídio público. Este último representa, sem dúvida, a maior parcela do valor total, com um encaixe no ano de 2017 de 755.650,56€ através do Instituto Português do Desporto e

Juventude (IPDJ), Ministério da Educação (MEC), Entidades Desportivas, Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e pela Direção Geral de Ensino Superior (DGES) ("FADU - Relatórios de Atividades e Contas", 2017). A AAC Possui uma lógica de financiamento semelhante com receita nas mesmas 2 últimas fontes de receita, muito embora os valores que provêm do erário público não representem uma fatia tão grande como no caso da FADU. Ambos os orçamentos rondam ganhos de 1.000.000€ mas, no caso da AAC, apenas 410.291,83€ provêm da Reitoria da UC, do IPDJ, IEFP e outros (Relatório e Contas - DG/AAC, 2018). Ainda assim toda a atividade é financiada com um quarto desse valor, ou seja, 106.257,50€ foi quanto valeu em 2017 o Desporto Universitário. Não devemos esquecer o desporto federado que absorveu 340.435,00€ através das suas 26 estruturas.

O CUSI é também uma estrutura financiada pelo Estado Italiano, muito embora o enquadramento seja diferente. O desporto nacional é tutelado pelo CONI (Comitato Olimpico Nazionale Italiano) que distribui uma verba pelas federações desportivas nacionais, inclusivamente pelo CUSI. Apesar de não ter sido possível apurar dados precisos em relatórios públicos, foi possível apurar por via de entrevista a um Dirigente do CUSI (D1_ITA) que “o Desporto Universitário é Financiado pelo Estado através da verba que o Ministério da Instrução paga às Universidades”. Posição corroborada por outro Dirigente (D2_ITA) que afirma que o “Estado Financia o Desporto (Universitário) por via das Universidades. O D2 informou a existência do “*Comittato dello Sport*” que divide o orçamento disponível para o ensino superior em três parcelas: Apoio às Universidades, Apoio aos Estudantes, e Apoio ao Desporto (CUSI). Segundo este dirigente, “do valor total deste orçamento o CUSI recebe 10%”. Uma outra forma de financiamento indireto é a geração de receitas próprias pela exploração das instalações desportivas da Universidade. “As estruturas (desportivas) são financiadas pelo estado e são propriedade da Universidade” afirma D2_ITA. D1_ITA refere o sistema pelo qual são atualizadas as verbas, e de que forma se tem mercantilizado o DU de forma a capitalizar o apoio: “o desporto tornou-se um meio de rentabilização para as Universidades; se do desporto funciona tem-se mais alunos. Quantos mais estudantes, mais financiamento” nota D1_ITA.

O as projeções orçamentais do CUS Reggio revelam a priorização das atividades de dinamização da comunidade académica. De um orçamento total de 166.530,19€,

57.400,00€ são aplicados no torneio inter-faculdades, uma verba muito semelhante ao custo da organização das Fases Finais dos CNU em Coimbra, 2017 (50.023,25€) pela DG/AAC. No plano formativo investiu 35.672,00€ no mesmo ano, pelo que a participação no CNU Primavera custou 38.000,00€ (Piano Finanziario CUS Reggio Calabria, 2017). A AAC não possui registo de algum custo com atividades de Formação Desportiva.

1.3. Papel do Desporto Universitário na conjuntura política local e nacional

Como foi possível observar nas demonstrações financeiras, o DU é um fenómeno que se organiza de forma próxima às estruturas políticas. Quer a nível nacional e local, aqueles dirigentes que se envolvem nas estruturas desportivas tornam-se decisores centrais na vida de um município e de um país. Podemos ilustrar o caso observando como o Conselho Nacional de Juventude (CNJ) em Portugal órgão “reconhecido pelo Estado enquanto parceiro em matéria de políticas de juventude” (“MISSÃO | CNJ”, 2018), tem como Presidente desde 2016 Hugo de Carvalho, um membro da FADU (“Lista de Presidentes | CNJ”, 2018). Emídio Guerreiro, Presidente da AAC em 1990/91, foi membro fundador da FADU e Secretário de Estado do Desporto e Juventude no XIX Governo Constitucional de Portugal liderado por Pedro Passos Coelho entre 2011 e 2015 (“XIX Governo Constitucional”, 2018). Em declarações ao Diário de Notícias, desafiou o governo a dar “um novo impulso ao desporto universitário, através da dinamização de parcerias entre autarquias, movimento associativo desportivo e Instituições do Ensino Superior” (“Quem é Emídio Guerreiro”, 2013). Na cerimónia de abertura dos Jogos Europeus Universitários Coimbra 2018, reconhecidamente o maior evento multidesportivo jamais organizado em Portugal, usaram da palavra o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Manuel Machado; o Secretário de Estado do Desporto e Juventude, João Paulo Rebelo; o Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues e o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, todos com discurso de apoio e exultação do evento e reconhecimento da importância e impacte no país e na região (“EUG’s Opening Ceremony | EUG 2018”, 2018). O Secretário Geral do Jogos Europeus Universitários Coimbra 2018 é o Coordenador do Gabinete do Desporto da Universidade de Coimbra, foi Presidente da Federação Portuguesa de Canoagem por 9

anos, Membro do Comité Executivo do Comité Olímpico de Portugal durante 5 anos, 7 anos Presidente da Associação Europeia de Canoagem e Chefe de Missão Olímpica Portuguesa em Londres 2012, entre outros ("XXX Olimpíada - Londres 2012", 2012; Mário Santos", 2018). O Presidente da AAC em 2014 e 2015 foi Mandatário Nacional para a Juventude da candidatura de Maria de Belém para a Presidência da República em 2016, tendo integrado o Gabinete da Secretaria de Estado da Indústria do Ministério da Economia no XXI Governo de Portugal ("RUC", 2016). Também José Dias, Presidente da AAC em 2016, foi eleito em 2017 Presidente da Concelhia de Coimbra da Juventude Socialista ("Notícias de Coimbra", 2017).

Em Itália o caso é semelhante. O CUSI é um membro fundador da FISU e uma estrutura criada e financiada pelo estado. É entidade que mais Universíadas (verão e inverno) organizou (FISU, 2018). Organizará em 2019 as Universíadas de Verão em Nápoles, com um investimento acordado com o Estado de 256 Milhões de Euros ("Universiadi, il Cusi: Governo e enti locali pronti per lo sprint | Il Denaro.It", 2018). Questionado sobre o crescimento do DU a nível mundial, um dirigente do CUSI (D2_ITA) afirma que a escalada deste fenómeno se deve ao facto de que “as classes dirigentes do futuro das nações, a classe dirigente do futuro do mundo, passa pelo Desporto Universitário”. Giorgio Napolitano foi Ministro do Interior entre 1996 e 1998, Deputado Europeu e o 11º Presidente da República Italiana ("Giorgio Napolitano. L'impegno di una vita", 2015) “fez parte do Desporto Universitário” afirma D2_ITA. O desporto, segundo D1_ITA teve um “crescimento enorme nos últimos 20 anos em Itália, com muita importância na cidade (Milão)”. Em Reggio Calabria, durante o Grupo Focal realizado no Centro Universitario Desportivo, um treinador (T_FG1_ITA) refere a “proporcionalidade entre o tamanho da universidade e o tamanho do DU”. Quando questionados acerca do crescimento o grupo foi unânime em aceitar a opinião dirigente do CUS (D_FG1_ITA): “o desporto universitário tem tido menos atividade nos últimos anos. Com as sucessivas vagas de imigrantes do Norte de África, todas as estruturas desportivas da cidade foram cedidas para abrigos temporários”. O atleta presente corrobora (A_FG1_ITA): “o acolhimento não dura só um par de meses, dura muito mais tempo e as estruturas ficam ocupadas durante muito tempo”. O Dirigente (D_FG1_ITA) reforça: “Considera que desde há 3 anos as nossas 4 estruturas ainda não foram reabertas”. O resultado são dificuldades na prática desportiva. Em Reggio Calabria, afirmou o

treinador presente (T_FG1_ITA) “o financiamento é pouco, ou nenhum” por parte da Câmara Municipal, entenda-se. O dirigente prossegue referindo apatia por parte da população: “é difícil encontrar um grupo de pessoas que queira gerir instalações desportivas. Requer tempo e trabalho” (D_FG1_ITA). Itália é uma realidade com duas realidades bastante díspares, dividida pelo território “Meridional” e “Setentrional”. No entanto, ambos os exemplos indicam que grande parte do sucesso do DU se deve à relação com o poder local e nacional.

O dirigente da UC (D4_PT) afirma que, em relação às entidades locais, tem-se de separar aquilo que é “prática desportiva de rendimento e prática desportiva de base”. Em relação a esta última diz que “é evidente que as escolas e associações locais devem manter uma relação de proximidade, partilha de instalações e conhecimento. No caso da UC, existe uma faculdade ligada ao Desporto Adaptado”. O que não esgota os propósitos. Na ótica do dirigente, o desporto não serve só para quem tem dificuldades, mas sim como ferramenta com uma “função e obrigação social”. A dirigente da AAC refere que quando fala com as instituições hierarquicamente superiores, as preocupações sociais “não são de todo um tema muito recorrente”.

1.4. Voluntariado no Desporto Universitário

O dirigente da UC entrevistado (D4_PT) afirma que “o voluntariado no desporto é fundamental, porque se quisermos ter prática desportiva organizada, é preciso recursos e é impossível que esses recursos fossem todos profissionais”. Continua dizendo que o voluntariado é “importante para o voluntariado e para a valorização das experiências dos indivíduos”. Esta opinião é corroborada pelo dirigente do CUSI (D1_ITA) que afirma que os valores praticados pelos CUS são baixos por ser um fenómeno maioritariamente voluntário”. Sobre este aspeto, o treinador da AAC (T1_PT) comenta que “o DU tem de ser feito com base no voluntariado. Há colegas que se vão embora por não receber nada. Mas isso provoca desigualdades na organização”. Este treinador é da opinião de que o modelo deve ser amador para que se possa universalizar o acesso e diminuir disparidades.

Quanto à gestão desportiva o dirigente da UC (D4_PT) afirma que, “hoje em dia, com a falta de educação para a cidadania, o dirigismo desportivo jovem é fundamental para a educação para a participação ativa na sociedade, e não estar propriamente só nas nossas profissões e a ser remunerados por isso”. A dirigente da AAC (D3_PT) “acha

muito importante o voluntariado no Desporto porque permite uma aprendizagem. Nem sempre é possível ter um compromisso de longo prazo com uma organização e o voluntariado oferece a oportunidade de conhecer o mundo do desporto por dentro”. A razão apontada para a inexistência de mais voluntários foi: “a própria estrutura, por vezes, é um pouco fechada”. Os atletas inquiridos em Portugal (A2_PT; A3_PT) consideraram ambos o voluntariado muito importante, e pretendem fazê-lo no futuro. “devia ser mais promovido”, inclui o atleta de futebol.

2. O Desporto Universitário e os Problemas Sociais

A ideia de que o Desporto pode resolver problemas sociais tem já alguns anos (Patriksson, 1973; Coalter 1973), aplicada normalmente segundo o pressuposto da importância da socialização de jovens, como local de convívio e de educação, sempre com dialéticas pedagógicas associadas. Certo é que nem todos os atores na área do Desporto entendem problemas sociais da mesma forma. No entanto, e independentemente da formulação, todos os inquiridos responderam da mesma forma à pergunta: “Pensa que o Desporto Universitário pode ser uma ferramenta de transformação social?”. “Sim, sem dúvida” responde uma atleta (A2_PT), “Regra geral, se bem usado, o Desporto pode ser usado como ferramenta de transformação social” afirma um outro atleta (A3_PT). Segundo este testemunho a “inclusão num grupo de trabalho” é fundamental para “identificar até os problemas em casa”. Para uma dirigente da AAC (D3_PT), o “Desporto, no geral, é sempre uma ferramenta de socialização”, considerando o Desporto Universitário como uma forma de “interagir com indivíduos bastante diferentes, aumentar a rede de contactos”, servindo como forma de um se “integrar num contexto social novo, que é a Universidade”. Na Universidade de Coimbra o dirigente entrevistado (D4_PT) afirma que “no Desporto a integração se faz de forma quase automática, tirando algumas exceções”, permitindo que “todos sejam tratados por igual, sendo o que os distingue as suas aptidões”. “Os valores que o Desporto trás, como o respeito, a solidariedade, saber perder e ganhar, disciplina e fair-play” afirma, “são bases para se um dia mais tarde ajudarem o indivíduo na integração e igualdade social”. Uma voz dissonante é um treinador da AAC que afirma que nesta estrutura “o amadorismo é fundamental”. Fazer carreira no DU “cria diferenças entre os treinadores, muito por haver diferenças salariais

entre todos”; “Igualdade, aqui, é zero!” denota o treinador (T1_PT). Quanto à inclusão denota a naturalidade com que acontece numa equipa. “Uma equipa exclui naturalmente um atleta com comportamentos desviantes”, indica o treinador. Vai mais longe afirmando que “se o atleta for minimamente inteligente, ao reconhecer as diferenças, afasta-se”.

Em Itália a dialética é muito semelhante. O atleta de Luta Greco-Romana (A1_ITA) diz que “no DU todos são muito sociáveis. No desporto nós preocupamo-nos uns com os outros”. O Dirigente do CUSI (D1_ITA) partilha da opinião da homóloga portuguesa na AAC, afirmando que “o DU serve como meio de socializar quem vem de outra cidade ou estudantes estrangeiros, unindo diferenças culturais”. Um outro dirigente do CUSI (D2_ITA) diz que o DU “consente uma troca social, um momento de crescimento dos indivíduos através de uma reciprocidade cultural”. “Os atletas comem juntos, jogam juntos, saem juntos e crescem juntos, principalmente em eventos como este (CNU)”, remata. No Grupo Focal (FG1_ITA) foi clara a concordância com o discurso anterior. Acrescentaram que todos estavam ali, no CUS Reggio, porque se tinham conhecido no DU. “3 pessoas de gerações diferentes, com 3 cursos diferentes, encontram-se aqui porque se conheceram no DU”, ou seja, os laços criados e as preocupações foram prolongados ao longo do tempo, promovendo uma forma de agregação social. Um seu atleta (A1_ITA) afirma que ter-se tornado “mais tolerante com o confronto com outras realidades”.

2.1. O Desporto Universitário e a Igualdade Social

Analisar-se-á agora as diferentes componentes da Igualdade social, e de que forma os discursos divergem ou se encontram entre as diferentes realidades. A Igualdade, neste caso, é entendida como uma realidade multidimensional e complexa, ou seja, conta com macro e microcomponentes que se são, além de tudo, inter-relacionais.

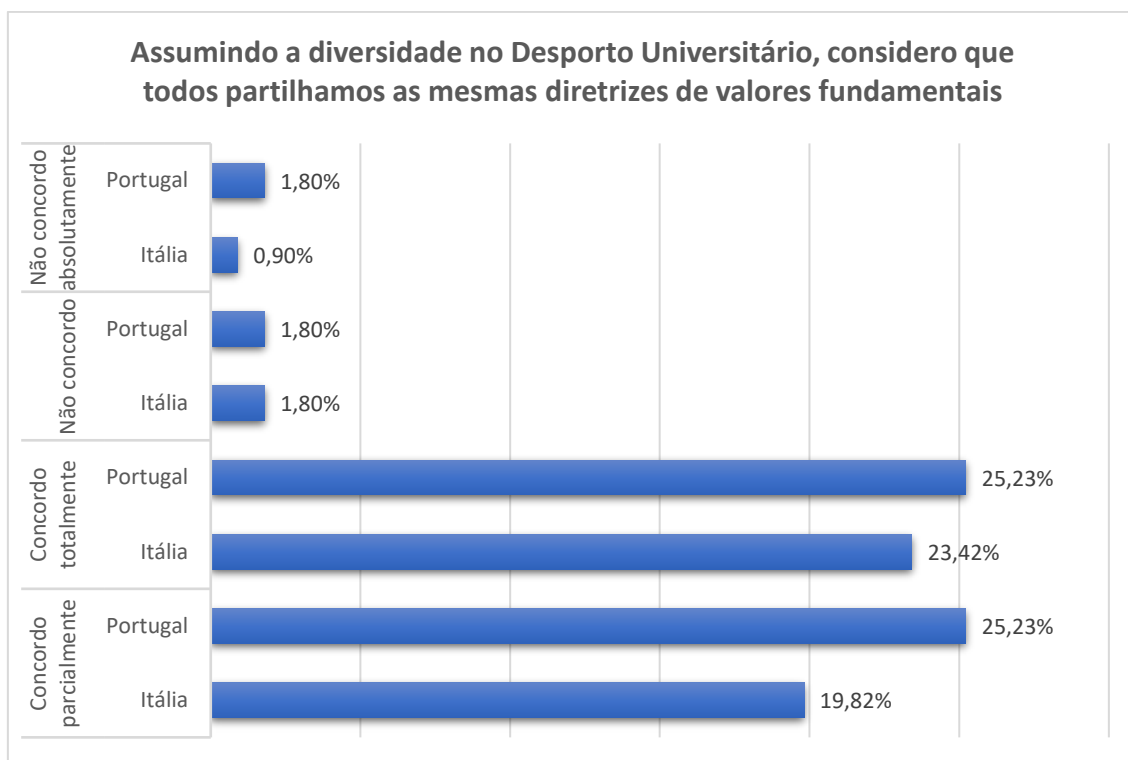


Gráfico 5 - Partilha de valores fundamentais em PT e ITA

No GGráfico 5 observa-se que a esmagadora maioria dos inquiridos por esta investigação considera que partilha as mesmas diretrizes e valores fundamentais com os colegas. Nenhum entrevistado, em ambos os países, negou a relação entre desporto e a promoção dos valores da igualdade. Os argumentos mais utilizados para explicar a relação são o “trabalho em equipa” (A2_PT), a horizontalização por “uso do mesmo uniforme” (D4_PT), o “espírito de grupo” (A3_PT), “aumento da sociabilidade” e capacidade de criar novas relações entre atletas e com a sociedade foram apontados como causas deste fenómeno. Um atleta Italiano (A1_ITA) afirmou que o desporto “porta muita humanidade”, ou seja, traz consigo um conhecimento de realidades intersubjetivas.

A igualdade será avaliada nos pontos seguintes de acordo com os objetivos gerais e específicos de pesquisa, ou seja, serão apresentados os dados da avaliação do Status Social, Respeito e Consideração Mútua, Preocupação com o Semelhante, Igualdade de género e Orientação Sexual, Composição Étnica das equipas e Distribuição de bens e Materiais, Igualdade de Acesso e Distribuição de Oportunidades.

2.1.1. Do Status Social

O Desporto Universitário é uma realidade desportiva com expressão nacional e internacional. Nos territórios nacionais a população não é homogénea no seu aporte cultural, nem nas referências intelectuais. Portugal e Itália apresentam ambos um modelo de ensino superior universalista, mas até que ponto se denotam clivagens sociais no fenómeno desportivo?

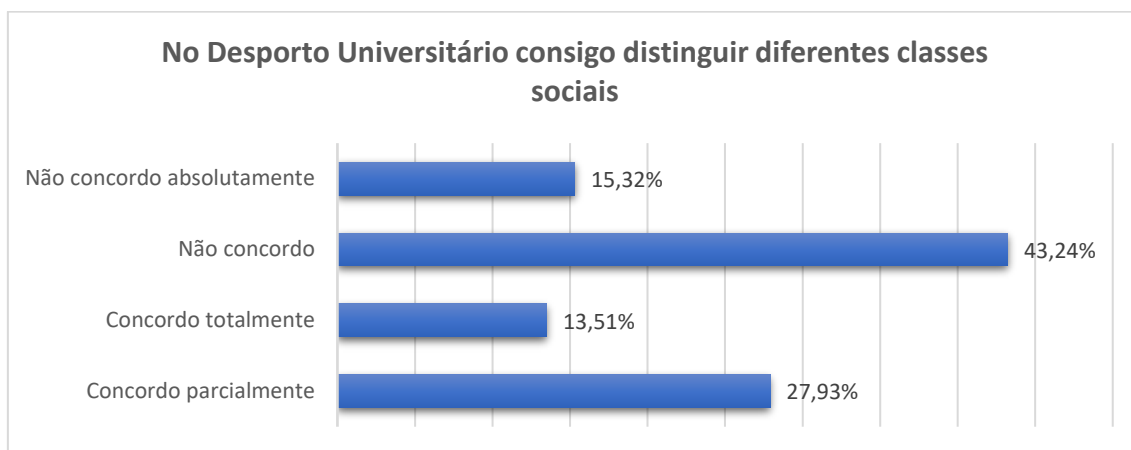


Gráfico 6 - Classes Sociais no Desporto Universitário

Os valores demonstram no Gráfico 6 uma tendência clara para a desconcordância com a existência de classes sociais. No entanto, 23,42% dos atletas Portugueses e 18,01% dos atletas Italianos concordam parcialmente ou totalmente com a distinção de diferentes classes sociais dentro do DU. De forma agregada (resultados conjuntos dos dados de ambos os países), 41,44% dos respondentes considera distinguir classes sociais, contra 58,56% que não concorda com a afirmação.

Esta posição não é corroborada pelas entrevistas. Inquiridos, tanto os atletas como os treinadores e dirigentes afirmam não distinguir classes sociais. No entanto, informa um atleta da AAC (A3_PT), que encontrar colegas com dificuldades financeiras acontece “mais do que estava à espera”. O treinador entrevistado da AAC (T1_PT) afirma que as suas atletas “partilham as despesas daquelas que não podem pagar, por exemplo, um jantar”. Se por um lado inquiridos não referem um fenómeno classista flagrante nas entrevistas, indiciam por um lado algumas dificuldades em praticar algumas modalidades. No Grupo Focal realizado na AAC (FG2_PT), um atleta refere a dificuldade em comprar

material como “uma coisa simples como uma pagaia”. O Dirigente envolvido na entrevista rapidamente responde “o valor de uma pagaia para um atleta é largamente superior ao valor de uma bola que põe a jogar 22 pessoas”. Este argumento do custo-benefício das modalidades e do custo de uma coletiva em justaposição com uma individual é uma retórica recorrente. O Dirigente da UC (D4_PT) afirma que “o que vai fazendo a diferença no desporto não são as capacidades financeiras, mas sim o mérito, principalmente nas modalidades coletivas”, deixando, não obstante a indicação, “salvo as modalidades onde os equipamentos têm um custo considerável”. A intervenção que maior luz pode incidir sobre os aspetos flagrantes ou subtis do Status Social pode ter sido feita pelo Dirigente do CUSI (D2_ITA), que nos diz que “o DU é um fenómeno que seleciona à partida uma fatia da população com um determinado nível socioeconómico”, ou seja, existe uma barreira que, à partida, contribui para uma horizontalização do nível socioeconómico dos alunos do ensino superior, e um segundo nível no acesso ao Desporto Universitário em si.

2.1.2. Respeito e Consideração Mútua

Descrito por um Dirigente do CUSI (D2_ITA), o “Desporto é o instrumento mais potente do Mundo. É o único que consegue fazer com que duas pessoas que se odeiam apertem a mão e joguem em conjunto”. Segue descrevendo o Desporto como a “forma absoluta da convivência civil do povo”. O “respeito pelo adversário” é apontado como uma das características mais marcantes no desporto segundo um dirigente da UC (D4_PT), que afirma o Desporto Universitário é assim capaz de “um dia mais tarde contribuir para a igualdade e inclusão social”.

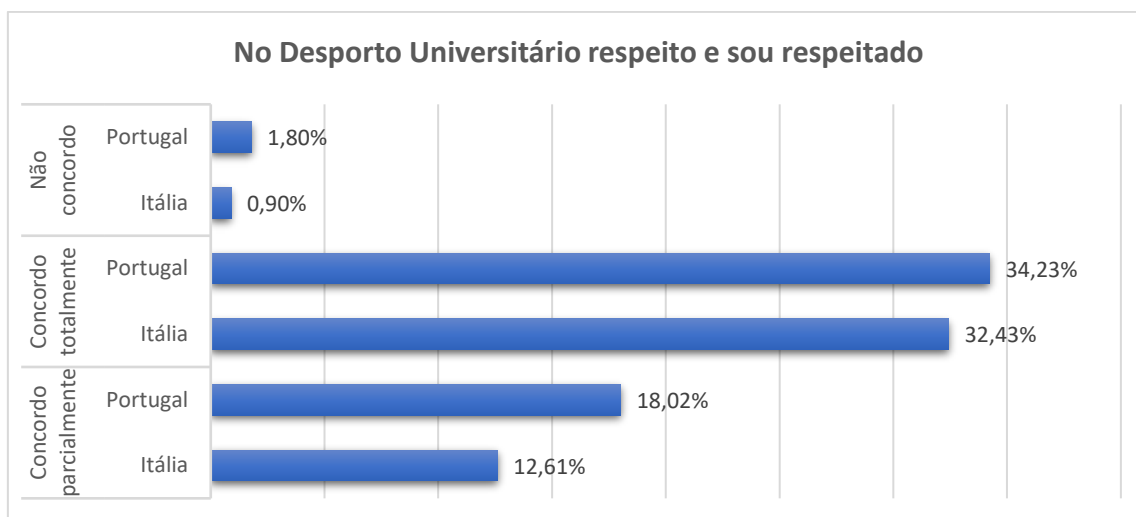


Gráfico 7 - Reciprocidade na percepção de respeito

No Gráfico 7 pode-se observar a concordância dos dados quantitativos com esta variável com aproximadamente 67% da amostra a concordar totalmente com a afirmação, não havendo diferenças significativas entre os dois países.

As diferenças apontadas foram, normalmente, entre modalidades, particularmente quanto a uma em particular. Quando uma atleta da AAC (A2_PT) foi inquirida sobre o respeito e consideração mútua, a resposta foi clara. “sim, mas vemos muito mais valores no Rugby do que, por exemplo, no Futebol ou mesmo no Basquetebol”. Um atleta de Futebol da AAC (A3_PT) diz-se “completamente respeitado” e “completamente integrado” no DU, ressaltando ter observado violência no seu desporto, embora “poucas vezes”. Um Dirigente da AAC no Grupo Focal (FG2_PT), ressalva que “a única modalidade onde encontra grandes picardias, e onde não existe uma grande amizade entre as equipas é no Futebol”. O Futebol foi de facto a única modalidade mencionada. Quanto ao desporto universitário, a opinião geral é a de que promove e respeita todos os seus atores. O treinador da AAC (T1_PT) refere que “todas as atletas têm de se reger por um princípio que é o respeito pelo próximo, e isso sempre foi ponto assente”.

2.1.3. Preocupação com o Semelhante

Os dados quantitativos demonstram uma tendência bastante positiva na direção da concordância com a afirmação “preocupo-me com o bem-estar dos meus colegas e sinto que eles se preocupam comigo”, tal como demonstrado no Gráfico 8.

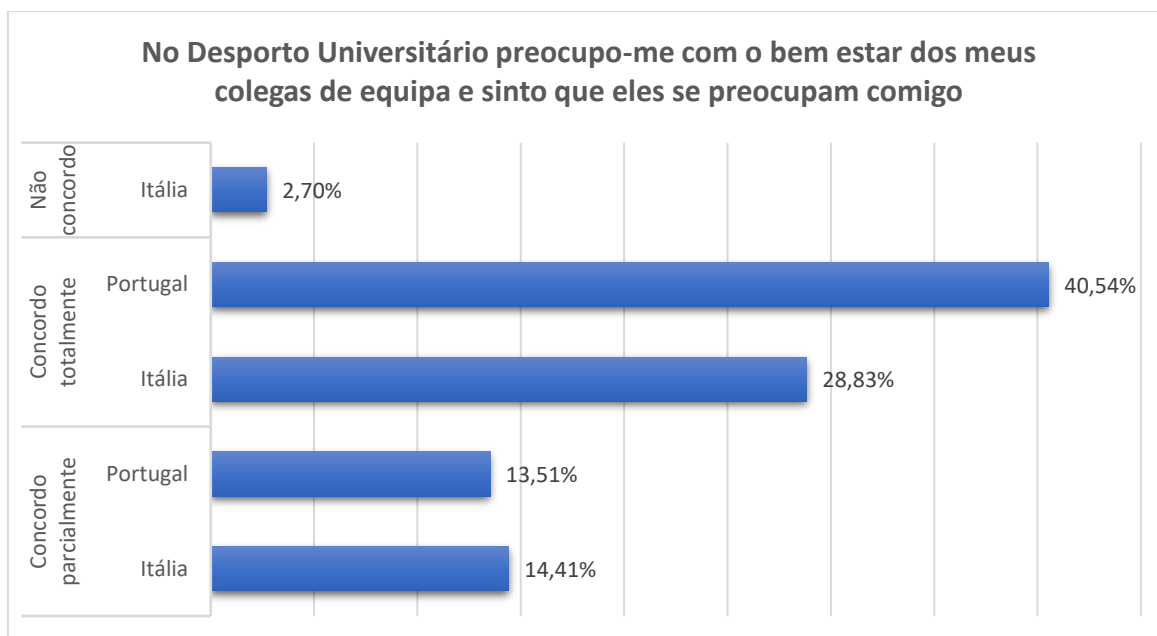


Gráfico 8 - Preocupação com o semelhante

A concordância com estes dados junto dos inquiridos foi generalizada. A Dirigente da AAC entrevistada (D3_PT) concorda com uma preocupação com o semelhante superior no DU porque “pelo facto de estarem integrados numa instituição ou numa equipa, os atletas sentem uma responsabilidade com a equipa e demonstram uma cordialidade com o outro. Mesmo com os próprios treinadores, e apesar de serem todos estudantes, a hierarquia é respeitada”. O Dirigente da UC (D4_PT) corrobora que existe um “grande respeito, pelo menos no desporto universitário, pelas diferenças”. No Grupo Focal (FG2_PT) em na AAC afirma o treinador que “o ambiente no DU não é o mesmo (do que no desporto federado) fruto de uma melhor formação cívica e académica dos seus constituintes”. Continua dizendo que “há valores fundamentais que estão a ser incutidos, e que são transversais ao DU”. Neste grupo acordou-se que isto acontece no DU porque “no desporto federado, quando há prémios, sabemos que há sempre a tentativa de ganhar por outros meios. O DU é, neste sentido uma lufada de ar fresco”. O Dirigente neste grupo afirma “ter dado conta disso em quase todas as modalidades”. E Itália, um Dirigente do CUSI (D1_ITA) afirmou haver efetivamente preocupação com o semelhante na sua ótica entre os atletas de DU, afirmando mesmo que “o nível cultural dos atletas assim o permite” opinião partilhada por todos os entrevistados neste país.

2.1.4. Distribuição de bens e igualdade de acesso

O acesso ao desporto universitário quer-se universal e gratuito. A oferta desportiva universitária, tanto na AAC como no CUS Reggio são gratuitas, bem como as participações em campeonatos nacionais e internacionais são comparticipadas a 100%. Quando analisados os dados quantitativos dos atletas em relação ao usufruto de bolsas universitárias (indicador de dificuldades financeiras no agregado familiar), temos que a maior parte dos atletas não beneficia de apoios sociais, conforme os dados do Gráfico 9:

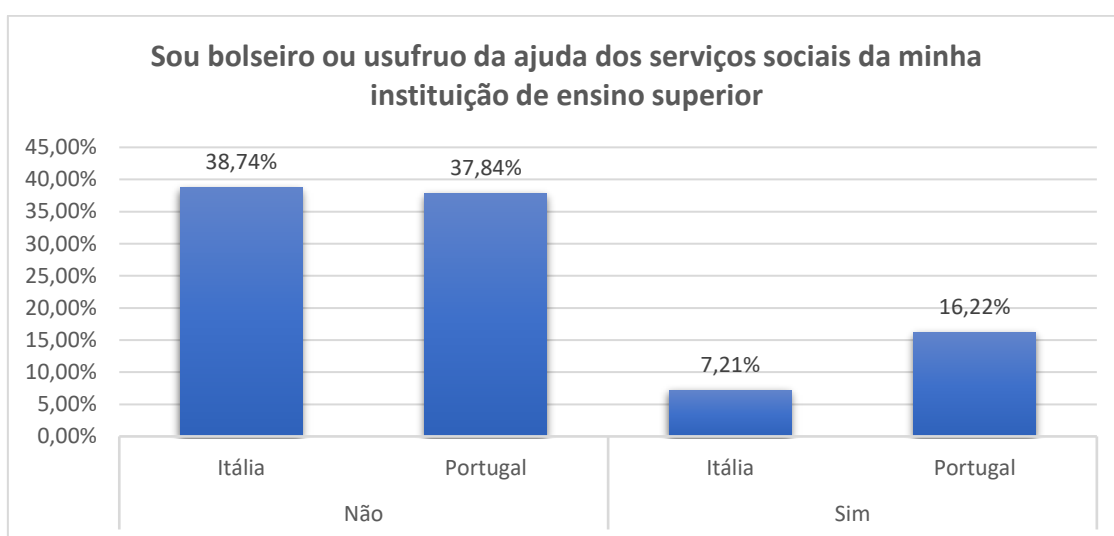


Gráfico 9 - Percentagem de Atletas Bolseiros

Sobre isto, a dirigente da AAC entrevistada (D3_PT), afirma que: “Numa atividade como o torneio Inter-residências, em que um dos requisitos é ser bolseiro, os alunos que participaram na atividade não participaram no DU, ou participou uma percentagem muito baixa. Isso demonstra que os alunos com dificuldades financeiras não participam no DU”. Os dados do gráfico 9. ilustram as palavras da dirigente, demonstrando que a interpretação da dirigente pode ser corroborada. 57% dos atletas inquiridos não tem dificuldades em pagar as contas, e aproximadamente 37% apenas de tempos a tempos.

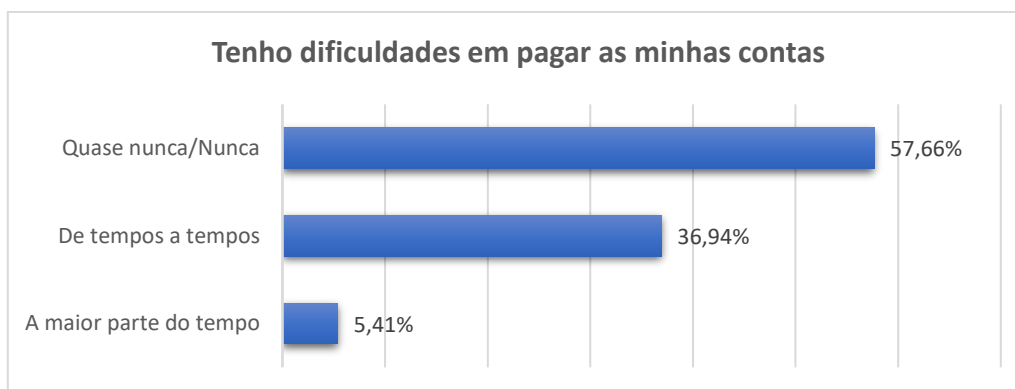


Gráfico 10 - Dificuldades Financeiras nos Atletas de Desporto Universitário

Os números do Gráfico 10 ilustram de forma mais profunda os dados anteriores. Os Atletas de DU não são um público economicamente desfavorecido, segundo esta amostra. No entanto, o atleta de futebol da AAC (A3_PT) afirma encontrar atletas com dificuldades económicas “mais do que estava à espera”. O treinador da AAC (T1_PT) diz que “há diferenças económicas entre as atletas, mas que isso não se espelha no campo”. Na cultura do Rugby, o treinador afirma que “caso alguma atleta não tenha dinheiro para umas chuteiras ou material essencial, faz-se uma coleta, e paga-se. No caso de um jantar, em vez de ser a dividir por 11, é por 10”. O dirigente da UC (D4_PT) refere ainda que o desporto pode constituir uma oportunidade de carreira e de valorização do curriculum profissional e de competências do indivíduo”. Ainda quanto a fatores económicos, quando inquiridos os atletas, (A1_ITA; A2_PT; A2_PT), todos referem financiar o desporto pelos próprios meios. No Grupo Focal realizado na AAC (FG2_PT), foi afirmado que “o apoio não necessita de ser uma remuneração direta, mas um apoio à prática. Por exemplo, porque não permitir a estudantes universitários que nos façam planos alimentares? Ou apoio à fisioterapia? Mesmo suplementação básica”. A ideia deste grupo foi clara: o suporte financeiro não necessita de ser direto, muito embora ajude. “Estou confiante que o estatuto atleta-estudante a nível nacional venha ajudar” afirma um atleta da AAC (A2_PT). Em resposta à questão “Porque pratica Desporto Universitário?”, atletas da Universidade de Aveiro indicaram a bolsa de Mérito Desportivo da sua IES, que no caso comparticipa 100% do valor da propina.

Em Itália, um atleta entrevistado (A1_ITA) afirma achas o desporto “uma atividade importante porque abre a mente, e ajuda a encontrar oportunidades e trabalho. Tenho amigos que conseguiram e eu também gostava.” Aqui o DU é visto como uma

ferramenta de mobilidade social. Quanto às desvantagens económicas o Atleta diz que “se quiseres jogar, podes sempre. Para não sobrecarregar a minha família eu trabalho como empregado de mesa, mas penso que eu compreendi que devo trabalhar para fazer aquilo que gosto”. O Dirigente (D1_ITA) afirma a este respeito que ser dirigente desportivo pode ser uma ferramenta de mobilidade social: “dentro de um CUS é sempre necessário um corpo profissional”. Reconhece, ainda assim, alguma precariedade no vínculo laboral. Outro Dirigente (D2_ITA) considera o desporto como forma de empregabilidade, reconhecendo alguma “precariedade no trabalho em anos passados, que agora está a começar a melhorar”.

Se o acesso é limitado pelo nível económico do atleta e da capacidade da IES prestar apoio, pode ser, nas palavras da dirigente da AAC (D3_PT) também limitado pelo meio social. “Se um não conhece as pessoas daquele grupo, será mais difícil entrar para uma equipa de desporto universitário”. Um fenómeno particular nas equipas da AAC, em que a seleção é efetuada, em muito casos através de treinos de captação, outras através de redes informais de contactos. A capacidade de competir na FADU e de ter acesso às bolsas de mérito pode e será sempre limitada pela capacidade de o atleta atingir um determinado nível de performance tal como afirma o dirigente da UC (D4_PT). Muito embora seja um direito de qualquer estudante de uma Universidade ter acesso à prática desportiva institucionalizada, será interessante analisar a média de idades dos atletas, comparando-a com a média de anos de prática desportiva, conforme os gráficos de dispersão Gráfico 11 e Gráfico 12.

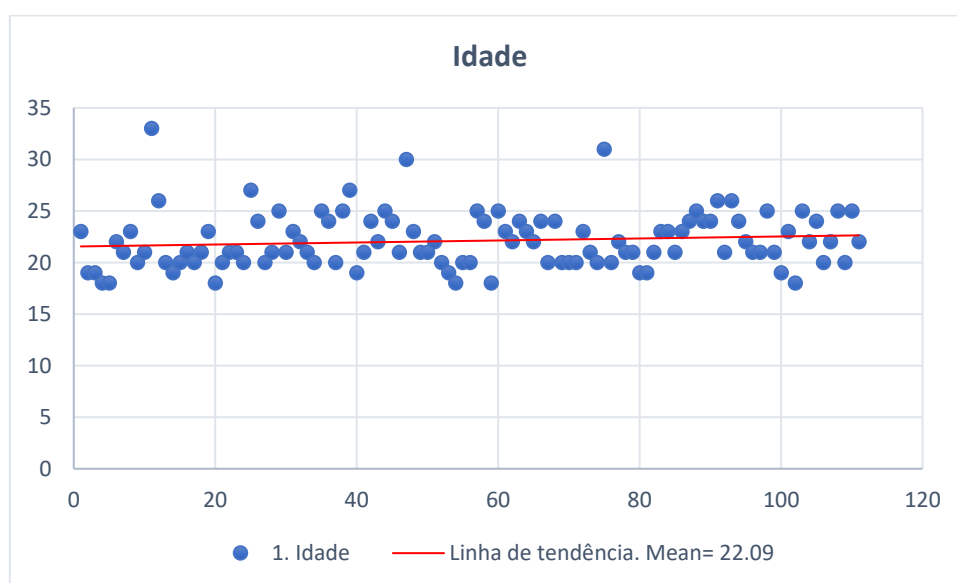


Gráfico 11 - Média de Idades dos Atletas de DU

Para uma média de idades dos atletas de 22.09 anos, temos uma média de anos de prática de 12.70 como evidencia o Gráfico 12 Ou seja, uma atleta de competição no DU Português ou Italiano de 22 anos iniciou a prática da sua modalidade aos 10 anos de idade.

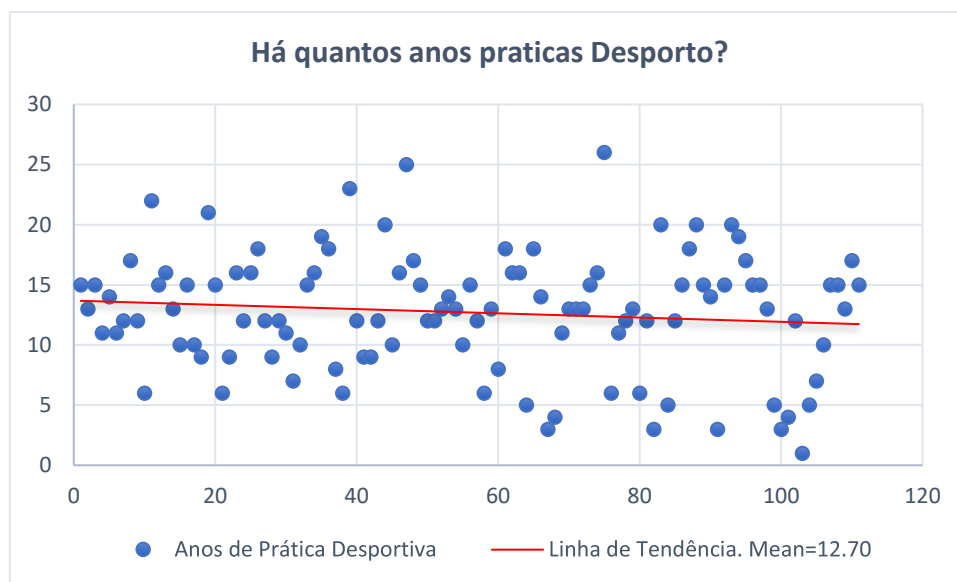


Gráfico 12 - Anos de prática desportiva dos Atletas de DU

Os atletas de Desporto Universitário em ambas as realidades têm discursos semelhantes quanto ao acesso à prática desportiva universitária. Se por um lado as limitações económicas durante a frequência do ensino superior são um fator condicionante, observa-se por outro uma rede informal de apoio aos atletas. Quanto ao ingresso em equipas de competição observa-se o caso de que a prática desportiva precede em muito a entrada no Ensino Superior. Posição esta identificada pelo treinador da AAC (T1_PT) que, quando questionado sobre o reforço do Desporto Universitário em Portugal responde: “O Desporto Universitário poderia ter um crescimento muito maior se todo o trabalho aqui feito passasse efetivamente pelo Ensino Básico e Secundário, que desde há uns anos tem sido descurado”. Continua afirmando que “90% dos atletas de competição do DU dos Estados Unidos da América vêm do Desporto Escolar, e só depois transitam para o DU e por aí fora”.

2.2. O Desporto Universitário e a Integração Social

A ideia de Integração Social, é um conceito multidimensional que se prende com as barreiras impostas aos indivíduos no que toca à participação na sua comunidade, ou seja, depende da capacidade de se articularem as noções de Comunidade, Fraternidade e Solidariedade, e é profundamente afetado pela violência, discriminação de género e etnia (Atkinson, Cantillon, Marlier & Nolan, 2002).

O treinador da AAC (T1_PT) entrevistado diz ser “obrigado, e bem, a transmitir práticas correntes da boa formação humana aos atletas, mesmo que seja um atleta mais velho! Mas quando se trabalha em equipa, todos têm voto na matéria”. O treinador diz ser função do grupo gerir os novos indivíduos: “Esse não acaba por ser trabalho do treinador, é trabalho do próprio grupo”. Uma atleta do Rugby (A2_PT) acredita também ser o rugby um ambiente integrador. No entanto ressalva: “Seria bom ter mais raparigas a participar”. O atleta de futebol (A2_PT) diz encontrar um ambiente “bastante” integrador no Desporto Universitário. A posição dos dirigentes é a de que a integração “acaba por acontecer naturalmente” (D3_PT). A dirigente considera que o desporto promove noções de comunidade e fraternidade. O dirigente da UC (D4_PT) concorda de forma absoluta com a ideia de que o DU pode ser uma forma de catalisar valores para outros meios na sociedade. No Grupo Focal (FG2_PT) observa-se também uma concordância a relação entre DU e a Integração Social. O atleta na discussão concorda com o treinador: “O DU tem a responsabilidade de formar Homens e Mulheres”, “o ambiente numa prova universitária até é melhor do que numa prova de outra índole”, acrescentam, “o stress é menor”. Continua que o “Desporto é do melhor na formação de pessoas”.

2.2.1. Noções de Comunidade, Fraternidade e Solidariedade

O dirigente D4_PT afirma “não ter dúvida nenhuma” que o DU promove a noção de comunidade, fraternidade e solidariedade. “O Desporto permite fazer a integração de forma quase automática. Esse convívio sadino vai depois permitir que noutras convivências seja mais fácil esse convívio porque altera a forma como se movimentam,

os locais que frequentam. O Desporto, nesse aspeto, pode ser um indutor de novos comportamentos.”

No Grupo Focal (D_FG2_PT), O Dirigente diz que, “o espírito de grupo é muito forte nas diferentes fases dos CNU, mesmo entre equipas adversárias”, “o que se vê é que os campeonatos servem, não só para competição, mas para a malta se conhecer, para conhecer outras universidades; não há nenhum sítio onde tu vás onde não te deem indicações, mesmo entre os dirigentes”. Remata dizendo que “há uma grande relação de amizade dentro e fora de campo. O treinador sumariza afirmando que os ideais de Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos Modernos, “se vivem muito mais no DU do que no Desporto convencional”. O atleta diz que a equipa Universitária de Canoagem é “uma família e estamos sempre em contacto uns com os outros tanto na universidade como no club”. Vai mais longe dizendo que “almoçamos e jantamos juntos”. O treinador ilustra com um acontecimento em que, findo um treino matinal, “decidimos fazer uma febrada do nada. Tivemos 2 ou 3 horas em convívio e fomos treinar à tarde. Melhor do que isto, é impossível!”. O Dirigente conclui: “quando a equipa de futsal começou a treinar não se conheciam, e um dia chego à AAC e estavam todos a grelhar febras como uma grande família”. Introduce ainda um outro exemplo: “na equipa de futebol abrimos, este ano, os treinos a toda a gente. E a equipa, apesar de não ter tido bons resultados, estava a sentir um espírito de união e único”. “É isto que o DU tem para oferecer”. Um ambiente de união, partilha de conhecimento e de amizade, refere-se o dirigente da AAC.

Ressalva-se, apesar de tudo, o seguinte: “há que definir momentos para tudo de acordo com os objetivos. Sabemos que há um momento para tudo”, acrescenta o atleta. O dirigente, com mais outro exemplo, conta como o treinador do Basquetebol masculino responsabiliza os atletas nas competições: “Eu não sou o vosso Pai. Amanhã temos jogo de manhã”, e recolheu-se. O que é certo é que “à meia noite, todos os atletas estava nos quartos”. É isto, o DU é o profissionalismo e a diversão; a oportunidade de viveres outras coisas que se ficas em casa não tens.”

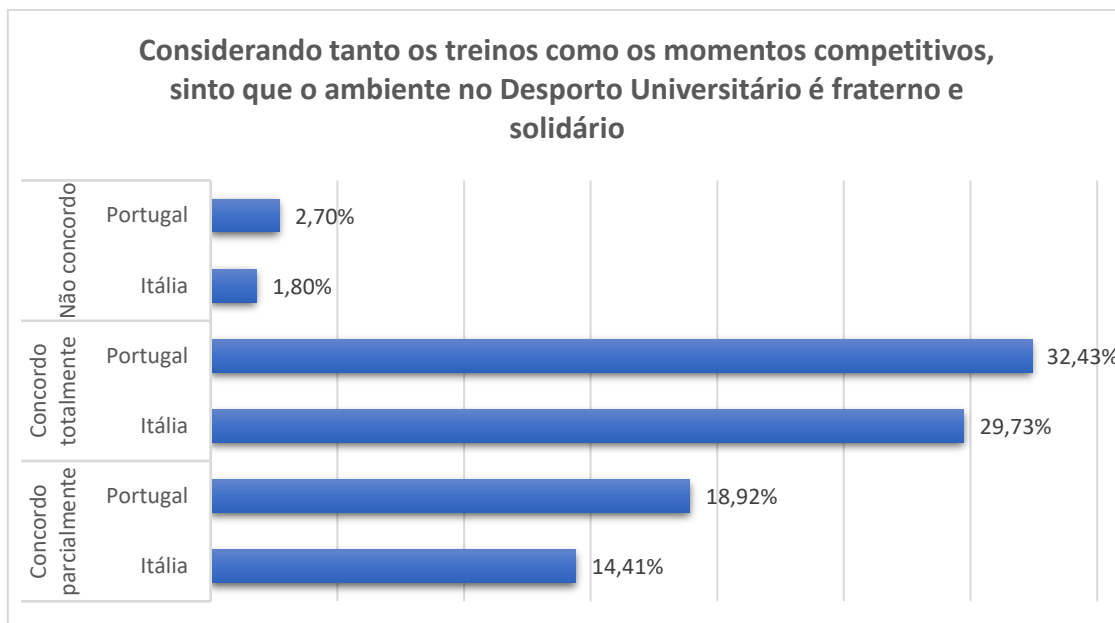


Gráfico 13 - Perceção Subjetiva do Ambiente no Desporto Universitário

Em Itália, o atleta entrevistado (A1_ITA), afirma que “o confronto com realidades diferentes forma o carácter”. O atleta diz que tem uma excelente relação com o seu treinador e com os dirigentes do CUS Reggio: “São os melhores amigos que posso ter”. Sente-se totalmente integrado, diz o atleta. Quanto aos colegas de equipa diz, que não só é tratado como um igual, mas “como um irmão”. O dirigente do CUSI (D1_ITA) diz que o Desporto “promove seguramente uma noção de comunidade” funções que são, aliás, do Estado. Durante o Grupo Focal (FG1_ITA), foi dito por um dirigente que seria impossível encontrarem-se “três gerações diversas, de três cursos diferentes” sem o passado comum do DU, e que essa seria a maior prova de que este serve para criar laços fortes e duradouros. Um Dirigente do CUSI (D2_ITA) afirma de forma categórica que o “desporto é a forma última de convivência humana”. Esta posição é claramente corroborada pelos atletas de Desporto Universitário com a esmagadora maioria dos atletas a concordar parcial ou totalmente com a existência de um ambiente Fraterno e Solidário (Gráfico 13).

2.2.2. Orientação Sexual e Igualdade de Género

No Grupo Focal em realizado na AAC (FG2_PT) afirmou-se não haver “qualquer diferença entre homens e mulheres” aquando da sua participação. No entanto, todos os

inquiridos nos dois países foram unânimes: encontram mais homens do que mulheres quer ao nível da participação enquanto atleta, quer enquanto dirigentes. O Dirigente do CUSI (D1_ITA) afirma que “as gerações formadas pelo desporto universitário estão preparadas para enfrentar os problemas de discriminação sexual”. Todos indicam ser mais interessante o caminho da paridade. Já outro dirigente diz que não encontra na gestão desportiva “mais mulheres” porque é “um mundo de voluntariado, e talvez seja mais fácil encontrar homens com mais tempo do que mulheres”. Este dirigente reconhece este facto como uma prioridade: “este (falta de mulheres) é um dos maiores problemas que temos de resolver”. O atleta italiano entrevistado (A1_ITA) diz ver “menos mulheres na Luta”, mas encontra “todos os anos mais mulheres. Sempre mais mulheres”. A atleta da AAC (A2_PT), afirma “encontro mais homens, sim. Seria melhor, claro, ter mais mulheres praticantes, mas os homens costumam participar mais do que as mulheres”. Os quadros competitivos das competições universitárias contemplam sempre ambas as categorias (masculino e feminino) com uma distribuição de 50/50 em número de eventos. No entanto os números continuam a ser menores nos escalões femininos (FADU, 2018; EUSA, 2018) muito embora a “participação feminina esteja a aumentar” (FG2_PT). “Na competição, a partir de determinada altura, temos mais homens. Há um maior abandono por parte das mulheres, e o número de mulheres na prática desportiva nunca será semelhante” afirma o dirigente da Universidade de Coimbra (D4_PT). O caminho da paridade, continua o dirigente, deve ser “em primeiro lugar, tratar de forma igual, seja na atribuição de espaços, seja na organização de competições. Pode haver uma discriminação positiva, embora ache que isso devem ser sempre normas transitórias, mas penso que deve haver um cuidado de haver o cuidado de promoção e desmistificação da prática desportiva para as raparigas”, afirma. O Treinador da AAC entrevistado (T1_PT), afirma que “em Portugal há um estereótipo que o Rugby é masculino, mais ou menos como era o futebol há 20 anos atrás”. Mas apesar de afirmar que “o Rugby Feminino não é bem visto pelo Rugby Masculino”, confirma o crescimento deste segmento do desporto, com “maiores participações de equipas femininas em torneios internacionais”. “Hoje em dia já há uma aceitação melhor do que há 10 ou 15 anos atrás, mas o desporto será sempre maioritariamente constituído por homens”, conclui.

No Grupo Focal no CUS Reggio, (FG1_ITA) procura-se a paridade “através da organização até de torneios mistos”. No entanto, “não existem tantos participantes do

sexo feminino”. “Há uma prevalência de homens”. “Estamos longe da paridade, mas isto sucede não só no DU, mas sim em todo o desporto, principalmente na gestão desportiva”. Continuam acrescentando que “quando fazemos torneios mistos, muitas vezes é porque o número de raparigas presentes não é suficiente para formar uma equipa completa, então são distribuídas pelas outras equipas”. “Quando são desportos individuais, os números de raparigas aumentam”.

Quanto à orientação sexual, nenhum dos dirigentes, atletas ou treinadores relatou problemas graves, nas suas óticas. A atleta da AAC (A2_PT) afirma que “há sempre na sociedade, alguma (discriminação) seja no DU ou noutra situação qualquer, mas na minha experiência não tem sido assim nada de grave”. Segundo o Dirigente da UC, o “desporto tem de ser inclusivo nessa área”; A orientação sexual em nada interfere com a performance física e atlética” (D4_PT), no entanto diz o dirigente que “infelizmente, acontece. Não temos casos em concreto, mas temos sempre de ter atenção a esse aspeto”. No Grupo Focal na AAC (FG2_PT), diz o dirigente e o treinador concordam quanto a manifestações de discriminação sexual: “eu nunca vi nada”.

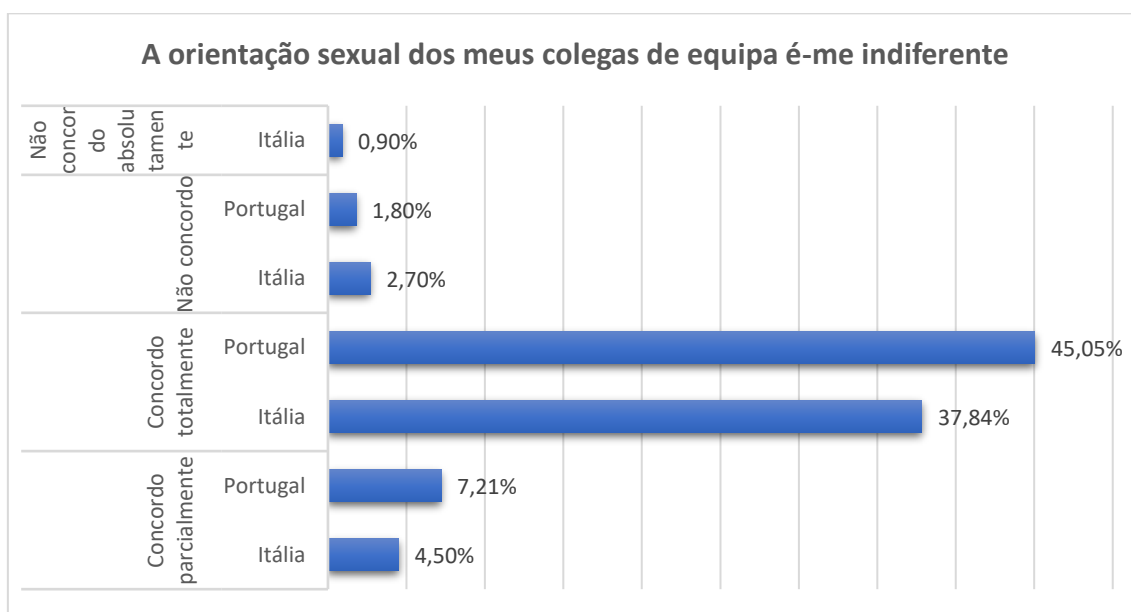


Gráfico 14 - Posição dos Atletas-Estudantes em relação à Orientação Sexual

No Gráfico 14 observa-se que a sexualidade dos colegas é maioritariamente indiferente aos atletas do DU em ambos os países, com percentagens semelhantes. Em Itália, o Grupo Focal realizado no CUS Reggio, (FG1_ITA) afirmou o treinador presente:

“Nós somos sempre pela igualdade!”, posição esta reiterada pelos dirigentes do CUSI: “Zero! Esses não são os valores universitários. Os estudantes estão preparados para isso” (D1_ITA).

2.2.3. Diversidade Étnica no Desporto Universitário.

A presente investigação apurou, numa amostra de 111 inquiridos em dois países, 1 atleta Nativo Americano, 1 atleta Sul Africano, 1 atleta Ariano, e 108 atletas caucasianos. É de notar que, muito embora esta amostra não seja não representativa, o número de atletas de uma etnia visivelmente diferente da caucasiana não foi muito elevada. Além do mais, sempre que foi recusado o pedido de inquérito ao investigador, foram casos de atletas negros. Durante as entrevistas aos agentes desportivos o atleta italiano (A1_ITA) descreveu que defronta atletas de outras etnias, o que “é ótimo porque nos coloca em confronto com outras culturas e formas de lutar e diferentes mentalidades”. O um dirigente italiano entrevistado (D1_ITA) refere que os “estudantes estrangeiros procuram o DU para se integrarem num grupo”, e que as mentalidades estão abertas para isso. Argumento já previamente utilizado pela dirigente da AAC (D3_PT) para descrever os fenómenos de inclusão de estudantes deslocados dentro do mesmo país. Esta dirigente diz, no entanto, que “infelizmente não há muita diversidade (étnica)”, atalhando que “o que se passa no DU é o espelho daquilo que se passa dentro da Universidade, e como não há muitas pessoas de outras etnia a frequentar, isso reflete-se”. No entanto a Universidade de Coimbra é uma das Universidades mais internacionais em Portugal, com 750 estudantes internacionais, 3953 estudantes de nacionalidade estrangeira de 78 países diferentes ("Dados Fundamentais - UC", 2017). Um dirigente na UC (D4_PT) diz que “felizmente no DU não tem encontrado manifestações racistas. O Grupo Focal realizado na AAC (FG2_PT) afirma o atleta não ter encontrado nunca manifestações racistas, “pelo menos não dentro da canoagem não acontece”. O Treinador acrescenta: “Por acaso na canoagem temos um atleta negro que foi medalha de prata nos EUG2018 Coimbra, e nunca vi nenhuma manifestação do género” Nenhum Dirigente, Atleta ou Treinador reportou qualquer caso de xenofobia dentro do Desporto Universitário.

2.2.4. Violência no Desporto Universitário

A violência no Desporto Universitário é uma ocorrência de ocorrência relativamente rara, segundo os inquiridos por esta investigação. Um treinador entrevistado (T1_PT) afirma de forma rápida: “violência, nunca”. Uma outra atleta (A2_PT) indica que “não, que tenha conhecimento não conheço casos de violência”. A realidade Italiana é também relativamente pacífica nas palavras dos seus dirigentes (D2_ITA): “Jamais”.

No entanto alguns casos são exceção. Um atleta de futebol da AAC (A3_PT) afirma ter-se deparado alguns casos, “mas poucas vezes”. Uma Dirigente da AAC (D3_PT) afirma que “nos últimos anos nunca encontrei grande violência no Desporto Universitário, porém sinto que está a aumentar. Tivemos uma situação no Rugby entre dirigente, e uma situação nas Fases Finais do CNU em Aveiro no Futebol contra um dos árbitros”. A dirigente refere-se a um caso de agressão por parte a Associação Académica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (AAUTAD) à equipa de arbitragem nas Fases Finais dos CNU em Aveiro, 2018 (“CNU 2018 - JPN”, 2018). A FADU apressou-se a emitir um comunicado onde se pode ler que estes atos “atentam contra todos os valores da ética desportiva e dos valores do desporto”. Um dirigente da UC (D4_PT) refere que: “Não tenho, no DU em geral, encontrado violência. Infelizmente a violência aparece associada a uma modalidade (subentende-se o futebol), mas generalidade das modalidades não”.

Durante o Grupo focal desenvolvido na AAC (FG2_PT) o Dirigente afirma “ter havido uma quezília no deslocamento ao Algarve” entre a equipa da AAC e da Associação Académica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, “a mesma equipa que provocou os problemas em Aveiro” nas Fases Finais dos CNU. “Mas fora isto nunca vi mais nada!”. Também no Grupo Focal realizado em no CUS Reggio (FG1_ITA) se aponta que em alguns casos se “pode ouvir que a tua mãe é uma senhora muito bonita!” dizem irónicos, muito embora desvalorizem: “não é nada de grave ou comum”. O Atleta do Grupo Focal da AAC diz que existem diferenças entre a realidade Portuguesa e as demais. “Em Portugal isso não acontece, e o desfecho destes problemas nunca é muito grave”. O atleta italiano (A1_ITA) em resposta a esta questão diz que “A Luta (Greco-Romana), é um desporto onde nada disto de passa”.

2.3. Estratégias adotadas na resolução de problemas sociais no Desporto

Universitário

Os três níveis de gestão aqui em análise são interrelacionais. A forma como encontram soluções depende da capacidade de comunicar. Quando questionados sobre as diretrizes que transmitem uns aos outros respondem de tal forma que evidenciam algum fechamento ou mútua-exclusividade. Diz a dirigente da AAC (D3_PT) que “quando contactamos os treinadores damos sempre uma orientação para nossa visão do Desporto universitário, que é diferente daquilo que a DG tem feito nos últimos anos, mas não entramos naquilo que devem ser os treinos”. No Grupo Focal desta mesma instituição (FG2_PT) o treinador termina a conversa dizendo que “o que faltam são discussões destas para encontrar soluções!”. Quanto às ações de promoção de atividades de inclusão e promoção de igualdade, o atleta da do CUS Reggio (A1_ITA) indica que “são só palavras”. Reconhece, apesar de tudo a validade dos conselhos: “O treinador incentiva à integração dos atletas porque é esse o modo de estar de um desportista”. O Treinador da AAC (T1_PT) afirma que esse trabalho “é uma decisão da equipa, e cada um tem a sua parte a dizer”. O dirigente da UC inquirido afirma que a preocupação com a inclusão e igualdade social é uma “questão basilar no projeto desportivo da UC, sem a qual o projeto não faz sentido, ou seja, temos de ver o Desporto como uma forma de contribuir para o desenvolvimento das pessoas e do desenvolvimento Humano”. Acrescenta: “o desporto é uma ferramenta para que todos possam ser melhores e minimizar as diferenças à nascença”.

Diz um dirigente do CUSI (D1_ITA) que esta estrutura adota estratégias de inclusão do público economicamente fragilizado: “Como é um mundo de voluntariado, o preço dos serviços é muito baixo em respeito a uma outra atividade privada. Mas também porque as instalações desportivas são públicas”. Para combater a exclusão social o dirigente afirma ser uma preocupação dos convénios onde participa com os demais órgãos desportivos o desporto adaptado, eventos para mulheres etc. “Há todo um movimento deste ponto de vista e muito empenho da nossa parte naquilo que concerne a integração social”, afirma. Um outro dirigente (D2_ITA) informa que o CUSI procura fazer um financiamento diferenciado de acordo com os territórios nacionais um pouco menos

desenvolvidos”. Foi estudado um projeto de retorno económico de tal forma a que o dinheiro possa servir nas regiões mais subdesenvolvidas. Acrescenta, no entanto, que “a promoção da igualdade e integração social ocorre naturalmente com o DU”.

Que medidas serão então tidas no futuro para a evolução e reforço do DU enquanto ferramenta de transformação social? Um dirigente do CUSI (D1_ITA) pede coordenação de ações. “Existem tantos eventos que todos juntos talvez pudéssemos fazer mais a diferença em relação a eventos isolados e pouco visíveis. É necessário mais Networking”. Um seu colega (D2_ITA) indica que “a nossa ideia é a transformação do CUSI de uma entidade de promoção desportiva para uma Federação Universitária Desportiva. Se nos tornarmos uma Federação teremos mais proteção legal e organização”. Esta já é a realidade Portuguesa desde 1990.

O Dirigente da UC (D4_PT) afirma que as políticas de apoio ao Desporto da UC “estão a crescer e ainda têm que crescer muito”. Continua dizendo que “quando temos uma prática desportiva inferior a 1%, estamos muito abaixo daquilo que são os valores normais de um país desenvolvido”. A dirigente da AAC identifica como caminho futuro a “criação de uma estrutura que se dedique inteiramente ao DU, e que seja uma organização que resolva os problemas, por garantir que tudo corre bem, responsável por fazer inscrições a tempo, etc”. A Dirigente acha que “está no bom caminho”, argumentando que se está cada vez mais a “distinguir o desporto federado do DU, que é o espaço onde todos podem estar, todos podem aprender enquanto dirigentes e treinadores”.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO DOS DADOS

1. Orgânica, Funcionamento e Objetivos

A presente investigação permite inferir interpretações valiosas no que concerne um paralelo nunca antes efetuado de forma sistemática, segundo a revisão bibliográfica. Portugal e Itália são ambos países com estados sociais muito semelhantes na reprodução de hábitos sociais, argumento elaborado por Esping-Andersen (1999) aquando da análise das interdependências institucionais, políticas de emprego, financiamento de diferentes grupos de populações e da regulação da sociedade de bem-estar na Europa. Identificou em Portugal, Espanha, Itália e Grécia um *cluster* com características que indiciava a ideia de um estado social Sul-Europeu com duas características fundamentais: o familiarismo e o clientelismo. O papel central da família como prestadora de cuidados, associado à ideia da figura masculina como “ganha-pão” e conseqüente reforço na proteção laboral destes indivíduos tornam o clima social diferente do panorama europeu, mantendo taxas de empregabilidade feminina baixas e fixando os filhos em casa dos pais até mais tarde (Karamessini, 2007). Em países onde o desemprego jovem é elevado com prevalência de emprego precário quando é finalmente assegurado um vínculo laboral, onde o *locus* de apoio social é pelos familiares (Leibfried, 1992; Petmesidou, 1996 and Ferrera, 1996), sobre que estruturas recai a responsabilidade pedagógica, e de que forma são apoiadas?

A pergunta de pesquisa relaciona o Desporto Universitário com as questões sociais de igualdade e integração. Pretendeu-se ao logo de todo o processo de recolha de dados, desenhar um quadro que permita identificar os objetivos das duas estruturas que tutela o Desporto em Portugal e em Itália, FADU e o CUSI respetivamente, através do estudo de duas estruturas locais: a Associação Académica de Coimbra e o Centro Universitário Desportivo de Reggio Calabria. Do ponto de vista da organização do nacional do DU identificam-se à partida *modus operandis* totalmente diversos, mas que perseguem o mesmo objetivo. Muito embora o CUSI seja uma estrutura que precede a FADU em décadas, opera segundo um modelo amador suportando em antigos atletas e dirigentes de longa data, onde a rotatividade dos quadros sociais é bastante baixa e as direções bastante estáveis. Um dos dirigentes no Grupo Focal realizado no CUS Reggio,

indica que houve um Presidente do CUS Messina por 40 anos, realidade absolutamente inaudita em Portugal. Criada em 1990 pelas associações de estudantes, as direções dos sócios da FADU têm mandatos de, no máximo, 2 anos. A própria Direção da FADU tem o mesmo tempo de mandato, o que provoca um grande dinamismo nas estruturas, ao qual acresce o facto de ser uma obrigação estatutária uma matrícula ativa numa IES para ocupar um cargo político. Se por um lado a experiência e a estabilidade do modelo Italiano trás a perpetuação dos bons resultados, esta também arrasta os maus hábitos. São comuns os relatos entre dirigentes sobre um ou outro caso que “é sempre igual” (FG1_ITA). Em Portugal o DU proporciona a capacitação de centenas de jovens nos cargos de gestão, enquanto que em Itália o CUSI tem uma presença e credibilidade muito mais forte e enraizada. Ambos os casos são de sucesso. A FADU é a estrutura mais premiada pela EUSA, e o CUSI o organismo que mais eventos da FISU organizou ao longo da História. Ambas compensam o amadorismo dos dirigentes com uma tecnoestrutura profissional. Um dos maiores parceiros da FADU é o IEFP, por exemplo, e os dirigentes do CUSI afirmaram que o DU constitui cada vez mais uma oportunidade de carreira menos precária. Os Atletas foram unânimes na consideração do DU como possível emprego de futuro, ou pelo menos de ferramenta de enriquecimento curricular. O problema do desemprego é, na ótica dos inquiridos, passível de ser combatido pelo desporto nas universidades. Na AAC afirmou-se a necessidade de estabelecer uma estrutura profissional que estabilize a organização do DU, e que permita uma profissionalização de um serviço cada vez mais procurado. Em Itália, os dirigentes do CUSI defendem a institucionalização do DU nas Universidades que, durante décadas, foi relegado para instituições parceiras como os CUS. Em Portugal, Coimbra, a parceira da UC é a AAC. O estabelecimento do Gabinete do Desporto da UC foi uma resposta ao problema, resposta esse que proveio de uma necessidade sentida face à incapacidade de resposta da AAC na organização dos EUG2018. Dois países diferentes, duas dificuldades diferentes, a mesma solução apontada.

Tanto em Portugal como em Itália os atletas concordam que a oferta desportiva nas suas cidades é suficiente, muito embora o CUS Reggio a AAC tenha estratégia fundamentalmente diversas. Enquanto que o CUS Reggio aposta em atividades de envolvimento da comunidade académica e no “Desporto Informal”, a AAC assenta a sua ação desportiva em dois pilares desportivos de organização *quasi* Kafkiana. Em Reggio

as atividades pretendem exacerbar as vantagens da dinamização do desporto como forma de conectar a Universidade à cidade. Organizam-se corridas, voltas, torneios inter-faculdades, etc. A atividade agonística, ou de competição, é relegada para um plano acessório. Na AAC as 26 secções desportivas funcionam como clubes da cidade, enquanto que a dinamização da comunidade académica assume um papel residual, com apenas uma atividade digna de registo, o Torneio Inter-Residências. O Gabinete do Desporto da UC, com uma visão diversa, apostou já em “Dias abertos do Desporto” e projetos desportivos em residências universitárias onde habitam, na sua maioria, bolseiros.

O financiamento da FADU e do CUSI é quase totalmente público, como o é o do CUS Reggio. Em Coimbra, a AAC tem uma capacidade de auto-financiamento de quase 50% de um orçamento de 1M€. No entanto, o valor que despendem em DU é muito equivalente. O Estado, como principal patrono do DU, tem também uma presença constante nos grandes eventos desportivos. Nos EUG18 estiveram presentes as figuras cimeiras do Governo de Portugal e da Presidência da República Portuguesa. Em Itália o Ministério da Instrução alimenta o DU de tal forma que o projeto de crescimento do CUSI passa, nas palavras de D1_ITA e D2_ITA, por dois vetores: Aumento das dotações das verbas públicas e reconhecimento enquanto Federação Nacional de DU, com um regime jurídico bem mais vantajoso deste ponto de vista. O DU é visto também como um fator de crescimento das Universidades. Os dirigentes concordam que este pode servir de atrativo para mais estudantes que, crescendo em número, fazem também crescer o financiamento da Universidade. Em Itália esta preocupação é séria. Com uma clivagem social vincada entre territórios setentrionais e meridionais (Norte/Sul), o DU referido como uma forma de promover as zonas subdesenvolvidas, tendo o CUSI, segundo D2_ITA, adotado lógicas de financiamento diferenciadas por áreas carenciadas.

O DU revela também uma característica bastante clientelista, no que toca à ascensão dos seus membros a cargos públicos, tal como exposto no ponto 3.3. deste estudo. No entanto duas interpretações podem ser avançadas: ou existe de facto um favorecimento pessoal dos dirigentes, ou o DU forma realmente, e como foi verificado pelos depoimentos dos sujeitos desta investigação, cidadãos mais empenhados, responsáveis, formados e preparados. Em Itália a ligação não é tão óbvia, muito embora esse facto seja usado como forma de demonstrar as vantagens do DU.

O voluntariado no DU é tratado de duas formas distintas. Se por um lado é reconhecidamente interessante para a valorização pessoal dos participantes, e como ferramenta pedagógica de educação para a cidadania (D4_PT), é visto como fundamental para o cumprimento da função social do DU. Tanto em Portugal como em Itália se afirma que o preço destes serviços é significativamente mais baixo e competitivo devido à prevalência de voluntários nas estruturas. O Treinador T1_PT afirma que a profissionalização do DU destrói o seu propósito social, bem como cria desigualdades dentro da sua estrutura.

2. Promoção da Igualdade

O DU é visto por todos os agentes entrevistado como ferramenta de transformação social. Os atletas indicam que pode servir para identificar problemas em casa dos colegas (assumindo aqui um papel nas redes informais de proteção social), funciona como alavanca para a socialização, confronto com realidades distintas, destaque pelo mérito dos indivíduos, capacidade de trabalho em equipa e criação de vínculos emocionais vitalícios. Nas palavras do dirigente no grupo focal da AAC, “o DU dá-te algo que nunca terias se ficasses em casa”. O grande mérito identificado é o ombrear dos atletas com as contrariedades, potenciando a tolerância, respeito, fair-play e perseverança. Apesar das diferenças, esta posição é corroborada pelos Atletas-Estudantes inquiridos por esta investigação, com mais de 90% a concordar que partilha os mesmos valores fundamentais com os colegas e adversários (Gráfico 5.). Nenhum membro da amostra negou a relação do DU com os valores da Igualdade, chegando a afirmar-se que trás consigo “muita humanidade” (A1_ITA). O treinador participante no Grupo Focal realizado na AAC afirma que “os valores do Olimpismo se vivem muito mais do DU do que no desporto federado”.

Apesar destes depoimentos, 41.44% da amostra nos dois países diz observar diferentes classes sociais no DU (gráfico 6.), situação explicada pelos entrevistados como sendo fruto de desportos um pouco mais dispendiosos do que outros. Os grupos, em ambos os países, demonstram uma capacidade para colmatar diferenças financeiras com estratégias que incluem partilha de despesas e usufruto de serviços da Universidade. Também foram apontadas necessidades em se reforçarem os prémios de mérito

desportivo. Foi discutido que, apesar de tudo o DU seleciona à partida os elementos da sociedade que podem aceder ao ES. Os atletas e dirigentes concordam que são respeitados mutuamente, e que sentem parte de uma família alargada com grande reciprocidade na preocupação com o semelhante.

Os atletas do DU não são, no entanto, maioritariamente bolseiros, nem sofrem de carências financeiras (Gráficos 9 e 10), muito embora os depoimentos refiram que esse é um acontecimento que acontece “mais do que estavam à espera”. A sugestão da dirigente D3_PT é a de que os estudantes bolseiros não participam no DU por não terem dinheiro. No entanto a diferença entre a média de idades e a média de anos de prática desta amostra (Gráficos 11 e 12) sugere que um atleta de nível competitivo pratica atividade física desde os 10 anos de idade, muito antes da idade universitária, sugerindo que, a verificarem-se as dificuldades económicas, estas não são a limitação que impede a competição à partida.

3. Integração Social

A retórica comum estabelecida no DU em relação à Integração social é a de que esta acontece naturalmente, caso já identificado pela literatura (Ekholm, 2016). No entanto, a capacidade de estabelecer contacto com as redes informais de proteção social, órgão de governo, mobilidade social, competições, exposição a novos ambientes e estratégias de *coping* dentro dos treinos, parece pouco casual, especialmente quando a maior fatia do financiamento é de instituições públicas, e as instalações desportivas são realizadas por meio dos mesmos ministérios. Os sujeitos de investigação sustentam que o Desporto é “o melhor na formação de pessoas”. Quanto à convivência, esta parece ser sadina, integradora e fecunda. D4_PT afirma que a prática desportiva influencia “os locais que frequentamos e com quem convivemos”, permitindo a indução de novos comportamentos.

O “espírito de equipa” é o mais mencionado. Relações de amizade dentro e fora do campo são partilhadas nos 3 níveis de gestão (dirigentes, treinadores e atletas), afirmando-se a capacidade de grupos totalmente novos criarem laço quase familiares, com memórias que duram para a vida. A responsabilização foi também mencionada. Os atletas aprendem com os treinadores o valor dos compromissos. No gráfico 13 pode-se verificar que mais de 95% dos atletas questionados em ambos os países afirmam que o

ambiente é fraterno e solidário. “São os melhores amigos que posso ter” diz o atleta do Grupo Focal realizado na AAC. Em Reggio Calábria o grupo era formado por “três gerações diversas, de três cursos diferentes” que de outra forma “nunca estariam juntos” (FG1_ITA).

O género e as políticas que o promovem continuam a ser condicionantes ao desenvolvimento. Todos os inquiridos afirmam encontrar mais homens do que mulheres no DU, e que isso talvez se deva ao facto de o DU ser “um mundo de voluntariado” onde é “mais fácil encontrar homens com mais tempo do que mulheres”. Uma problemática endereçada pelo CUSI através de eventos dirigidos para o público feminino, onde ninguém nega a necessidade deste género ser mais prevalente afirmado que “este (falta de mulheres) é um dos maiores problemas que temos de resolver” (D2_ITA). Ambas as federações organizam 100% das atividades desportivas para os dois géneros, muito embora, no feminino a participação seja menor”. Quanto à orientação sexual dos companheiros de equipa, 83% dos Estudantes-Atletas em Portugal e Itália diz ser indiferente. A discriminação em relação a género e orientação sexual é descrita assim: “Esses não são os valores universitários. Os estudantes estão preparados para isso” (D1_ITA).

A diversidade étnica não se verifica nem em Reggio Calábria, nem em Coimbra, muito embora a UC seja uma das universidades mais internacionais em Portugal, e Reggio possua uma Universidade para estrangeiros. No entanto o DU é reconhecido como um meio fundamental para acolher quem vem deslocado, permitindo a quem chega uma “família fora de casa” (D1_ITA). Em relação a violência no DU, o caso referenciado é o Futebol de 11. Esta modalidade encontrou problemas graves no ano 2018 provocando na dirigente da AAC (D3_PT) a “impressão que a violência no DU está a aumentar”. No entanto ambos os Grupos Focais (FG1_ITA; FG2_PT) referem que isto não acontece na “generalidade das modalidades”.

4. Estratégias Adotadas

Os três níveis de gestão aqui referenciados demonstram relações relativamente estéreis com comunicação interna reduzida. Na AAC (FG2_PT) o treinador refere que o que faltam são espaços de discussão” de forma a aumentar a capacidade de gerar soluções para problemas sentidos. Na AAC o plano é, além do reforço da tecnoestrutura profissional, criar um plano de organização do DU a longo prazo para reduzir a volatilidade das DG’s que

podem mudar anualmente. No CUSI as soluções são financiamento por quotas de territórios subdesenvolvidos, aumento do Networking, e passagem a federação nacional para vantagens de posicionamento político e proteção legal. Na Universidade de Coimbra (D4_PT), o sentimento é claro e sumariza o raciocínio de ambas as nações: a preocupação com a inclusão e igualdade social é uma “questão basilar no projeto desportivo da UC, sem a qual o projeto não faz sentido, ou seja, temos de ver o Desporto como uma forma de contribuir para o desenvolvimento das pessoas e do desenvolvimento Humano”. Acrescenta: “o desporto é uma ferramenta para que todos possam ser melhores e minimizar as diferenças à nascença”.

NOTAS CONCLUSIVAS

A presente pesquisa teve como objetivo avaliar a relação do Desporto Universitário com os Estados Sociais em Portugal e em Itália, olhando para a sua estrutura, organização, agentes e participantes, nos níveis micro, meso e macrosociais. Uma metodologia assente no âmbito dos Planos Mistos, com um Estudo Comparativo Transnacional (Bryman, 2015), permitiu confrontar variáveis qualitativas e quantitativas, oferecendo um olhar sobre as realidades de compromisso, ou seja, os fenómenos resultantes do encontro entre a vontade política e legal, e a ação de facto (Coutinho, 2011).

O Fenómeno Desportivo tem uma estrutura complexa, pelo que olhar para o Desporto Universitário permitiu com que a amostra assumisse duas características interessantes. Em primeiro lugar foi analisada uma amostra multidesportiva, com um total de oito modalidades em Itália e quinze em Portugal, bem como com uma ampla distribuição geográfica, contando-se 36 cidades diferentes em todos ambos os Países. A participação relativa dos dois países nos dados quantitativos foi, portanto, muito semelhante. Nos dez paralelos estabelecidos através desta análise, **não foram observadas diferenças significativas nas respostas dos estudantes-atletas entre Portugal e Itália.** De acordo com os dados obtidos, ambas as populações partilham um capital social e cultural muito próximo, mesmo em relação a questões fraturantes. Esta conclusão valida as aceções de Esping-Andersen (1999), que estabelece traços comuns entre as formulações de Estado para Portugal, Espanha, Itália e Grécia, nomeadamente quanto ao familiarismo e clientelismo da gestão pública. De facto, ambas as realidades comungam de uma relação próxima dos órgãos de governo do país. Em Portugal, **o DU tem a capacidade de alocar a muito curto prazo os seus dirigentes em cargos de gestão e representação pública.** Os dados indicam-no ponto 1.3. do Cap. III, sendo esta interpretação corroborada pelos dados qualitativos. As duas hipóteses avançadas são as de que sendo o DU um espaço onde convivem indivíduos qualificados académica e culturalmente, as características por este adquiridas são um fator catalisador da mobilidade social ascendente. Uma outra interpretação será a de que os Atletas-Estudantes, Dirigentes e Treinadores acumulam o interesse pela intervenção cívica e proatividade, tornando-os mais propensos à exploração do seu potencial transformador.

Os dados demonstram que **o voluntariado é, não só uma experiência valorizada enquanto ferramenta pedagógica**, mas **fator estruturante** em ambas as realidades desportivas universitárias. O voluntariado é visto como uma forma de **conectar e divulgar o DU às comunidades locais**, mas também como fundamental para a **manutenção de orçamentos de estrutura das entidades promotoras baixos**, aumentando a competitividade e universalizando o acesso. O voluntariado é praticado pela maioria dos dirigentes, treinadores e atletas. O modelo de gestão do DU e do desporto federado é fundamentalmente diferente neste aspeto. Esta investigação demonstra que, enquanto que o desporto federado é orientado pela receita, **o DU é quase na totalidade subsídio-dependente**, usufruindo do erário público por via dos respetivos Ministérios da Educação ou Instrução. Este **investimento pelos Governos** revela que ambos compreendem os *outcomes* do **DU enquanto responsável por grande parte do currículo oculto** no acervo dos seus usuários, principalmente em Portugal onde este é **organizado por jovens estudantes**, item discutido por Babiak & Wolfe (1991) quanto à responsabilidade social do Desporto. A estratégia de desenvolvimento e crescimento do DU em nos dois países têm um cariz complementar. **Enquanto que a AAC procura maior estabilidade na tecnoestrutura profissional**, o CUSI e CUS olham para um **futuro enquanto federação nacional**.

Em Portugal, **a institucionalização do DU é vista com reserva** pelas associações de estudantes que procuram a autonomia e o poder político, mas as vantagens demonstradas pelos exemplos recentes e pela **realidade Italiana levam a crer que esse seja o caminho**, principalmente numa época de grande visibilidade desta expressão desportiva. O DU poderá ser **usado como forma de promover as Universidades**, garantindo-lhes maiores fatias orçamentais nos orçamentos públicos. No entanto, os dados apontam para uma necessidade de reestruturação do plano desportivo nacional. Verificou-se que os atletas de competição universitária **iniciaram a prática em média dez anos antes do ingresso no ensino superior** (ver Gráfico 12), sendo por isto necessário **articular o Desporto Universitário com o Desporto Escolar**. O **Networking e a comunicação interna são os principais problemas apontados** na gestão de ambas as realidades. Pontos de diálogo mais frequentes devem corrigir a tendência de “atomização” das funções.

Segundo os dados recolhidos, no **DU reina um ambiente saudável não violento, responsabilizante e rico em experiências diversas**. No entanto deverão ser distinguidas as **duas vertentes do desporto nas universidades**: a promoção de prática desportiva com **momentos de competição interna** e ações de ligação à cidade (estratégia adotada pelo CUS Reggio) e orientação a para a **captação de atletas passíveis de promover a Universidade nas competições Nacionais e Internacionais**, devidamente protegidos por regulamentos, estatutos e regimes de incentivos (estratégia planeada pela UC/AAC).

Atkinson, Cantillon, Marlier & Nolan (2002) indicam que o conceito de integração social é, apesar de multidimensional, relacionado de forma próxima com a capacidade de um indivíduo participar na sociedade. **O presente estudo estabelece o DU como um ambiente eminentemente sadio, capacitador e estimulante**. Segundo os dados apurados, o DU representa, tanto em Portugal como em Itália, uma **oportunidade para estabelecer contacto com realidades diversas**, promovendo o sentimento de união e tolerância. Verificaram-se narrativas semelhantes em ambos os países quanto às **dinâmicas de equipa agregadoras, sentimento generalizado de união e pertença, e responsabilização individual a partir dos objetivos coletivos**. Mais de 90% dos atletas inquiridos considera o DU como um ambiente Fraternal e Solidário (*Gráfico 13 - Perceção Subjetiva do Ambiente no Desporto Universitário*).

Os dados indicam que a participação feminina no DU, bem como a de cidadãos de outras nacionalidades deverá ser mais incentivada com vista a garantir o pluralismo dos agentes. **A distribuição de Estudantes-Atletas quanto ao género não é semelhante**. Muito embora tenha sido estabelecida uma vontade prática e política de acomodar mais equipas femininas, todos os agentes desportivos ressaltaram que **o DU é, ainda eminentemente masculino**. Esta investigação não identifica as causas prováveis da assimetria verificada, no entanto foram mencionadas a “falta de interesse” (A2_PT) e a “falta de tempo” D1_ITA como prováveis causadores do afastamento do público feminino. O estigma é muitas vezes associado a casos de exclusão (Barry, 1998), **sendo talvez a aposta no Desporto Escolar uma forma de lentamente reduzir a aresta que segrega o género** quanto ao nível de participação desportiva. Quanto à posição dos atletas em relação à orientação sexual dos colegas, o Gráfico 14 demonstra que **a discriminação sexual é próxima de um valor de zero**. O caso é semelhante para a inclusão de etnias diversas. Enquanto que o DU é visto como uma forma de aculturar um indivíduo estranho

ao meio, verificou-se uma baixa prevalência de atletas estrangeiros nas equipas Universitárias. **Não foram descritos casos de violência no DU**, salvo raras exceções no caso do Futebol.

Este estudo indica que os valores do Desporto Universitário são complementares aos objetivos que os Estados Sociais Sul-Europeus. Goodin, Headey, Muffels & Dirven (1999) estabelecem nos seis critérios pelos quais estes se têm tradicionalmente regido como sendo a redução da pobreza, promoção da eficiência económica, igualdade social, integração social, estabilidade social e autonomia. **Foi assim estabelecida uma correspondência entre o DU e o Estado quanto às dimensões da Promoção da Igualdade e Integração Social** que Habermas (1973) estabelece como sendo as ferramentas de legitimação dos governos desta tipologia.

Orientações Futuras

Ficam por investigar as outras quatro dimensões do Estado Social. Escasseiam estudos sobre a dimensão económica do Desporto Universitário, muito por dificuldades na definição do conceito. Contrastar a realidade Portuguesa e Italiana com outros modelos de organização seria interessante para estabelecer pontes de contacto entre modelos, apontando a EUSA no caminho de um Modelo de Desporto Universitário Europeu que ainda não está identificado. Poderá o Voluntarismo ser uma característica comum à interpretação Europeia deste fenómeno, à semelhança de Portugal e Itália? O argumento das vantagens pedagógicas do DU indica uma outra linha de investigação quanto ao sucesso dos desportistas no mundo profissional; serão estes melhor sucedidos do que os colegas não envolvidos em prática desportiva? Impõem-se um estudo longitudinal sobre esta questão. Também a forma como se processa a integração social por via do desporto ainda não está identificada. O argumento da “naturalidade” verificado por esta investigação foi já apontado, restando saber quais são efetivamente as origens deste fenómeno. Talvez assim a realidade tolerante e benigna do Desporto Universitário se possa multiplicar por mais e bons exemplos (Ekholm, 2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aksan, N., Kisac, B., Aydin, M., & Demirbuken, S. (2009). Symbolic interaction theory. In *World Conference on Educational Sciences* (pp. 902-904). Procedia Social and Behavioral Sciences 1. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/275537393_Symbolic_interaction_theory
- Allen-Collinson, J. (2011). *Feminist phenomenology and the woman in the running body*, (3rd ed., pp. 287-302). Sport, Ethics & Philosophy.
- Alvino-Borba, & Mata-Lima. (2011). *Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia* (1st ed., p. 220).
- Andrade, C. (2008). *História do Campo de Santa Cruz* (1st ed., pp. 11-71). Coimbra: Associação Académica de Coimbra.
- Atkinson, T., Cantillon, B., Marlier, E., & Nolan, B. (2002). *Social indicators: the EU and social inclusion* (1st ed., pp. 33-240). Oxford: Oxford Univ. Press.
- Babiak, K., & Wolfe, R. (1991). Determinants of Corporate Social Responsibility in Professional Sport: Internal and External Factors. *Journal Of Sports Management*, pp. 717-742.
- Banco Mundial. (2013). *Inclusion Matters: The Foundation for Shared Prosperity* (pp. 3-4). Washington DC: World Bank.
- Barry, B. (1998). Social exclusion, social isolation and the distribution of income. *Centre For Analysis Of Social Exclusion — Case*, 1-24.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2000). Qualitative Researching with Text, Image and Sound A Practical Handbook for Social Research. *Sage Publishing, 1*, 11-167.
- Bauman, Z. (2003). *Utopia with no Topos* (1st ed., p. 40). Sage.
- Bento, J. (2007). *Do Homo Sportivus: relações entre natureza, cultura e técnica* (pp. 30-315). Rev. bras. Educ. Fís. Esp, 21 (4).
- Berlin, P., & Walker, A. (2016). *The Olympic color barrier*. *POLITICO*. Retrieved 25 August 2018, from <http://www.politico.eu/article/the-olympic-color-barrier-rio-2016-racism-sport/>
- Booth, W., Colomb, G., & Williams, J. (2000). *The craft of Research* (1st ed., pp. 63-108). Chicago, Illinois: University of Chicago Press.
- Bryman, A. (1992). *Charisma and Leadership in Organizations* (1st ed., pp. 1-198). London: Sage.

Bryman, A. (2006). Integrating quantitative and qualitative research: how is it done?. *Sage*, (1), 1-13.

Bryman, A. (2015). *Social research methods*.

Bulla, L., Mendes, J., & Prates, J. (2004). As múltiplas formas de exclusão social. *Edipucrs*, (1).

Campeonati Nazionali Universitari Primaveraili. (2018). *Cusi.it*. Retrieved 24 August 2018, from <https://www.cusi.it/wp-content/uploads/ALLEGATIPDF/Medagliere%20CNU%202018.pdf>

CNU 2018 - JPN. (2018). *JPN - JornalismoPortoNet*. Retrieved 30 August 2018, from <https://jpn.up.pt/2018/04/23/cnu-2018-final-futebol-termina-conflito-pondera-abdicar-do-futebol-11/>

Coalter, F. (2015). 'Sport-for-change: Some Thoughts from a Sceptic'. *Social Inclusion* (3)3: (pp. 19-23).

COI. (2015). *Olympic Charter* (1st ed., pp. 3-108). Lausanne: DidWeDo S.à.r.l.

COM. (1992). *Carta Europeia do Desporto* (pp. 1-7). Rhodes.

COM. (2003). *Relatório conjunto sobre a inclusão social, que sintetiza os resultados da análise dos planos de acção nacionais para a inclusão social*. Bruxelas: COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS.

COM. (2007). *White Paper on Sport*. Brussels: Commission of the European Communities.

COM. (2010). *Sport and physical activity. Special Eurobarometer 334/*. Brussels: European Commission.

COM. (2018). *Special Eurobarometer 472: Sport and physical activity* (1st ed., pp. 13-68). Brussels: European Commission.

Cortis, N., Sawrikar, P., & Muir, K. (2007). *Participation in Sport and Recreation by Culturally Diverse Women* (pp. 8-29). Social Policy Research Centre University of New South Wales.

Coutinho, C. (2011). *Clara Pereira Coutinho. 2011. Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. | Interações: Sociedade e as novas modernidades. Interacoes-ismt.com*. Retrieved 1 September 2018, from <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/285>

Creswell, J., & Plano Clark, V. (2007). *Designing and Conducting Mixed Methods Research* (pp. 801-804). Thousand Oaks - CA: Sage.

Dados Fundamentais - UC. (2017). *Dados - Universidade de Coimbra.* Retrieved 30 August 2018, from <https://www.uc.pt/dados/#inter>

Ekhholm, D. (2016). *Sport as a Means of Responding to Social Problems Rationales of Government, Welfare and Social Change* (1st ed.). Linköping, Sweden: Department of Social and Welfare Studies Linköping University.

Esping-Andersen, G. (1990). *The three worlds of welfare capitalism* (pp. 11-60). Princeton, N.J.: Princeton University Press.

Esping-Andersen, G. (1990). *The Three Worlds of Welfare Capitalism* (1st ed., pp. 43-78).

Esping-Andersen, G. (1999). *Social Foundations of Postindustrial Economies.* Oxford: Oxford University Press.

Estatutos da FADU (2014). 16 outubro.

Esteves, J. (1999). *O desporto e as estruturas sociais, Um ensaio sobre a interpretação do Fenómeno Desportivo.* Edições Universitárias Lusófonas.

EUG's Opening Ceremony | EUG 2018. (2018). *Eug2018.com.* Retrieved 25 August 2018, from <https://www.eug2018.com/eugs-opening-ceremony>

European Council. (2010). Sport and discrimination in Europe.

EUSA. (2018). *Results.eusa.eu.* Retrieved 22 August 2018, from <https://results.eusa.eu/index.php?page=medals&event=23>

FADU - Medalheiro Nacional. (2018). *Fadu.pt.* Retrieved 22 August 2018, from <http://www.fadu.pt/nacional/competicao/medalheiro>

FADU - Relatórios de Atividades e Contas. (2017). *Fadu.pt.* Retrieved 24 August 2018, from <http://www.fadu.pt/institucional/estrutura/planos-relatorios/category/relatorios>

Fascículo d'attività (2006). Reggio Calabria.

Ferrera, M. (1996). *the 'southern model' of welfare in social Europe* (1st ed., pp. 17-37). *Journal of European Social Policy*, Vol.6.

Festini, H. (2011). *Ethics and sport* (pp. 443–448). *Jahr*, 2(3).

Flick, U. (2009). *An Introduction to Qualitative Research* (4th ed., pp. 20-432). Illinois: University of Illinois.

Giorgio Napolitano. L'impegno di una vita. (2015). *Biografieonline.* Retrieved 25 August 2018, from <https://biografieonline.it/biografia-giorgio-napolitano>

Goggin, M. (1986). The "Too Few Cases/Too Many Variables" Problem in Implementation Research. *University Of Houston*, pp. 1-5.

Goodin, R., Headey, B., Muffels, R., & Dirven, H. (1999). *The Real Worlds of Welfare Capitalism* (pp. 20-144). Cambridge: Cambridge University Press.

Guimar, V. (2003). *Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: O Atleta como mediador no Esporte*.

Guimar, V. (2003). *Movimento Olímpico E Democracia : O Atleta Como Mediador Esporte , Movimento Olímpico E Democracia : O Atleta Como Mediador*. (1st ed., pp. 13-24).

Habermas, J. (1973). *Legitimation Crisis* (1st ed., pp. 1-24). London: Heinemann Educational Books Ltd. Retrieved from https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30468536/jij5s.legitimation_crisis.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1536272843&Signature=102dWiPNLWjPCRHWXfL6qT5hLBE%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DLegitimation_crisis.pdf

Hanson, N. (1958). *Patterns of Discovery: An Inquiry into the Conceptual Foundations of Science* (1st ed., pp. 2-65). Cambridge University Press.

Hanson, N. (1963). *The Concept of the Positron* (1st ed., pp. 3-14). Cambridge University Press.

Hantrais, L. (1995). *Social Policy in the European Union* (12th ed., pp. 114-224). London: MacMillan.

Hartmann-Tews, I. (2006). Social stratification in sport and sport policy in the European Union. 3(2), pp. 109-124.

Heinemann, K. (2005). Sport and the welfare state in Europe. *European Journal Of Sport Science*, pp. 5(4), 181–188. Retrieved from <http://doi.org/10.1080/17461390500344347>

Hunter, B. (2000). Social exclusion, social capital, and indigenous australians: measuring the social costs of unemployment. *Centre For Aboriginal Economic Policy Research.*, (n.204), 1 41.

Husserl, E. (1982). *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy – First Book: General Introduction to a Pure Phenomenology* (pp. 10-56). The Hage: Nijhoff.

IOC - Statistics. (2018). *International Olympic Committee*. Retrieved 31 August 2018, from <https://www.olympic.org/women-in-sport/background/statistics>

Jennie, P., Sarah, E., Mario, H., Johnston, H., Mathieson, J., & Rispel, L. (2008). *Understanding and Tackling Social Exclusion* (1st ed., pp. 16-50). Lancaster: WHO Commission on Social Determinants of Health.

Junior, N. (1999). *Princípios do processo civil na constituição federal* (5th ed., pp. 10-42). São Paulo: Revista dos Tribunais.

Karamessini, M. (2007). *The Southern European social model* (1st ed., pp. 2-15). Genève: International Institute for labour studies.

Karamessini, M. (2008). Continuity and change in the southern European social model. *International Labour Review*, (Vol 147 (1), 43-70).

Kosik, K. (1963). *Dialética do Concreto* (2nd ed., pp. 13-111). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Kowarick, L. (2003). Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil — Estados Unidos, França e Brasil. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, (n.51), 61-85.

Kuhn, T. (1970). *The Structure of Scientific Revolutions* (2nd ed., pp. 5-27). Chicago and London: University of Chicago Press.

Laclau, E. (2006). . *Inclusão, exclusão e a construção de identidades*. In: AMARAL JR, Aécio; BURITY, Joanildo (Orgs.). *Inclusão social, identidade e diferença: perspectiva pós estruturalista de análise social* (pp. 13-40). São Paulo: Annablume.

Lei de Bases da Segurança Social (1984). Lisboa.

Leibfried, S. (1993). *Towards a European welfare state. New perspectives on the welfare state in Europe* (pp. 133-156).

Leibfried, S. (1992). *Towards a European Welfare State? On Integrating Poverty Regimes in the European Community*. *Social Policy in a Changing Europe*, Boulder: Westview Press.

Lenoir, R. (1989). *Les Exclús ; Un Français Sur Dix* (pp. 13-54). Seuil.

Lesbaupin, I. (2000). *Poder local x exclusão social: a experiência das prefeituras democráticas no Brasil* (1st ed., pp. 31-40). Petrópolis: Vozes.

Lista de Presidentes | CNJ. (2018). *Cnj.pt*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.cnj.pt/staff/hugo-carvalho-2016-fadu/>

Mário Santos. (2018). *Linked In*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.linkedin.com/in/mario-santos-75883432>

Mauss, M., & Levi-Strauss, C. (2008). *Ensaio sobre a dádiva* (p. 54). Lisboa: Edições 70.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (pp. 33-251). São Paulo: Martins Fontes.

Mezzadri, F., Moraes & Silva, M., Figuêroa, K., & Starepravo, F. (2015). Sport Policies in Brazil. *International Journal Of Sport Policy And Politics*, pp. 7(4), 655–666. Retrieved from <http://doi.org/10.1080/19406940.2014.937737>

MISSÃO / CNJ. (2018). *Cnj.pt*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.cnj.pt/missao/>

Moraes e Silva, M., Mezzadri, F., Figueroa, K., & Starepravo, F. (2016). *El panorama de las políticas públicas del deporte em Brasil* (2nd ed., pp. 163-188). Santiago: Revista Observatorio del Deporte.

Morgan, D. (2007). Paradigms Lost and Pragmatism Regained Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods. *Journal Of Mixed Methods Research*, pp. 2-150.

Notícias de Coimbra. (2017). *Noticiasdecoimbra.pt*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.noticiasdecoimbra.pt/novos-orgaos-da-concelhia-coimbra-da-juventude-socialista-iniciam-funcoes-ciclo-2-anos/>

Observador. (2016). *Robel Kiros Habte: a nova sensação do Rio 2016*. *Observador*. Retrieved 23 December 2016, from <http://observador.pt/2016/08/11/robel-kiros-habte-a-nova-sensacao-do-rio-2016/>

Oliveira-Formosinho, J. (2002). *A Supervisão na Formação de Professores I – Da Sala à Escola* (1st ed., pp. 10-34). Porto: Porto Editora.

Olsen, J., & March, J. (2001). *Rethinking the sovereign state model* (3rd ed., pp. 17-42).

Parente, F. (2011). *Oferta e procura desportiva nos estudantes do ensino superior - Estudo realizado com os alunos do 1º ano da Universidade do Minho* (Mestre). Universidade do Minho.

Parsons, E., & Betz, N. (2001). *The relationship of participation in Sports and Physical activity to body objectification, instrumentality, and locus of control among young women* (pp. 209-222).

Parsons, E., & Betz, N. (2001). *THE RELATIONSHIP OF PARTICIPATION IN SPORTS AND PHYSICAL ACTIVITY TO BODY OBJECTIFICATION , INSTRUMENTALITY , AND LOCUS OF CONTROL AMONG YOUNG WOMEN* (25th ed., pp. 209-222).

Patriksson, G. (1973). *Idrottens historia i sociologisk belysning*. (pp. 5-17). Stockholm: Utbildningsförlaget.

Petmesidou, M. (1996). Social protection in Southern Europe: trends and prospects. *Journal Of Area Studies*, (4(9), 95-125.

- Piano Finanziario CUS Reggio Calabria*. (2017) (1st ed., pp. 1 - 6). Reggio Calabria.
- Pierce, C. (1958). *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press Vol. VII: Science and Philosophy.
- Pinheiro, F. (2011). *História da imprensa desportiva em Portugal* (1st ed., pp. 22-80). Porto: Afrontamento.
- Pires, G. (2005). *Agôn Gestão do Desporto: O jogo de Zeus* (1st ed., pp. 23-50). Lisboa: Porto Editora.
- Popper, K. (2005). *Logic of scientific discovery* (1st ed., pp. 133-340). London: Routledge.
- Potter, J. (1996). *Discourse analysis and constructionist approaches: theoretical background*. IN: Richardson, J.T.E. (ed). *Handbook of Qualitative Research Methods for Psychology and the Social Sciences*. (pp. 125 - 140). Leicester: British Psychological Society.
- Proença, C. (2005). A exclusão social em cabo verde: uma abordagem preliminar. *Associação Para A Cooperação Entre Povos, Centros De Estudo Do Instituto Superior De Economia E Gestão Da Universidade Técnica De Lisboa*, 1-73.
- Quem é Emídio Guerreiro*. (2013). *JN*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.jn.pt/politica/interior/quem-e-emidio-guerreiro-3163581.html>
- Regime Jurídico da Federações Desportivas (2008). Lisboa.
- Relatório e Contas - DG/AAC*. (2018) (pp. 1 - 5). Coimbra. Retrieved from <https://www.academica.pt/>
- Renson, R. (1999). *Social Sports Stratification* (pp. 12-20). Leuven: Katholieke Universiteit.
- Robel Kiros Habte: a nova sensação do Rio 2016*. (2016). *Observador*. Retrieved 6 September 2018, from <https://observador.pt/2016/08/11/robel-kiros-habte-a-nova-sensacao-do-rio-2016/>
- RUC*. (2016). *Ruc.pt*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.ruc.pt/2016/12/01/bruno-matias-no-gabinete-do-secretario-de-estado-da-industria/>
- Santos, A. (2000). Narrativas da Nação proporcionadas pelas vitórias desportivas e seus heróis. In *IV Congresso Português de Sociologia - Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos* (pp. 1-12).

Sen, A. (2000). Social exclusion: concept, application, and scrutiny. *Social Development Papers, Office Of Environment And Social Development Asian Development Bank*, (1), 10-15.

Sérgio, M. (1991). *A pergunta filosófica e o desporto* (pp. 10-23). Compendium.

Sérgio, M. (1991). *A Pergunta Filosófica e o Desporto* (1st ed., pp. 1-118). Lisboa: Compêndium.

Special Eurobarometer 213: The citizens of the European Union and Sport. (2004) (pp. 20-47). Retrieved from http://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/archives/ebs/ebs_213_report_en.pdf

STATUTO C.U.S.I. (2011). Roma.

UN. (1948). *The Universal Declaration of Human Rights* (1st ed., p. 1). Paris.

United Nations Economic & Social Affairs. (2016). *Leaving no one behind: the imperative of inclusive development. Report on the World Social Situation*. New York.

Universiadi, il Cusi: Governo e enti locali pronti per lo sprint | Il Denaro.It. (2018). *Ildenaro.it*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.ildenaro.it/universiadi-cusi-governo-enti-locali-pronti-lo-sprint/>

Weber, M. (1949). *The Methodology of the Social Sciences* (1st ed., pp. 5-198). Glencoe, Illinois: The Free Press.

William, G., & Talleu, C. (2010). *Sport et discrimination en Europe, coll. Politiques et pratiques sportives* (pp. 129-130). In: *Les Annales de la recherche urbaine*, N°107, 2012. La ville en thèse.

Wixey, S. (2005). Measuring Accessibility as Experienced by Different Socially Disadvantaged Groups. *EPSRC FIT Programme - Transport Studies Group*, (1), 22-65.

XIX Governo Constitucional. (2018). *Historico.portugal.gov.pt*. Retrieved 25 August 2018, from <https://www.historico.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais/gc19.aspx>

XXX Olimpíada - Londres 2012. (2012). *Comité Olímpico Portugal*. Retrieved 25 August 2018, from <http://comiteolimpicoportugal.pt/jogos/xxx-olimpiada-londres-2012/>

Yin, R. (2009). *Case study research: Design and methods* (4th ed., pp. 14-115). Thousand Oaks, CA: Sage.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Questionário para atletas-estudantes

Inquérito por Questionário Presencial

Questionário efetuado no âmbito do desenvolvimento do estudo intitulado: “*O Desporto Universitário em Portugal e Itália: Papel do desporto na promoção da Igualdade e Integração Social*”. para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Informação sobre o estudo

Título: “*O Desporto Universitário em Portugal e Itália: Papel do desporto na promoção da Igualdade e Integração Social*”

Responsável: Rui Lacerda Magalhães

Orientadora: Professora Doutora Helena Neves Almeida, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra



Parte I

Dados do(a) entrevistado(a)

1. Idade: ____
2. Género:
Feminino
Maculino
3. Naturalidade: _____
4. Nacionalidade: _____
5. Tendo em conta os teus traços físicos, como te descreverias?
Caucasiano
Asiático
Afroamericano
Nativo-americano
Norte-africano
Sul-africano
Outra: _____
6. Qual a tua modalidade desportiva? _____
7. Há quantos anos praticas desporto? ____

Parte II

Seleciona **a opção** que consideras mais adequada à questão.

8. És membro de algum Club desportivo para além do Desporto Universitário?
 Sim
 Não

9. És membro de algum Ginásio para além do Desporto Universitário?

Sim

Não

10. Com que frequência fazes exercício ou praticas desporto?

Regularmente

Com alguma regularidade

Com pouca regularidade

Nunca

Não sei/Não quero responder

11. Geralmente, nos dias em que fazes atividade física vigorosa, quanto tempo dura o exercício?

30 minutos ou menos

31 a 60 minutos

61 a 90 minutos

91 a 120 minutos

Nunca faço atividade física vigorosa

Não sei/Não quero responder

12. Nos últimos 7 dias, em quantos dias caminhaste pelo menos 10 minutos seguidos?

4 a 7 dias

- 1 a 3 dias
- Nunca
- Não sei/Não quero responder

13. Tenho dificuldades em pagar as minhas contas.

- A maior parte do tempo
- De tempos a tempos
- Quase nunca/Nunca

14. Sou bolsheiro ou usufruo da ajuda dos serviços sociais da minha instituição de ensino superior.

- Sim
- Não

Parte III

Assinala **uma das opções** consoante o teu nível de concordância com a afirmação

15. As instalações desportivas que a minha Instituição de Ensino Superior providencia são adequadas à prática da minha modalidade.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo
- Não concordo absolutamente

16. A oferta desportiva na minha Instituição de Ensino Superior é suficiente.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo
- Não concordo absolutamente

17. No Desporto Universitário sinto que sou respeitado por quem eu sou realmente.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo
- Não concordo absolutamente

18. No Desporto Universitário consigo distinguir diferentes classes sociais.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo
- Não concordo absolutamente

19. No Desporto Universitário respeito e sou respeitado.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente

Não concordo

Não concordo absolutamente

20. No Desporto Universitário preocupo-me com o bem-estar dos meus colegas de equipa e sinto que eles se preocupam comigo.

Concordo totalmente

Concordo parcialmente

Não concordo

Não concordo absolutamente

21. A orientação sexual dos meus colegas de equipa é-me indiferente.

Concordo totalmente

Concordo parcialmente

Não concordo

Não concordo absolutamente

22. Assumindo a diversidade no Desporto Universitário, considero que todos partilhamos as mesmas diretrizes de valores fundamentais.

Concordo totalmente

Concordo parcialmente

Não concordo

Não concordo absolutamente

23. Considerando tanto os treinos como os momentos competitivos, sinto que o ambiente no Desporto Universitário é fraterno e solidário.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo
- Não concordo absolutamente

Parte IV

Seleciona **uma ou mais opções** de entre as possibilidades de resposta sobre a prática desportiva e desporto universitário.

24. Porque te envolvereste na prática desportiva?

- Para relaxar
- Para me divertir
- Para melhorar a minha condição física
- Para estar com os amigos
- Para conhecer pessoas de outras culturas
- Para me integrar melhor na sociedade
- Pelo espírito de competição
- Para desenvolver novas habilidades
- Para melhorar a minha autoestima

- Para contrariar os efeitos do envelhecimento
- Para melhorar a minha saúde
- Para melhorar a minha aparência
- Para controlar o meu peso
- Para melhorar a minha *performance* física
- Não sei

Outras razões:

25. Porque te envolvereste no Desporto Universitário?

- Para relaxar
- Para me divertir
- Para melhorar a minha condição física
- Para estar com os amigos
- Para conhecer pessoas de outras culturas
- Para me integrar melhor na sociedade
- Pelo espírito de competição
- Para desenvolver novas habilidades

- Para melhorar a minha autoestima
- Para contrariar os efeitos do envelhecimento
- Para melhorar a minha saúde
- Para melhorar a minha aparência
- Para controlar o meu peso
- Para melhorar a minha *performance* física
- Não sei

Outras razões:

26. Quais as principais razões que te impedem de praticar desporto com mais regularidade?

- Já faço desporto com regularidade
- Sinto-me discriminado(a) pelos(as) outros(as) participantes
- Não existem infraestruturas apropriadas próximas da minha área de

residência

- Não tenho amigos ou amigas com quem praticar desporto
- Tenho medo de lesões
- Não gosto de atividades competitivas
- É muito caro

Tenho uma incapacidade física

Não tenho motivação ou interesse

Não tenho tempo

Outras razões:

Obrigado pela tua participação!

APÊNDICE II – Guião para Entrevista Semiestruturada – Atletas

Código da entrevista: _____

Dados sobre o entrevistado:

Posição:

Sexo: Masc_ | Fem_

Formação: _____

Trajectoria/experiência passada: _____

O atletas e os seus recursos

1. É, na sua opinião, o Desporto Universitário um fenómeno em crescimento?
2. Que medidas podem ser tomadas para promover o desporto universitário?
3. Considera que as infraestruturas da sua equipa são adequadas à prática desportiva?

Quantidade		Estado de preservação		Disponibilidade	
------------	--	-----------------------	--	-----------------	--

4. Como financia a sua pratica desportiva?

É Gratuita		Trabalho		Família	
------------	--	----------	--	---------	--

5. A frequência dos treinos é suficiente ou satisfatória?

Problemas sociais

6. Considera o Desporto como uma ferramenta de transformação social? Em que medida?
7. Considera que a exclusão e discriminação social podem ser combatidas por via

do desporto universitário?

Igualdade Social

8. Na sua opinião, o desporto universitário promove a igualdade social?

Abordar
Status social
Respeito
Consideração Mútua
Preocupação com o Semelhante
Discriminação Sexual

9. Considera que haver manifestações racistas no Desporto Universitário?

10. Assistiu, ou encontrou em algum momento, atos homofóbicos no Desporto Universitário?

11. É normal assistir a manifestações de violência no desporto universitário?

Integração Social

12. Na sua opinião, o desporto universitário promove a integração social?

Abordar
Noção de comunidade
Fraternidade
Solidariedade
Diversidade Étnica

13. Na sua experiência, o desporto conta com mais homens ou mulheres?

Como trilhar o caminho da paridade?	
-------------------------------------	--

14. Considera que o desporto pode constituir uma ferramenta de mobilidade social?

Oportunidade de Carreira		Custo		Precariedade	
--------------------------	--	-------	--	--------------	--

15. Quanto às atividades e treinos de equipa, encontra colegas com dificuldades financeiras?

16. Em que medida a sua equipa desportiva poderia integrar ações para combater a exclusão social e a discriminação?

17. Na sua opinião, o desporto universitário tem vantagens no que toca à promoção da igualdade? E da integração?

O atleta e a sua equipa

18. Possui boas relações com a sua equipa e treinador?

19. Sente-se envolvido nas atividades da equipa diretamente?

20. As políticas, métodos e objetivos da equipa estão de acordo com as suas expectativas?

21. Sente-se totalmente integrado na equipa?

22. É tratado como igual perante os outros colegas de equipa?

23. São-lhe transmitidas indicações para melhor se ajustar ao comportamento dos outros, ou melhor incluir os colegas de treino?

24. O desporto tem influência na forma como toma decisões na sua vida?

25. O desporto universitário ensinou-o a ser mais compreensivo e tolerante?

26. Ser atleta tornou-o uma pessoa melhor? De que forma?

27. Considera fazer Voluntariado através do desporto? Porquê?

APÊNDICE III – Guião para Entrevista Semiestruturada – Treinadores

Código da entrevista: _____

Dados sobre o entrevistado:

Posição:

Sexo: Masc_ | Fem_

Formação: _____

Trajectoria/experiência passada: _____

A organização e os seus recursos

1. É, na sua opinião, o Desporto Universitário um fenómeno em crescimento?
2. Que medidas podem ser tomadas para promover o desporto universitário?
3. Considera que as infraestruturas da sua estrutura são adequadas à prática desportiva?

Quantidade		Estado de preservação		Disponibilidade	
------------	--	-----------------------	--	-----------------	--

4. A sua equipa conta com quantos tipos de financiamento? É bem financiada?

Auto-financiamento		Público		Privado	
--------------------	--	---------	--	---------	--

5. A frequência dos treinos é suficiente ou satisfatória? Como gostaria de expandir?

Problemas sociais

6. Considera o Desporto como uma ferramenta de transformação social? Em que medida?
7. Considera que a exclusão e discriminação social podem ser combatidas por via

do desporto universitário?

Igualdade Social

8. Na sua opinião, o desporto universitário promove a igualdade social?

Abordar
Status social
Respeito
Consideração Mútua
Preocupação com o Semelhante
Discriminação Sexual

9. Considera que haver manifestações racistas no Desporto Universitário?

10. Assistiu, ou encontrou em algum momento, atos homofóbicos no Desporto Universitário?

11. É normal assistir a manifestações de violência no desporto universitário?

Integração Social

12. Na sua opinião, o desporto universitário promove a integração social?

Abordar
Noção de comunidade
Fraternidade
Solidariedade
Diversidade Étnica

13. Na sua experiência, o treino desportivo conta com mais homens ou mulheres?

Como trilhar o caminho da paridade?	
-------------------------------------	--

14. Considera que o desporto pode constituir uma ferramenta de mobilidade social?

Oportunidade de Carreira		Custo		Precariedade	
--------------------------	--	-------	--	--------------	--

15. Quanto às atividades desenvolvidas pela sua instituição, procura desenvolver um sistema de incentivos para o público economicamente menos favorecido?

16. Em que medida o seu projeto desportivo integra ações para combater a exclusão social e a discriminação?

17. O que estratégias aplica, ao nível do treino, para potenciar as vantagens do desporto universitário no que toca à promoção da igualdade? E da integração?

A equipa e o seu clube

18. Possui boas relações com o seu clube?

19. Os protocolos, parcerias ou projetos da sua estrutura envolvem-no diretamente?

20. Como vê as atuais políticas desportivas da sua instituição de ensino?

21. Qual o papel das organizações hierarquicamente a montante da sua na promoção da igualdade social? E na integração social?

22. São-lhe transmitidas informações para que possa aplicar treinos e programas mais em linha com a solução de problemas sociais?

23. Que tipo de política de incentivos poderia fazê-lo colocar mais ênfase na promoção do desporto enquanto ferramenta de transformação social?

24. Considera o voluntariado importante no desporto importante? Porquê?

25. A sua equipa beneficiaria de mais voluntários?
26. Tem dificuldade em encontrar voluntários?
27. Considera que a formação de treinadores desportivos jovens pode ser uma atividade pedagógica? De que forma?

APÊNDICE IV – Guião para Entrevista Semiestruturada – Dirigentes

Código da entrevista: _____

Dados sobre o entrevistado:

Posição:

Sexo: Masc_ | Fem_

Formação: _____

Trajectoria/experiência passada: _____

A organização e os seus recursos

1. É, na sua opinião, o Desporto Universitário um fenómeno em crescimento?
2. Que medidas podem ser tomadas para promover o desporto universitário?
3. Considera que as infraestruturas da sua estrutura são adequadas à prática desportiva?

Quantidade		Estado de preservação		Disponibilidade	
------------	--	-----------------------	--	-----------------	--

4. A sua organização conta com quantos tipos de financiamento?

Auto-financiamento		Público		Privado	
--------------------	--	---------	--	---------	--

5. A sua oferta desportiva é suficiente? Como gostaria de expandir?

Problemas sociais

6. Considera o Desporto como uma ferramenta de transformação social? Em que medida?
7. Considera que a exclusão e discriminação social podem ser combatidas por via

do desporto universitário?

Igualdade Social

8. Na sua opinião, o desporto universitário promove a igualdade social?

Abordar
Status social
Respeito
Consideração Mútua
Preocupação com o Semelhante
Discriminação Sexual

9. Considera que haver manifestações racistas no Desporto Universitário?

10. Assistiu, ou encontrou em algum momento, atos homofóbicos no Desporto Universitário?

11. É normal assistir a manifestações de violência no desporto universitário?

Integração Social

12. Na sua opinião, o desporto universitário promove a integração social?

Abordar
Noção de comunidade
Fraternidade
Solidariedade
Diversidade Étnica

13. Na sua experiência, o dirigismo desportivo conta com mais homens ou mulheres?

Como trilhar o caminho da paridade?	
-------------------------------------	--

14. Considera que o desporto pode constituir uma ferramenta de mobilidade social?

Oportunidade de Carreira		Custo		Precariedade	
--------------------------	--	-------	--	--------------	--

15. Quanto às atividades desenvolvidas pela sua instituição, procura desenvolver um sistema de incentivos para o público economicamente menos favorecido?

16. Em que medida o seu projeto desportivo integra ações para combater a exclusão social e a discriminação?

17. O que se poderá fazer, a nível organizacional, para potenciar as vantagens do desporto universitário no que toca à promoção da igualdade? E da integração?

A organização e o seu ambiente

18. Possui boas relações com instituições sociais da região?

19. Que protocolos, parcerias ou projetos têm em conjunto?

20. Como vê as atuais políticas desportivas da sua instituição de ensino?

21. Qual o papel das organizações hierarquicamente a montante da sua na promoção da igualdade social? E na integração social?

22. São-lhe transmitidas informações para que possa aplicar programas desportivos mais em linha com a solução de problemas sociais?

23. Que tipo de política de incentivos poderia fazê-lo colocar mais ênfase na promoção do desporto enquanto ferramenta de transformação social?
24. Considera o Voluntariado no desporto importante? Porquê?
25. A sua organização beneficiaria de mais voluntários?
26. Tem dificuldade em encontrar voluntários?
27. Considera que a promoção da gestão desportiva jovem pode ser uma tarefa pedagógica? De que forma?

APÊNDICE V – Guião para os Grupos Focais

Código da entrevista: _____

Dados sobre o grupo:

Posições:

Sexo: Masc_ | Fem_

Formação: _____

Trajectoria/experiência passada: _____

A organização e os seus recursos:

1. É, na vossa opinião, o Desporto Universitário um fenómeno em crescimento?
2. Que medidas podem ser tomadas para promover o desporto universitário?
3. Consideram que as infraestruturas da vossa estrutura são adequadas à prática desportiva?

Quantidade		Estado de preservação		Disponibilidade	
------------	--	-----------------------	--	-----------------	--

4. A vossa organização conta com quantos tipos de financiamento?

Auto-financiamento		Público		Privado	
--------------------	--	---------	--	---------	--

5. A vossa oferta desportiva é suficiente? Como gostariam de expandir?

Problemas sociais

6. Consideram o Desporto como uma ferramenta de transformação social? Em que medida?
7. Consideram que a exclusão e discriminação social podem ser combatidas por via

do desporto universitário?

Igualdade Social

8. Na vossa opinião, o desporto universitário promove a igualdade social?

Abordar
Status social
Respeito
Consideração Mútua
Preocupação com o Semelhante
Discriminação Sexual

9. Consideram que haver manifestações racistas no Desporto Universitário?

10. Assistiram, ou encontraram em algum momento, atos homofóbicos no Desporto Universitário?

11. É normal assistir a manifestações de violência no desporto universitário?

Integração Social

12. Na vossa opinião, o desporto universitário promove a integração social?

Abordar
Noção de comunidade
Fraternidade
Solidariedade
Diversidade Étnica

13. Na vossa experiência, a gestão desportiva conta com mais homens ou mulheres?

Como trilhar o caminho da paridade?	
-------------------------------------	--

14. Consideram que o desporto pode constituir uma ferramenta de mobilidade social?

Oportunidade de Carreira		Custo		Precariedade	
--------------------------	--	-------	--	--------------	--

15. Quanto às atividades desenvolvidas pela vossa instituição, procuram desenvolver um sistema de incentivos para o público economicamente menos favorecido?

16. Em que medida o vosso projeto desportivo integra ações para combater a exclusão social e a discriminação?

17. O que se poderá fazer, a nível organizacional, para potenciar as vantagens do desporto universitário no que toca à promoção da igualdade? E da integração?

A organização e o seu ambiente

18. Possuem boas relações com instituições sociais da região?

19. Que protocolos, parcerias ou projetos têm em conjunto?

20. Como vêm as atuais políticas desportivas da sua instituição de ensino?

21. Qual o papel das organizações hierarquicamente a montante da vossa na promoção da igualdade social? E na integração social?

22. São-vos transmitidas informações para que possa aplicar programas desportivos mais em linha com a solução de problemas sociais?

23. Que tipo de política de incentivos poderia fazer-vos colocar mais ênfase na promoção do desporto enquanto ferramenta de transformação social?

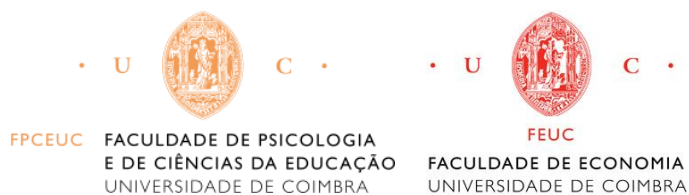
24. Consideram o Voluntariado no desporto importante? Porquê?
25. A vossa organização beneficiaria de mais voluntários?
26. Têm dificuldade em encontrar voluntários?
27. Consideram que a promoção da gestão desportiva nos jovens pode ser uma tarefa pedagógica? De que forma?

APÊNDICE VI – Declaração de Confidencialidade

Eu, Rui Lacerda Magalhães, aluno do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo da Faculdade de Economia em parceria com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e responsável pelo estudo intitulado “*O Desporto Universitário em Portugal e Itália: Papel do desporto na promoção da Igualdade e Integração Social*”, desenvolvido sob a orientação da Professora Doutora Helena Neves Almeida, comprometo-me a guardar a confidencialidade dos dados sobre a organização e participantes deste estudo.

O responsável pelo estudo

Data: __ / __ / _____



APÊNDICE VII – Declaração de Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo da Faculdade de Economia em parceria com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra encontro-me a desenvolver, sob a orientação da Professora Doutora Helena Neves Almeida, um estudo intitulado “*O Desporto Universitário em Portugal e Itália: Papel do desporto na promoção da Igualdade e Integração Social*”. O presente questionário pretende incidir sobre a problemática do *Status Social*, Respeito, Consideração Mútua, Preocupação com o Semelhante, Diversidade Étnica, Género e Orientação Sexual. Serão também serão abordadas as problemáticas da distribuição de bens e materiais, igualdade de acesso e distribuição de oportunidades. Tentar-se-ão entender e identificar assim os mecanismos de promoção de noções de comunidade, fraternidade e solidariedade dentro do Desporto Universitário.

Este inquérito **respeita integralmente a confidencialidade e anonimato dos respondentes**, sendo a sua participação absolutamente voluntária. Poderá retirar o seu consentimento a qualquer altura do processo sem qualquer prejuízo.

Informação sobre o estudo:

Título: “*O Desporto Universitário em Portugal e Itália: Papel do desporto na promoção da Igualdade e Integração Social*”

Responsável: Rui Lacerda Magalhães

Orientadora: Professora Doutora Helena Neves Almeida, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a minha participação no estudo intitulado “*O Desporto Universitário em Portugal e Itália: Papel do desporto na promoção da Igualdade e Integração Social*” e declaro que foram claros quais os propósitos do estudo e da minha participação, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e dos esclarecimentos pertinentes.

Declaro que concordo em participar voluntariamente neste estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e foi-me dado(a) a oportunidade de esclarecer qualquer dúvida.

Assinatura do participante

Assinatura da responsável pelo estudo

Data: ___ / ___ / ____



ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação dos Resultados por País nos Jogos de Berlim 36 ("IOC - Statistics", 2018).....	31
Tabela 2 - Exclusão vs Inclusão Social	36

ÍNDICE DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Articulação Dimensão Real do Fenómeno/Metodologia.....	52
Esquema 2 - Modelo de Recolha e Análise de dados	59
Esquema 3 - Lógica Bicéfala de organização do desporto na AAC	68

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Género dos atletas nos Jogos Olímpicos de Inverno 2014 ("IOC - Statistics", 2018).....	33
Gráfico 2 - Género dos membros dos Comitês Olímpicos Continentais em 2015 ("IOC - Statistics", 2018).....	34
Gráfico 3 - Género dos membros do Comité Olímpico Internacional em 2015 ("IOC - Statistics", 2018).....	34
Gráfico 4 - Satisfação com a oferta desportiva nas instituições de ensino superior em PT e ITA	69
Gráfico 5 - Partilha de valores fundamentais em PT e ITA.....	77
Gráfico 6 - Classes Sociais no Desporto Universitário	78
Gráfico 7 - Reciprocidade na perceção de respeito	80
Gráfico 8 - Preocupação com o semelhante	81
Gráfico 9 - Percentagem de Atletas Bolseiros	82
Gráfico 10 - Dificuldades Financeiras nos Atletas de Desporto Universitário	83
Gráfico 11 - Média de Idades dos Atletas de DU	84
Gráfico 12 - Anos de prática desportiva dos Atletas de DU	85
Gráfico 13 - Perceção Subjetiva do Ambiente no Desporto Universitário.....	88
Gráfico 14 - Posição dos Atletas-Estudantes em relação à Orientação Sexual	90

